



## **Academia Militar**

# **Cultural Awareness Military Training em Portugal, o Estudo de Caso do Afeganistão**

**Aspirante a Oficial Aluno de Infantaria Tiago André Menezes Pires**

**Orientador: Coronel de Infantaria Nuno Lemos Pires**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada  
Lisboa, julho de 2015**



**Academia Militar**

**Cultural Awareness Military Training em Portugal, o  
Estudo de Caso do Afeganistão**

**Aspirante a Oficial Aluno de Infantaria Tiago André Menezes Pires**

**Orientador: Coronel de Infantaria Nuno Lemos Pires**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada  
Lisboa, julho de 2015**

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho a toda a minha  
família, amigos e camaradas de curso da Academia Militar.

## Agradecimentos

Com o *términus* deste Trabalho de Investigação Aplicada, é chegado o momento de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação académica, profissional e pessoal.

Na impossibilidade de referenciar todas as pessoas envolvidas neste percurso, realço aquelas que mais recentemente tiveram uma maior participação nesta investigação. Ao Coronel Lemos Pires, meu orientador que neste trabalho, me mostrou o caminho para a realização do mesmo, com toda a dedicação e paciência que pôde, por isso o meu muito obrigado. Ao Sargento-Ajudante António Rodrigues, que demonstrou, desde o início do trabalho, total disponibilidade para me receber e ajudar na elaboração do trabalho, obrigado pela paciência e pela forma cordial como sempre me recebeu.

Aos meus diretores de curso de Infantaria, Tenente-Coronel Estevão da Silva e Major Pinto de Oliveira, o meu muito obrigado pela forma excepcional como conduziram toda a minha formação ao longo dos dois últimos anos.

À Academia Militar e à Escola das Armas, por me formarem como homem, militar e Infante, obrigado por toda a formação e valores incutidos.

Agradeço também a todos aqueles que contribuíram através da cedência de entrevistas nomeadamente: Coronel Nuno Pires, Coronel Paulo Domingos, Coronel Vítor dos Santos, Tenente-Coronel José Ruivo, Major António Grilo, Major António de Oliveira, Major Roberto Mariano, Major Pedro Ferreira e Sargento-Ajudante António Rodrigues.

À Andreia Graça um especial agradecimento por todo o apoio, não só na elaboração do trabalho, mas principalmente por toda a paciência, dedicação e carinho ao longo do curso.

Aos meus “irmãos” do curso de Infantaria um forte abraço de agradecimento pela amizade, e por estarem presentes sempre que precisei, “*Per Ardua Surgo*”.

Por último, e não menos importante, aos meus pais, por todo o apoio, dedicação, coragem, abnegação, confiança, paciência e amor dedicados a mim. Escassas são as palavras para vos agradecer.

A todos vós o meu mais sincero obrigado.

Tiago Pires

## Resumo

O estudo relacionado com a atuação das forças no conflito do Afeganistão, reúne em si um conjunto de problemas associados ao relevo e à cultura. Esta investigação tem como título “*Cultural Awareness Military Training* em Portugal, o Estudo de Caso do Afeganistão”, e surge no seguimento da problemática ligada à cultura. O objetivo da mesma é apresentar uma caracterização da instrução e treino das questões ligadas à cultura, no aprontamento de uma força nacional para o teatro de operações do Afeganistão, verificando o resultado da sua aplicação. A pergunta inerente à problemática estudada é “Em que medida é o *Cultural Awareness Military Training* relevante para o sucesso das missões das FND portuguesas no Afeganistão?”, que se refere a todas as forças destacadas pelo Exército para este território nos períodos compreendidos entre 2002 e 2014.

Para alcançar esse objetivo e responder às questões levantadas durante a investigação, o trabalho recorreu a uma abordagem metodológica hipotético-dedutiva, através do método de estudo de caso. As técnicas de recolha de dados utilizadas na investigação foram a recolha de dados a partir de dados documentais e através de entrevistas semidiretivas. Conclui-se, com a presente investigação, que a formação e treino das forças nacionais destacadas para este teatro, quer em termos de forças constituídas, quer em termos individuais, teve, ao longo do tempo, um evoluir quer na abordagem, quer no número de tempos de instrução, verificando-se uma evolução na forma de se ministrarem estas instruções, na sua apresentação e na seleção do público-alvo. Concluiu-se também que fruto das características culturais associadas ao povo português, os nossos militares obtiveram grande sucesso junto da população militar e civil neste teatro. Tais características são diversas vezes apontadas como fator de sucesso das missões desempenhadas pelos nossos militares e também referenciadas com grande destaque por militares, não só afegãos, mas também de outras nações que interagiram diariamente neste território.

**Palavras-chave:** *Cultural Awareness Military Training*, Afeganistão, Cultura, Instrução.

## Abstract

The study is related with the actuation of the military forces in the Afghanistan conflict, unites within itself a combination of problems associated with the morphology of the grounds and the culture. This investigation has the title “Cultural Awareness Military Training in Portugal” and The Case Study of Afghanistan, and surges due to the problematics attached to the culture. The objective of the same is to present a characterization of the instructions and training of the questions related to the culture, in the deployment of a national force for the theatre of operations of Afghanistan, verifying the result in its application. The question inherent to the problematics studied is “In which measure is the *Cultural Awareness Military Training* relevant to the success of the missions of the Portuguese FND (Nacional Deployed Forces) in Afghanistan?”, which refers to all deployed forces by the Army to this territories in periods understood between 2002-2014.

To reach this objective and answer the researched questions raised during this investigation, the study appealed to an approach of hypothetic-deductive methodology, through the method of case study. The technics of retrieving data used in the investigation were the retrieval of data from documented data and through semi direct interviews. We conclude, with the present investigation, that the formation of national trained forces deployed to this theatre, be it in terms of constituted forces, be in terms of individual forces, had, throughout this time, an evolution be it in the approach, be it in the number of times of instruction, in its presentation and in the selection of target public. We also conclude the fruits of the cultural characteristics associated with the Portuguese people, that our armies obtained great success with civil and military population of this theatre. Such characteristics have been diverse times pointed out as a factor of success of the missions done by our armies and also referred with great distinct by military forces, not just the Afghanistan, but also by other nations that interacted daily in this territory.

**Keywords:** *Cultural Awareness Military Training*, Afghanistan, Culture, Education.

## Índice Geral

<b>Dedicatória .....</b>	<b>i</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>ii</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>iii</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>iv</b>
<b>Índice Geral .....</b>	<b>v</b>
<b>Índice de Figuras .....</b>	<b>vii</b>
<b>Índice de Tabelas.....</b>	<b>viii</b>
<b>Lista de Apêndices e Anexos .....</b>	<b>ix</b>
<b>Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos .....</b>	<b>xi</b>
<b>Capítulo 1 Introdução.....</b>	<b>1</b>
1.1. Enquadramento da Investigação.....	1
1.2. Importância e Justificação da Investigação .....	2
1.3. Definição dos Objetivos .....	4
1.4. Questão Principal e Questões Derivadas .....	5
1.5. Hipóteses de Investigação .....	5
1.6. Metodologia.....	6
1.7. Enunciado da Estrutura do Trabalho .....	7
<b>Capítulo 2 Revisão da Literatura .....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo 3 Análise da Doutrina .....</b>	<b>15</b>

3.1. Doutrina Nacional .....	15
3.2. Doutrina NATO.....	19
<b>Capítulo 4 Enquadramento Conceptual e Sistema de Instrução do Exército.....</b>	<b>22</b>
4.1. Cultural Awareness .....	22
4.2. Sistema de Instrução do Exército .....	25
<b>Capítulo 5 Trabalho de Campo - Metodologia e Procedimentos.....</b>	<b>28</b>
5.1. Abordagem e Método.....	28
5.2. Técnicas, Procedimentos, e Meios .....	28
5.3. Amostragem .....	29
5.4. Procedimentos de Recolha de Dados .....	30
5.5. Procedimentos de Análise de Dados .....	30
5.6. Materiais e Instrumentos Utilizados.....	31
<b>Capítulo 6 Cultural Awareness Military Training.....</b>	<b>32</b>
6.1. No Aprontamento .....	32
6.2. No Decorrer da Missão.....	37
<b>Capítulo 7 Conclusões e Recomendações .....</b>	<b>43</b>
7.1. Confirmação das Hipóteses e Resposta à Problemática .....	43
7.2. Reflexões Finais .....	47
7.3. Limitações e Dificuldades .....	48
7.4. Recomendações e Propostas de Investigação Subsequente .....	49
<b>Bibliografia .....</b>	<b>50</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>1</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>1</b>



## Índice de Figuras

Figura 1 - Fases do modelo de investigação.....	7
Figura 2 - Pirâmide Cultural Awareness .....	25
Figura 3 - Esquema de Investigação.....	2
Figura 4 - Bandeira oficial da República Islâmica do Afeganistão .....	AN2
Figura 5 - Mapa Político da República Islâmica do Afeganistão .....	AN3
Figura 6 - Mapa da República Islâmica do Afeganistão com Relevo .....	AN4
Figura 7 - Mapa da República Islâmica do Afeganistão com Relevo e Hidrografia.....	AN5
Figura 8- Mapa com as Fronteiras da República Islâmica do Afeganistão .....	AN6
Figura 9 - Mapa com a Distribuição Económica da República Islâmica do Afeganistão .....	AN7
Figura 10 - Divisão Administrativa da República Islâmica do Afeganistão .....	AN8
Figura 11 - Distribuição religiosa da República Islâmica do Afeganistão .....	AN9

## **Índice de Tabelas**

Tabela nº 1 – Estrutura do Trabalho de Investigação Aplicada .....	8
--	---

## **Lista de Apêndices e Anexos**

<b>Apêndices .....</b>	<b>AP1</b>
Apêndice A – Esquema de Investigação. ....	AP2
Apêndice B – Caraterização do Afeganistão.....	AP3
Apêndice C – Guião da Entrevista dirigido a graduados. Exército Português. ....	AP13
Apêndice D – Entrevista dirigida ao Maj Inf Pedro Ferreira.....	AP15
Apêndice E – Entrevista dirigida ao Maj Inf Roberto Mariano. ....	AP21
Apêndice F – Entrevista dirigida ao Cor Inf Nuno Pires. ....	AP26
Apêndice G – Entrevista dirigida ao Maj Inf António Grilo.....	AP32
Apêndice H – Entrevista dirigida ao SAj SGE António Rodrigues. ....	AP36
Apêndice I – Entrevista dirigida ao Tenente-Coronel Inf José Ruivo. ....	AP44
Apêndice J – Entrevista dirigida ao Maj Inf António Oliveira. ....	AP50
Apêndice K – Entrevista dirigida ao Cor Inf Paulo Domingos. ....	AP56
Apêndice L – Entrevista dirigida ao Cor Cav Vítor Santos. ....	AP61
Apêndice M – Amostragem das Entrevistas .....	AP66
<b>Anexos .....</b>	<b>AN1</b>
Anexo A – Bandeira oficial da República Islâmica do Afeganistão .....	AN2
Anexo B – Mapa Político da República Islâmica do Afeganistão .....	AN3
Anexo C – Mapa da República Islâmica do Afeganistão com Relevo .....	AN4
Anexo D – Mapa da República Islâmica do Afeganistão com Relevo e Hidrografia .....	AN5
Anexo E – Mapa com as Fronteiras da República Islâmica do Afeganistão .....	AN6
Anexo F – Mapa com a Distribuição Económica da República Islâmica do Afeganistão.....	AN7

Anexo G – Divisão Administrativa da República Islâmica do Afeganistão .....AN8

Anexo H – Distribuição religiosa da República Islâmica do Afeganistão .....AN9

## **Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos**

a.C.	Antes de Cristo
AJP	Allied Joint Publication
AM	Academia Militar
ANA	Afghan National Army
ANSF	Afghan National Security Forces
AOp	Área de Operações
APA	American Psychological Association
APOD	Airport Protection Overlay District
CA	Cultural Awareness
CAC	Combined Arms Center
CALL	Center for Army Lessons Learned
CAMT	Cultural Awareness Military Training
CFT	Comando das Forças Terrestres
CID	Comando de Instrução e Doutrina
CIL	Clube Internacional do Livro
CIM	Célula de Informações Militares
CIM-A	Célula de Informações Militares- Afeganistão
CIMIC	Civil-Military Cooperation
CN	Contingente Nacional
COIN	Counterinsurgency
CRO	Crisis Response Operations
CULAD	Cultural Adviser
d.C	Depois de Cristo
DMCA	Doutrina Militar Conjunta da Aliança
EME	Estado Maior do Exército
FFAA	Forças Armadas
FM	Field Manuals
FND	Força Nacional Destacada

GNR	<b>Guarda Nacional Republicana</b>
HOTO	<b>Handover Takeover</b>
i.e.	<b>Isto é</b>
IED	<b>Improvised Explosive Divice</b>
INFO OPS	<b>Operações de Informação</b>
IPB	<b>Intelligence Preparation of the Battlefield</b>
ISAF	<b>International Security Assistance Force</b>
JFTC	<b>Joint Force Training Centre</b>
KAIA	<b>Kabul Afeghanistan International Airport</b>
MAT	<b>Military Advisor Team</b>
NA5CRO	<b>Non-Article 5 Crisis Response Operations</b>
NAT GEO	<b>National Geographic</b>
NATO	<b>North Atlantic Treaty Organization</b>
NEO	<b>Noncombatant Evacuation Operations</b>
NEP	<b>Norma de Execução Permanente</b>
NT	<b>Nossas Tropas</b>
OAP	<b>Operações de Apoio à Paz</b>
OE	<b>Objetivo Específico</b>
OG	<b>Objetivo Geral</b>
OMLT	<b>Operational Mentor and Liasion Team</b>
OMLT-D	<b>Operational Mentor and Liaison Team- Divisão</b>
OMLT-G	<b>Operational Mentor and Liaison Team- Guarnição</b>
p.	<b>Página</b>
PD	<b>Perguntas Derivadas</b>
PDE	<b>Publicação Doutrinária do Exército</b>
PDM	<b>Processo de Decisão Militar</b>

PDPA	<b>Partido Democrático Popular do Afeganistão</b>
PSO	<b>Peace Support Operations</b>
PSYOPS	<b>Psychological Operations</b>
QC	<b>Questão Central</b>
QD	<b>Questão Derivada</b>
QRF	<b>Quick Reaction Force</b>
RCF	<b>Relatório Científico Final</b>
REFE	<b>Regulamento de Educação Física do Exército</b>
RGIE	<b>Regulamento Geral da Instrução do Exército</b>
RLA	<b>Repartição de Lições Aprendidas</b>
SBIED	<b>Suicide Borne Improvised Explosive Device</b>
SGE	<b>Serviços Gerais do Exército</b>
SIE	<b>Sistema de Instrução do Exército</b>
TACP	<b>Tactical Air Control Party</b>
TIA	<b>Trabalho de Investigação Aplicada</b>
TO	<b>Teatro de Operações</b>
TPOI	<b>Tirocínio para Oficial de Infantaria</b>
TTP	<b>Táticas, Técnicas e Procedimentos</b>
UEC	<b>Unidades de Escalão Companhia</b>
UEP	<b>Unidades de Escalão Pelotão</b>
VBIED	<b>Vehicle Borne Improvised Explosive Device</b>

## Capítulo 1

### Introdução

*“O tempo para aprender é agora, a vida inteira”*  
Comissão Internacional da Educação para o Século XXI

#### 1.1. Enquadramento da Investigação

“As dimensões identitárias, culturais e religiosas ganharam relevo em conflitos emergentes (Afeganistão e Balcãs)...e até em parte dos já existentes, mobilizando massas pela delimitação do “eu” em relação ao “outro” e introduzindo nas operações militares elementos perturbadores de doutrinas e procedimentos concebidos para conflitos armados do tipo clássico” (Braga, 2012, pp. 1, 2). Este trabalho apresenta-se portanto, numa altura em que os temas sobre a Cultura Islâmica, sudoeste asiático e países árabes, são cada vez mais a ordem do dia, dados os acontecimentos nos últimos 15 anos. Braga (2012, p.2), afirma ainda que “com o centro de gravidade da insurreição materializado pela ligação à população, assume especial importância a plena compreensão dos fatores com ela relacionados e presentes no conflito, muitos deles decorrentes do apelo a motivações identitárias e culturais onde a motivação religiosa ocupa também o seu lugar”. Em relação ao Teatro de Operações (TO), este “apresenta uma série de desafios específicos no que toca ao empenhamento e atuação, esta conjugação de problemáticas advêm da sua riquíssima diversidade cultural, variedade étnica e linguística” (Sobral, 2011, p. 51).

O Afeganistão tem sido um dos TO onde Portugal tem atuado com maior evidência, e se tem distinguido positivamente como afirma Pires (2011, p. 95) “autores internacionais reconhecem a forma diferente dos Portugueses de fazer, destacamos a enorme preocupação no relacionamento com as populações”, por esse motivo o conhecimento acerca do país e da sua cultura, dada a conjuntura atual, é portanto fundamental.

É neste TO e com esta envolvimento que se enquadra a investigação, onde estudámos a instrução e treino que é ministrado às Forças Nacionais Destacadas (FND), e restantes militares Portugueses, aquando da sua ida para este território. No decorrer do Mestrado



Integrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria enquadra-se a elaboração e apresentação do presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), subordinado ao título: “*Cultural awareness military training* em Portugal, o estudo de caso do Afeganistão”.

Como afirma Carvalho (2002, p.22) “A capacidade de se dotar de ferramentas, de desenvolver uma técnica, está diretamente relacionada com o facto de os seres humanos serem capazes de perspetivar o futuro”, como tal, este trabalho tem o objetivo de aprofundar o conhecimento na área específica do “*Cultural Awareness*” (CA), de desenvolver as capacidades do autor na investigação e elaboração de um trabalho com estas características.

Segundo Correia (2012, p.9) “é essencial uma análise geográfica, social, humana, e histórica...”. Mais do que descrever o país em si, ou enumerar as características religiosas do seu povo, este trabalho pretende ser uma análise à cultura Afegã e à formação dada nesta área, para que: ”um melhor conhecimento dos desafios colocados às forças militares em áreas de operações onde fatores identitários, culturais e religiosos, muitas vezes sobrepostos ou conjugados, atuam como “multiplicadores de força” para o oponente, reforçando o seu potencial de combate, ou condicionam e orientam o comportamento das populações” (Braga, 2012, p. 2).

No presente capítulo pretende-se explicar ao leitor a escolha do tema e título, os objetivos da investigação, a questão central e derivadas, as hipóteses resultantes e toda a metodologia adotada, conforme o Apêndice A – Esquema de Investigação.

## 1.2. Importância e Justificação da Investigação

A nossa permanência na Academia Militar (AM) coincide com o período de retração da maioria das forças da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO) deste TO, por esse motivo, é por esta altura que surgem as conclusões acerca desta intervenção militar e quais as suas consequências a nível estratégico, operacional e tático. Portugal fez parte desta intervenção participando com “13.100 homens e mulheres em uniforme militar ao serviço da pátria portuguesa” (Sousa, 2015, p. 27) oriundos dos 3 ramos das Forças Armadas (FFAA) e Guarda Nacional Republicana (GNR). Por consequência, o Exército tirou as suas próprias conclusões acerca da nossa participação neste TO, quer a nível das forças que participaram nas *Quick Reaction Force* (QRF), *Operational Mentor and Liaison Team*-Guarnição e Divisão (OMLT-G, OMLT-D), *Military Advisor Team* (MAT), Elemento de Segurança/Proteção da Força, Célula de Informações Militares (CIM), KAIA APOD *Force*

*Protection Coy*, quer dos relatórios dos que participaram nas diversas missões (Cardoso, Domingos, & Soares, 2014).

A AM teve, portanto, também em consideração a importância deste TO para o país e para o Exército, proporcionando aos seus alunos nos últimos anos a possibilidade de tomar contato com aqueles que, aos mais diversos escalões, estiveram presentes no Afeganistão a prestar serviço, para que houvesse efetivamente uma toma de consciência por parte dos alunos do que é a realidade do Afeganistão e do quotidiano de um militar neste teatro, e ainda possibilitar uma partilha de experiências com estes Soldados. Estas ações tiveram a sua operacionalização efetiva através de palestras e conversas formais. Ao longo destas diversas ações durante o curso na AM, para além das muitas conclusões, houve uma que foi transversal a todas as palestras e conversas formais, que foi tal como conclui Correia (2012, p.9) “estas características tiveram importante influência no modo de operar neste país. Aos soldados que combateram neste TO, impuseram-se duas barreiras principais – a configuração do terreno, e a comunicação (língua, cultura e religião)”. Esta ideia é reforçada por Wunderle (2006), o conhecimento profundo da motivação, intenções, vontade e ambiente cultural do inimigo tem provado ser, para o sucesso das operações, muito mais importante do que a utilização de munições inteligentes, veículos aéreos não tripulados ou sistemas tecnologicamente avançados.

Como afirma Wright (2010), a geografia do Afeganistão apresentou-se como um dos principais obstáculos a toda a operação, assim como havia já sido para outras forças que tentaram entrar no país. O Afeganistão, por si só, é hoje tal como o foi ao longo da sua história, um território que não fica indiferente, quer para aqueles que no século XIX tentaram ocupar esta região, quer para as forças da coligação (em 2001), que dotadas de alta tecnologia militar e assente em doutrinas altamente desenvolvidas, apresentaram sérias dificuldades ao combater no Afeganistão - cemitério de impérios (Collins, 2011) e (Morais, 2015). Por estes motivos, considerámos fundamental para a compreensão do assunto em estudo, a inclusão do Apêndice B – Caracterização do Afeganistão.

Esta investigação reveste-se de especial importância para todos os militares, quer para aqueles que participaram nas ações militares no teatro nos últimos anos, quer para aqueles que dada a conjuntura atual, demonstram interesse em alargar o seu conhecimento sobre a cultura Islâmica e Afegã, e ainda por estar no âmbito da História, das Relações Internacionais, da estratégia e das Ciências socio-comportamentais.

Assim sendo, com este tema pretendemos salientar a importância da instrução e treino nas áreas culturais aos mais diversos escalões, aquando do aprontamento das FND e militares

a título individual, nomeadamente quando são destacados para o TO do Afeganistão.

### 1.3. Definição dos Objetivos

Este trabalho de investigação incidiu somente sobre o Exército no âmbito da temática do CA aquando do aprontamento das FND para o TO do Afeganistão.

O período temporal desta investigação recaiu entre 2002 e 2014, que coincide com o período de tempo em que o Exército contribui com militares das diversas áreas neste território. Apesar da investigação estar limitada em termos temporais, foi necessário recorrer a informações alusivas a outros períodos de tempo para servir de suporte a este trabalho.

No que ao objetivo do estudo diz respeito, este “enuncia de forma precisa o que o investigador tem intenção de fazer para obter as respostas às suas questões de investigação.” e ainda, “Indica o porquê da investigação. É um enunciado declarativo que precisa a orientação da investigação segundo o nível dos conhecimentos estabelecidos no domínio em questão. Especifica as variáveis-chave, a população-alvo e o contexto de estudo” (Fortin, 2002, pp. 99, 100).

O Objetivo Geral (OG) deste trabalho é caracterizar a formação e treino ministrados nesta área específica às FND para o Afeganistão e verificar os resultados da sua aplicação.

Em resultado de tal objetivo geral, advêm os seguintes objetivos específicos (OE):

**OE1** - Analisar a instrução e treino nas diferentes unidades que têm sido destacadas para este teatro;

**OE2** – Compreender de que forma esta instrução influencia a conduta das unidades;

**OE3** – A forma, o local e quando são estas instruções ministradas;

**OE4** - Comparar esta formação dada em Portugal com a que é fornecida nos países aliados.

De forma a alcançar o proposto, foram realizados inquéritos por entrevista. O público-alvo destes inquéritos foram militares do Exército, Oficiais e Sargentos que contribuíram diretamente no Afeganistão e que estiveram integrados nos vários contingentes onde desempenharam funções nas diversas áreas de atuação do Exército. Para além dos inquéritos por entrevista, foram reunidas algumas publicações doutrinárias, livros, artigos e materiais elaborados pelas FND.

## 1.4. Questão Principal e Questões Derivadas

A presente investigação pretende responder à seguinte **Questão Central (QC)**: Em que medida é o CAMT (*Cultural Awareness Military Training*) relevante para o sucesso das missões das FND portuguesas no Afeganistão?

Derivadas desta questão central obtivemos outras Questões Derivadas (QD) pertinentes, nomeadamente:

**Questão Derivada 1:** Qual o processo e a importância dada à formação, em termos de “Cultural Awareness”, das FND que estiveram no Afeganistão?

**Questão Derivada 2:** Quais os resultados obtidos com esse mesmo treino?

**Questão Derivada 3:** Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

**Questão Derivada 4:** Qual a prática de CAMT nos países aliados e, comparativamente, qual a importância relativa que Portugal atribui face aos mesmos?

**Questão Derivada 5:** Existe uma adaptação adequada do treino e da instrução à tipologia de missões executadas pelas FND neste TO?

## 1.5. Hipóteses de Investigação

Apresentadas as questões propostas para investigação, formularam-se as respetivas hipóteses:

**Hipótese 1:** A importância dada ao estudo da cultura do TO do Afeganistão é elevada, mas durante o aprontamento das forças, a parte que corresponde a esta formação, é relativamente pequena e maioritariamente teórica.

**Hipótese 2:** Com este tipo de treino, as forças que vão desenvolver ações no Afeganistão têm maior confiança e níveis de sentimento de segurança.

**Hipótese 3:** Verifica-se um maior à vontade no tratamento com a população quando os militares têm necessidade de desenvolver ações junto das mesmas.

**Hipótese 4:** A importância dada a este tema nos países aliados é bastante elevada, existe alguma doutrina norte-americana na área, que acaba por servir de base para toda a doutrina utilizada pelos países aliados da NATO.

**Hipótese 5:** Nas diretivas de planeamento das FND para este TO vêm previstos tempos de instrução e treino no âmbito do *Cultural Awareness*, mas que na prática não são suficientes para fazer face à importância desta temática.

## 1.6. Metodologia

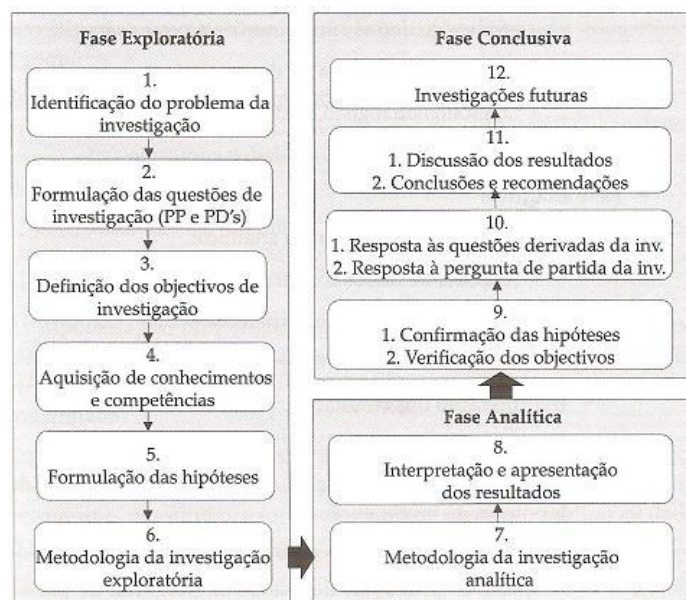
É nesta fase que “o investigador determina os métodos que utilizará para obter as respostas às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas” (Fortin, 2002, p. 40). Para Sarmento (2013, p.4), o método é “composto por um conjunto de regras básicas que visam obter novo conhecimento científico”. O processo de investigação científica é baseado em três fases fundamentais: a fase exploratória, a fase analítica e fase conclusiva (Sarmento, 2013). Conforme se apresenta na Figura n.º 1 – Fases do modelo de investigação e no Apêndice A - Esquema de Investigação.

Por conseguinte, neste trabalho a metodologia adotada foi uma abordagem através do método básico hipotético-dedutivo ou de verificação das hipóteses que segundo Sarmento (2013, p. 9), “Baseia-se na formulação de hipóteses ou conjeturas, que melhor relacionam e explicam os fenómenos”. Sarmento (2013, p.9) diz-nos ainda que, através deste método “as hipóteses são testadas, de modo a confirmar quais são as válidas, ou seja, aquelas em que não há razões para refutar as hipóteses”. Nesta investigação foi ainda utilizado o método de estudo de caso para restringir a investigação a este TO e para que fosse possível retirar respostas qualitativas.

Neste TIA recorreu-se também à técnica de pesquisa documental, e à técnica de pesquisa bibliográfica, em que as pesquisas foram realizadas na Biblioteca da Academia Militar (AM) Sede e na Biblioteca da AM na Amadora e em algumas bibliotecas municipais, sendo para isso utilizadas como palavras-chave: Afeganistão, CA, Islão entre outras. Numa segunda fase, e após toda a recolha de informação, passou-se à análise e tratamento da mesma, que neste TIA se baseia essencialmente em Publicações Doutrinárias do Exército (PDE), Artigos científicos nacionais e estrangeiros, publicações em *web-sites* e revistas militares, *Field Manuals* (FM), entrevistas semidiretivas e ainda materiais produzidos pelas forças que estiveram no Afeganistão (*Handbook* e relatórios).

Para a redação do relatório científico utilizou-se como principal referência a Norma de Execução Permanente (NEP) 520\2ª de 1 de junho de 2013 e como referência secundária utilizou-se a norma da *American Psychological Association* (APA, 2012 à 6ª edição).

Como manuais de referência para a redação do relatório fez-se uso dos seguintes manuais: *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*, da professora Manuela Sarmento; *O Processo de Investigação da concepção à realização*, da professora Fabien Fortin; e do livro *Metodologia do Trabalho Científico "Saber Fazer" da Investigação para Teses*, do professor Eduardo Carvalho.



**Figura 1 - Fases do modelo de investigação.**

Fonte: Sarmento (2013, p. 11)

## 1.7. Enunciado da Estrutura do Trabalho

Para permitir ao leitor uma melhor compreensão do trabalho dividiu-se o mesmo em duas partes (Tabela nº1 Estrutura do Trabalho de Investigação Aplicada), uma parte teórica onde são apresentados conceitos necessários para compreender o estudo, e uma segunda parte mais prática onde se apresentam os resultados do estudo e as devidas conclusões.

A primeira parte (Parte Teórica), é composta pelos seguintes capítulos:

Capítulo I - Introdução, onde se pretende fazer uma apresentação geral do trabalho, nomeadamente explicar o porquê da escolha do tema e título, dar a conhecer a pertinência do mesmo, definir os objetivos da investigação, a metodologia abordada e apresentar a estrutura do trabalho.

Capítulo II – Revisão de Literatura onde se procura apresentar as principais obras que serviram de sustentação para o trabalho e que contribuíram para a evolução do conceito objeto de estudo.

Capítulo III - Análise da Doutrina, faz-se uma breve análise à doutrina nacional e NATO no que ao CA e diz respeito.

Capítulo IV – Enquadramento Conceptual e Sistema de Instrução do Exército (SIE), neste capítulo são definidos um conjunto de conceitos a nível da instrução e do treino para o Exército e define o que é o CA.

A segunda parte (Parte Prática), é composta pelos seguintes capítulos:

Capítulo V – Trabalho de Campo – Metodologia e Procedimentos, neste capítulo expõe-se a metodologia adotada, bem como os métodos de investigação utilizados na investigação.

Capítulo VI – *Cultural Awareness Military Training* em Portugal, este capítulo faz uma breve caracterização do treino e instrução de CA nas unidades destacadas para o Afeganistão dividindo essa caracterização de acordo com as missões desempenhadas no teatro. Tem como intuito dar ao leitor algum conhecimento acerca da instrução e treino na área específica do CA durante o aprontamento, antes de serem destacadas para o Afeganistão. Pretende-se ainda descrever como é que esse treino e instrução influenciam a atuação das forças tendo em conta o tema da investigação.

O Capítulo VII – Conclusões e Recomendações, nesta secção do trabalho pretendemos responder às perguntas efetuadas e fazer a verificação das hipóteses. Por fim apresentam-se as reflexões finais, recomendações, dificuldades sentidas e propostas para investigações futuras.

**Tabela nº 1 – Estrutura do Trabalho de Investigação Aplicada**

Parte Teórica	Parte Prática
<ul style="list-style-type: none"> <li>•Capítulo I</li> <li>•Capítulo II</li> <li>•Capítulo III</li> <li>•Capítulo IV</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Capítulo V</li> <li>•Capítulo VI</li> <li>•Capítulo VII</li> </ul>



## Capítulo 2

### Revisão da Literatura

*“The best-equipped Army in the world can still lose a war  
if it doesn't understand the people it's fighting”*

(McManus, 2015)

Este trabalho, cujo título é “*Cultural Awareness Military Training* em Portugal, o Estudo de Caso do Afeganistão” tem como objetivo caracterizar a formação e treino ministrados nesta área específica às FND para o Afeganistão e verificar os resultados da sua aplicação. Como tal, e por ser um estudo científico, surge agora a altura de apresentar a nossa revisão de literatura que se define como “a apresentação do histórico e da evolução científica do trabalho através da citação e de comentários sobre a literatura considerada relevante que serviu de base para a investigação” (Sarmiento, 2013, pp. 208, 209).

Este tema ligado à cultura, é transversal à própria história da humanidade, e sempre fez parte da arte militar, exemplo disso é a obra de Sun Tzu<sup>1</sup> “Arte da Guerra”, que já no século IV antes de Cristo (a.C) fez referência ao conhecimento, quer do inimigo, quer de nós próprios, “Aquele que conhece o inimigo e se conhece a si mesmo sairá vitorioso de cem batalhas; aquele que se conhece a si mesmo mas não ao inimigo, por cada vitória conquistada conhecerá uma derrota; aquele que não se conhece a si mesmo nem ao inimigo será derrotado em todas as batalhas.” (Tzu, 2013, p. 24).

Para que consigamos entender a guerra<sup>2</sup>, temos que ter em conta todos os fatores envolvidos neste fenómeno de forma a obtermos uma visão completa e abrangente. Neste sentido, o livro “*Welignton, Spínola e Petraeus. O Comando Holístico da Guerra*” de 2013, aborda esta questão da compreensão de todos os fatores envolvidos no processo bélico, utilizando para isso três comandantes de forças envolvidas em conflitos em diferentes TO e

---

<sup>1</sup> **Sun Tzu:** (544-496 a.C), considerado um dos maiores estrategas militares de todos os tempos. Autor da obra *Arte da Guerra*, considerado um dos grandes livros militares e estratégico da história da humanidade. (Sun Tzu, 2013).

<sup>2</sup> **Guerra:** “Violência organizada entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigido contra as fontes de poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo de probabilidades e azares” (Couto, 1998, p. 148).



em épocas distintas<sup>3</sup>. Esta obra defende que qualquer comandante envolvido num conflito da tipologia por nós estudada, deverá ter uma visão holística que lhe possibilite usar todos os meios possíveis na implementação de uma política abrangente, global e completa. Visão esta, que segundo o autor, se desenvolve em quatro dimensões principais: a primeira diz respeito às estruturas das forças envolvidas; a segunda aponta para a coordenação entre todas as organizações envolvidas; a terceira trata da coerência entre a política, a estratégia, as operações e a tática; a quarta, abrange as políticas e as estratégias, que têm de ser pensadas, concorrentemente, para ou antes, o durante e o pós-guerra.

Os conflitos<sup>4</sup>, assim como o mundo, estão em constante mudança, assistimos no último século a uma evolução evidente daquilo a que chamamos de guerra convencional e hoje surge-nos um novo tipo de conflito. Com esta evolução passamos do esforço de derrubar o inimigo pelo poder e pela força, para atualmente aliarmos um conjunto de fatores em que a força e o poder também estão presentes, mas não se apresentam dissociados de outros fatores como a capacidade de criar relações interpessoais com uma série de atores. Neste enquadramento, surge em 2011, o livro "*Understanding War in Afghanistan*", que apresenta um estudo profundo sobre o conflito no Afeganistão, relatando toda a história de conflitos ao longo de 33 anos e breves caracterizações do povo, da cultura e do terreno. Este estudo serve de base para compreender as origens dos conflitos que têm ocorrido neste país.

Em complementaridade a este livro, temos ainda o "*Non-Traditional Missions and the Future of the U.S. Military*", de 1994, que aborda, da mesma forma, a evolução dos conflitos, centrando-se, principalmente, nas duas últimas décadas.

Em 2011 resultado do Programa D. Afonso Henriques surge um artigo, de nome "Afeganistão: Navegar a Encruzilhada Histórica e Étnica" que conta em si uma breve história do país, e das etnias e expõe o resultado desta heterogeneidade étnica.

Como complemento a esta publicação, surge em 2013, na revista "Conjuntura Austral" um artigo intitulado de "*From Bonn to Bonn: One decade of international engagement in Post-Taliban Afghanistan*", que aborda o conflito afegão na época pós-taliban.

"O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial" é uma obra resultante de um artigo mediático escrito em 1993, para a revista "*Foreign Affairs*" cujo autor foi

<sup>3</sup> **Welignton** (Guerra Peninsular, 1807-10814); **Spínola** (Guiné-Bissau, 2968-1973); **Petraeus** (Iraque, 2007-2008; Afeganistão 2010-2011).

<sup>4</sup> **Conflito**: "Designa fundamentalmente uma oposição de interesses que não se traduz forçosamente no emprego da força armada". (Borges, 2008, p. 9).

Samuel P. Huntington<sup>5</sup>. Este artigo sugere que no mundo pós-Guerra Fria, a principal fonte de conflito será a esfera cultural, e não a ideológica ou económica. Huntington, escreve na sua obra, que as motivações do Ocidente vão entrar em choque com outras sociedades, nomeadamente China, Médio Oriente e países islâmicos. Nesta obra, o autor aborda questões como: o conceito de civilização; A relação entre poder e cultura; A relação entre o equilíbrio de poderes e entre as civilizações; A *indigenização*<sup>6</sup> cultural nas sociedades não ocidentais; A militância muçulmana (ou muitas vezes referido como *jiihadismo*), entre outras questões que serviram de base para a compreensão da origem dos conflitos no Afeganistão e do seu desenvolvimento.

Este tema, ao longo da história militar, foi sempre relegado para segundo plano, por não se atribuir uma importância vital a esta questão, nomeadamente no que às operações diz respeito. Só mais recentemente, com o fim da guerra fria e da primeira guerra do Golfo, se começa a referir a importância dos fatores culturais para as operações militares, atribuindo-lhe uma importância chave no desfecho das mesmas. Só no início da década de noventa do século passado, se começou, nos EUA, a abordar esta questão em termos doutrinários e literários. Este debate teve origem na nova tipologia de operações em que as forças norte-americanas e da NATO se têm vindo a envolver, nomeadamente na Somália (1992 a 1995), no Iraque (2003 a 2011) e no Afeganistão (2001-2014). Pelo que, em 1998, foi publicado um artigo na "*Capital "W" War: A Case for Strategic Principles of War*", do General Norte-Americano Anthony Zinni<sup>7</sup>, em resultado da experiência vivida na intervenção militar da Somália. Este artigo de nome "*Non-Traditional Military Missions: Their Nature, and the Need for Cultural Awareness and Flexible Thinking.*", Zinni aponta a falta de conhecimento em relação à Área de Operações (AOp) como o principal fator para o resultado do conflito na Somália em 1993, porque, embora houve-se um bom conhecimento das características do terreno, e uma nítida vantagem em termos tecnológicos para os EUA, houve uma má

---

<sup>5</sup> **P. Huntington:** (1927-2008), Economista norte-americano, foi um dos grandes especialistas em ciência política do ocidente. Autor de um artigo polémico intitulado "*The clash of Civilizations*" publicado em 1993 na revista Foreign Affairs que em 1996 passou a livro tendo sido traduzido para mais de quarenta idiomas. (Huntington, 1999).

<sup>6</sup> **Indigenização:** Fenómeno de adaptação de um povo a um princípio de valor humano que lhe foi pregado, ensinado ou incutido. <http://www.dicionarioglobal.com/portugues/100286-indigenizacao>.

<sup>7</sup> **Anthony Zinni:** (1943-) General Norte-Americano na reforma, que serviu em diversos teatros de operações. Em 1994 Proferiu um discurso para os alunos da *Armed Forces Staff College* relatando a sua experiência em combate na Somália, em 1998 esse discurso passou para um artigo da revista Capital "W" War e originou alguma polémica, por sugerir um novo conceito de informações e uma nova abordagem ao IPB. (Strange, 1998).

interpretação do inimigo que se confunde com a população civil. Este artigo sugere-nos uma nova abordagem, a forma como tratamos as informações na fase de planeamento, nomeadamente em operações fora do convencional, propondo o conceito de *cultural intelligence* que mais tarde foi adotado, quer pela doutrina Norte-Americana (FM 2-0 – *Intelligence*), quer pela NATO. Zinni recomenda, pela primeira vez, com uma nova conceção do *Intelligence Preparation of the Battlespace* (IPB) e aos seus passos. Este prevê ainda uma revisão ao processo de tomada de decisão, em que a parte das informações, trabalhe mais os aspetos relativos à cultura, principalmente na compreensão da dinâmica da sociedade onde estamos a operar.

Em 2006, surge um estudo bastante influente no desenvolvimento da doutrina Norte-Americana, estudo este intitulado de *"Through the Lens of Cultural Awareness: A Primer for US Armed Forces Deploying to Arab and Middle Eastern Countries"*, este estudo, ligado à compreensão da influência dos fatores culturais nas operações militares, caracteriza um método de abordagem para esta nova tipologia de conflitos, utilizando como base as experiências vividas quer na Somália, quer no Iraque. Este trabalho propõe, tal como Zinni, uma nova abordagem ao IPB, ao Processo de Decisão Militar (PDM) e alerta acerca da necessidade de adaptação do Exército Norte-Americano para estes novos teatros em tempo de guerra.

No plano das informações surge o artigo *"Fixing Intel: A Blueprint for Making Intelligence Relevant in Afghanistan"*, de 2010, escrito por militares e civis que trabalharam as informações no teatro do Afeganistão, este analisa criticamente a relevância das informações na estratégia americana contra um inimigo que se dilui na sociedade. Assim argumenta fundamentalmente que todo o processo de recolha de informações, orienta o esforço para a recolha e análise de informações sobre os grupos insurgentes, e que este aparelho de pesquisa, análise e interpretação de informações, não tem capacidade para responder a questões fundamentais sobre o ambiente em que operamos, bem como sobre a população (motivações, organização, entre outros), (Flynn, Pottinger e Batchelor, 2010).

A obra denominada *"O Exército na Guerra Subversiva, 1963"*, resultado da experiência internacional da França e Reino Unido contra a subversão, está dividida em cinco volumes. Nesta obra, são apresentadas definições sobre o que é a Guerra Subversiva, Guerra de Guerrilhas e Guerra Insurrecional. Assim, Guerra Subversiva é "uma luta conduzida no interior de um dado território, por parte dos seus habitantes, ajudados e reforçados, ou não do exterior contra as autoridades de direito ou de facto estabelecidas, com a finalidade de lhes retirar o controlo desse território ou, pelo menos, de paralisar a sua ação."

(EME, 1966a, p. 1). Como podemos verificar pela própria definição, esta forma de combate está intimamente ligada com as sociedades, onde os inimigos se confundem com a população civil. Ao longo dos volumes da obra, é dada importância ao conhecimento das rotinas da população, a sua forma de interagir enquanto sociedade, à importância dos líderes tribais etc. Esta obra atribui um volume dedicado somente às operações psicológicas (Volume III), e ainda outro ligado ao apoio às autoridades civis (Volume IV), que só por si já evidencia a importância dada aos fatores ligados à população.

Para o entendimento genérico do aprontamento de uma FND para o TO do Afeganistão, foi utilizado o “Relatório de Análise – Insuficiências do Modelo de Aprontamento para as FND/ISAF” de 2014, gerado pelo Centro de Lições Aprendidas. Este relatório expõe uma análise ao modelo de aprontamento das FND/ISAF e apresenta as insuficiências verificadas no mesmo, resultando num conjunto de soluções propostas pelo relatório em questão.

“Portugal 12 anos de participação na ISAF” é uma publicação elaborada pelo 8º contingente nacional integrado na *International Security Assistance Force* (ISAF) no TO do Afeganistão, e resume a participação dos 8 contingentes destacados para este teatro ao longo dos 12 anos de presença portuguesa em terras afegãs. Esta publicação, apresenta em si, um resumo sobre a história do país, a geografia, a sociedade afegã, a história e presença da ISAF neste TO e uma caracterização da participação portuguesa. Assim, serviu para compreender a dinâmica da ISAF, a participação portuguesa no país em estudo, e ainda retirar alguns aspetos relativos à caracterização do Afeganistão.

Por se tratar de um tema ligado à cultura do Afeganistão foi indispensável estudar quer as características físicas quer as culturais. Como tal neste plano foram utilizados os seguintes manuais: “*Public Information in Arabic Countries Language and Traditions*” é uma publicação da NATO, que explica de forma bastante profunda os elementos culturais das sociedades nos países árabes. Apresenta uma síntese geográfica e demográfica sobre cada um dos países do mundo árabe, um capítulo de apoio à linguística, um capítulo ligado ao protocolo do dia-a-dia e algumas considerações culturais genéricas. Como complemento a esta publicação, surge um livro cujo título é “Um Certo Oriente” livro este de extrema relevância para o entendimento da cultura dos países muçulmanos, nomeadamente conhecer a dinâmica social, a história, as diferentes etnias, algumas tradições, a religião, entre outros aspetos ligados ao mundo islâmico, de realçar que foi escrito por um militar, mas fora do contexto militar, e ainda que foi premiado pelo Jornal do Exército.

No mesmo plano (físico e geográfico), foram utilizados, neste estudo, vários *handbooks*, que servem de base para um entendimento genérico sobre o Afeganistão, dos quais destacamos: - O “*Afghanistan - Tradoc Culture Center*” de 2009, que tem um formato vocacionado para uma rápida consulta e que é fundamental para os militares que operam no terreno. Este apresenta uma resenha histórica, política, cultural e geográfica. Apresenta ainda alguns aspetos do quotidiano a ter em conta neste território; - O “*Afghanistan Country Handbook*” que serve de referência ao anterior e aborda os mesmos assuntos, mas numa perspetiva mais profunda e com um formato mais académico; O “*Manual do 8º Contingente Nacional/ISAF*”, de Maio de 2014, produzido pela 6ª CIM-A, tem como estrutura e temas abordados os mesmos que os anteriores, mas adaptados às nossas FND. No plano religioso foi utilizado o livro “*Em que Acreditam os Muçulmanos*” escrito por um muçulmano que viveu grande parte da sua vida no Reino Unido. Este livro explica vários assuntos ligados à religião islâmica de forma muito simples e de fácil entendimento. Ainda no plano religioso foi utilizado o livro “O Islão Explicado” que explana todos os dogmas e mitos em relação ao islão que são normalmente colocados pelos ocidentais. Esta obra aborda também alguns temas relacionados com a cultura árabe e muçulmana fazendo a ligação entre a tradição e a modernidade.

Neste estudo, foram ainda utilizados vários manuais doutrinares, nomeadamente, a nível NATO: O AJP-01(D) – Allied Joint Doctrine; O AJP-3(B) – Allied Joint Doctrine for the Conduct of Operations; O AJP-3.4(A) – Allied Joint Doctrine for Non-Article 5 Crisis Response Operations (NA5CRO); O AJP-3.4.1 – Peace Support Operations (PSO); O AJP-3.4.4. – Allied Joint Doctrine for Counterinsurgency (COIN); O AJP-3.10 – Allied Joint Doctrine for Information Operations (INFO OPS); O AJP-3.10.1(A) – Allied Joint Doctrine for Psychological Operations (PSYOPS) e o AJP-9 – NATO Civil-Military Cooperation (CIMIC) Doctrine.

A nível nacional: O PDE 2-00 – Informações Contrainformação e Segurança; O PDE 2-09-00 IPB; O PDE 3-65-00 Operações de Apoio à Paz. Táticas, Técnicas e Procedimentos; O PDE 5-00 - Planeamento Tático e Tomada de Decisão; Regulamento Geral da Instrução do Exército (RGIE), e o manual “O Exército na Guerra Subversiva, 1963”.

## Capítulo 3

### Análise da Doutrina

Doutrina, em termos militares, segundo o AJP-01(D) – Allied Joint Doctrine (2010, p.1-1), define-se como sendo os "princípios fundamentais pelos quais as forças militares orientam as suas ações em prol dos objetivos. Ela é autoritária, mas requer julgamento no âmbito da sua aplicação. O principal objetivo da doutrina é fornecer às Forças Armadas da Aliança um quadro de orientação para a realização das operações". As Forças Armadas Portuguesas (FFAA), fazendo parte da NATO, participam na elaboração da doutrina conjunta, a qual se denomina por Doutrina Militar Conjunta da Aliança (DMCA) e, como tal, assumem como nacional essa doutrina. Esta doutrina conjunta serve, na maioria das vezes, como referência/base para a elaboração de toda a doutrina nacional, por este motivo, esta deve ser também a principal referência para as forças terrestres no desenvolvimento de Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP), Braga (2012).

#### 3.1. Doutrina Nacional

Ao longo das últimas décadas, os conflitos para os quais Portugal tem sido destacado, têm o fator cultural como “multiplicadores de força” para o inimigo - o fator tecnológico em detrimento do fator Humano, nomeadamente, os teatros do Kosovo, do Líbano, da Bósnia e do Afeganistão (Braga, 2012). “Apesar de omnipresente, o fator religioso (cultural) apresenta-se-nos de forma diferenciada para cada um destes Teatros de Operações (TO)” (Braga, 2012, p.7).

Neste subcapítulo dedicado à doutrina, vamos abordar inicialmente a doutrina nacional, centrando a análise ao nível tático e na doutrina em vigor para as forças terrestres, para percebermos onde se enquadram estes fatores ligados à cultura e de que forma é que o nosso Exército os trabalha.

A incorporação de fatores culturais no ciclo da Produção de informações (*Intelligence*), não constitui novidade, isto acontece não só no processo de decisão militar (PDM), mas na própria conduta das operações. Começamos esta análise pelo Estudo do Espaço de Batalha pelas Informações (*IPB-Intelligence Preparation of the Battlespace*), por



ser um “processo sistemático e contínuo de análise da ameaça e do ambiente, numa área geográfica específica, com a finalidade de apoiar o processo de tomada de decisão” (PDE 2-09-00, 2010: 1-2), e por estabelecer “os conceitos doutrinários gerais constituindo uma base para o planeamento da instrução e treino” (PDE 2-09-00, 2010, p. XIX).

No passo 1 – Definir o Ambiente do Espaço de Batalha - o principal foco é a “obtenção das informações para os restantes passos do IPB” (PDE 2-09-00, 2010, p.1-3).”Os aspetos que são alvo da análise profunda são: o terreno, as condições meteorológicas, as infraestruturas logísticas e a demografia” (PDE 2-09-00, 2010, p.1-3). Neste passo, embora se faça referência à ameaça e às características da AOp (Área de operações), não se faz referência alguma às características da população em termos culturais. Desta forma, sugere-nos Braga (2012, p.13) ”Deve também usar-se uma abordagem sistémica, interrelacionando o fator religioso/cultural com outros fatores relevantes, i.e. os fatores político, social, económico e outros”.

No passo 2 – Descrever os Efeitos do Espaço de Batalha - neste passo o Oficial responsável pelas informações (G2/S2<sup>8</sup>) “identifica as limitações e as oportunidades que o espaço de batalha oferece nas possíveis operações das Nossas Tropas (NT) e da ameaça” (PDE 2-09-00, 2010: 1-3), esta avaliação faz referência, uma vez mais, a questões relacionadas com o terreno, condições meteorológicas e características geográficas com possíveis impactos na operação, nestas “incluem-se aspetos políticos, populacionais, demográficos, económicos e outros” (PDE 2-09-00, 2010, p.1-3). Estes fatores devem ser apresentados segundo a forma de um transparente (Transparente da população), que dependendo do TO, poderá não ser suficiente “É redutor representar o efeito das populações nas operações através de um simples transparente, devendo utilizar-se uma forma de representação analítica que permita visualizar as inter-relações entre diferentes fatores críticos e todos os atores relevantes” (Braga, 2012, p. 13).

No passo 3 – Avaliar a Ameaça – “o G2/S2 analisa a informação disponível para determinar como é que, normalmente, a ameaça se organiza para o combate e conduz operações militares” (PDE 2-09-00, 2010, p.1-4). Neste passo do IPB não se faz uma referência objetiva às questões culturais, mas deverão ter-se em conta estes fatores através de uma “avaliação sistémica do meio humano, bem como das razões e motivações das ações

---

<sup>8</sup> **G2/S2:** é o oficial que integra um Estado-Maior e está relacionado com as informações, este disponibiliza todos os dados e notícias relacionados com a operação anteriormente recolhidos e faz o tratamento dos mesmos. A designação G2 corresponde ao escalão Brigada, S2 ao escalão Batalhão.

ou reações de grupos de indivíduos. Deve também aqui ser incluída a análise das lideranças e respetivos sistemas de decisão.” (Braga, 2012, p.13).

O passo 4 - Determinar as Modalidades de Ação da Ameaça – “íntegra, o resultado dos passos anteriores, tendo por objetivo verificar como é que a ameaça doutrínária se adapta às condições do espaço de batalha, levando à identificação e desenvolvimento das suas prováveis m/a.” O Oficial de Informações deve, durante todo o processo, elaborar modelos das m/a bem como as respetivas matrizes “que orientam o esforço das informações na determinação da m/a que a ameaça vai executar.” Por conseguinte, neste passo são incluídos os aspetos relativos ao CA propriamente dito, nomeadamente: religião, etnias, organização política, entre outros. (PDE 2-09-00, 2010, p.1-4).

Como doutrina nacional aprovada no campo das informações temos ainda o PDE 2-00 – Informações, Contrainformação e Segurança. Nesta publicação destacam-se as seguintes referências e conceitos:

- No âmbito do ambiente operacional, obrigatoriedade de “que todo o pessoal ligado às informações mantenha ou adquira muito rapidamente o conhecimento cultural (a um elevado nível de detalhe) específico para o ambiente regional e local na área de operações.” (PDE 2-00, 2009, p.1-1).
- “Informações sociológicas” como área de estudo específica da produção de informações, definida como “...informações respeitantes aos fatores de ordem social e cultural, incluindo dados sobre a população, etnias, estratos e estabilidade social, opinião pública, instrução, religião, saúde, história, língua, valores, perceções e comportamento.” (PDE 2-00, 2009, p.2-10).

Não é objetivo do capítulo propor uma nova denominação para os passos do IPB, ou sugerir uma nova abordagem em relação ao processo, mas após a análise a este processo, torna-se evidente a omissão de certos fatores importantes, que nestas publicações nos remetem para uma categoria de “outros aspetos” designando-os por “ambiente do espaço de batalha” que apenas são referenciados nos casos das *Noncombatant Evacuation Operations* (NEO), *Peace Support Operations* (PSO) e Operações de Assistência Humanitária. Fatores estes, que contribuiriam para uma avaliação completa e sustentada que não se baseia apenas em fatores técnicos ou quantificáveis, mas que tenha em conta outros fatores que tornem possível aos comandantes do nível tático, a compreensão de toda a dinâmica envolvente na sua área de responsabilidade e que possam influenciar direta, ou indiretamente as suas operações (Braga, 2012).



O PDE 3-65 – Operações de Apoio à Paz – Táticas, Técnicas e Procedimentos, pretende “constituir-se como um guia orientador para os Comandantes das Unidades apresentando os conceitos, em termos de TTP a utilizar nas Operações de Apoio à Paz (OAP)” (PDE 3-65, 2011, p.1-1). Nesta publicação destacam-se as seguintes referências e conceitos:

- Relevância dos líderes religiosos em potenciais processos de negociação;
- Locais ou áreas de significado religioso, aos quais se associa um alto significado emocional, como fatores relevantes de planeamento;
- Importância do conhecimento cultural para os processos de negociação;
- Importância do conhecimento cultural no âmbito das Operações de Informação (INFO OPS) e das “atividades psicológicas de apoio à paz”;
- Conhecimento da orientação religiosa dos intérpretes como elemento de informação potencialmente vital;
- Compreensão do ambiente cultural como essencial ao sucesso das OAP;
- Importância da atitude e postura física (ou seja, a perceção de respeito), que é importante em determinadas culturas.

O PDE 5-00 - Planeamento Tático e Tomada de Decisão- “permite o entendimento dos fundamentos do planeamento tático e constitui a base para o desenvolvimento de táticas, técnicas e procedimentos ... sendo aplicável a todos os escalões da componente terrestre” (PDE 5-00, 2007, p.1-1). Nesta publicação destacam-se breves referências no âmbito das considerações de natureza civil, onde se faz referência aos fatores culturais, e no âmbito da lista de objetivos protegidos. Dentro do apoio de fogos insere-se a lista de objetivos protegidos onde estão salvaguardados objetivos (culturais, religiosos, históricos, áreas com elevada concentração de população civil, entre outros).

Em termos de doutrina nacional, existe ainda uma publicação a ter em conta, *O Exército na Guerra Subversiva, 1963*, que se encontra, neste momento, em revisão/elaboração. Dada a data da sua publicação, e ter sido elaborada sob a base da guerra colonial (TO em África), consideramos não estar suficientemente atualizada e adequada em termos táticos ao TO proposto em estudo. Contudo serviu como referência a alguns comandantes de FND recentemente.

### 3.2. Doutrina NATO

Como já foi referido no início deste subcapítulo, a doutrina da NATO, bem como a Norte Americana, assumem um papel de destaque na elaboração da nossa doutrina nacional, ou em caso de inexistência dessas publicações nacionais, na base do planeamento dos comandantes aos mais baixos escalões. Como tal, apresentamos neste subcapítulo, uma breve análise à doutrina NATO, no que diz respeito às questões ligadas à cultura.

O AJP-01(D) – *Allied Joint Doctrine*, documento onde se apresenta a recente política da NATO, e reflete a experiência das operações atuais. Contém a doutrina de topo para as operações conjuntas e combinadas dos países membros da NATO. Nesta publicação podem encontrar-se três referências ao fator cultural, que dizem respeito ao impacto que a cultura pode ter como: fator de instabilidade local ou regional, no âmbito da manutenção da moral e coesão das nossas forças, e como fator de divisão interna dentro dos próprios estados, tendo isto por base os movimentos migratórios que se prevêem.

No AJP-3(B) – *Allied Joint Doctrine for the Conduct of Operations*, descrevem-se os princípios fundamentais de operações conjuntas no nível operacional. Detetam-se breves referências no âmbito das informações, onde se dá uma importância acrescida a questões culturais, históricas, religiosas e demográficas, fazendo referência ao próprio IPB, e referencia-se ainda a questão da proteção de infraestruturas e também da interação entre militares da NATO com diferentes culturas.

O AJP-3.4(A) – *Allied Joint Doctrine for Non-Article 5 Crisis Response Operations (NA5CRO)*, descreve os princípios fundamentais e os diversos tipos de operações efetuadas fora do mandato do artigo 5º e destaca considerações relevantes para o desenrolar destas operações. Esta publicação faz bastantes referências a questões culturais. Assim, aponta os fatores ligados à cultura como um dos princípios das NA5CRO e, por este motivo, deverá ser um dos principais esforços de pesquisa por parte das células de informação, fazendo referência também ao termo *Cultural Competence*, conceito este que nos diz que é importante para todos os tipos de *Crisis Response Operations* (CRO) que exista uma sensibilidade sustentada no que à cultura diz respeito e a violação irrefletida nesta área pode ter um impacto negativo. Apresenta-nos também, como sendo um dos fatores de origem das atuais crises, mas também como um dos fatores potenciais de unificação dos povos. Por fim, referencia a importância do treino na área do CA às tropas da NATO.

No AJP-3.4.1 – *Peace Support Operations (PSO)*, apresentam-se os objetivos, orientações e informações, tanto a nível estratégico, como operacional na condução das PSO da NATO. Nesta publicação documento verificam-se as seguintes referências:

- Multiculturalidade, não só em relação aos intervenientes diretos do conflito, mas também dentro das forças NATO;
- Fatores culturais como potenciais influenciadores do sucesso da PSO; deve ser um dos princípios a serem aplicados em PSO; é um fator primordial tanto na fase do reconhecimento como na fase de estabelecer ligação com entidades locais; por fim, faz referência à necessidade de formação e treino das forças antes de irem atuar numa PSO.

O AJP-3.4.4. – *Allied Joint Doctrine for Counterinsurgency (COIN)*, fornece uma doutrina NATO comum para orientar os comandantes e equipas de formações operacionais e unidades envolvidas na condução da COIN, para utilização aos níveis operacional e tático. Como referências apresenta: as questões ligadas à cultura como sendo um dos elementos de um estado estável; o conhecimento e emprego dos fatores culturais como facilitador das relações sociais; a falta de conhecimento relativamente a CA pode constituir-se como uma oportunidade de exploração para um inimigo; a importância da competência linguística por parte dos militares por ser um facilitador das relações e por indisponibilidade de intérpretes; prevê a inclusão do CA nos objetivos do treino orientado para a missão; a importância das estruturas culturais no atuais TO onde a NATO atua; por fim, referencia a inclusão dos fatores culturais na fase de planeamento, nomeadamente no que diz respeito às informações.

No AJP-3.10 – *Allied Joint Doctrine for Information Operations (INFO OPS)*, descrevem-se os princípios, planeamento, organização, treino e objetivo das operações deste tipo. Este AJP apresenta os fatores culturais como sendo das principais ameaças neste século, a necessidade de incluir um *Cultural Adviser* (CULAD) no estado-maior especial em que este iria aconselhar acerca das implicações culturais nas atividades de INFO OPS, a necessidade de adoção de “regras de comportamento”, evidencia a importância destes aspetos no processo de tomada de decisão e na avaliação do ambiente da informação.

No AJP-3.10.1(A) – *Allied Joint Doctrine for Psychological Operations (PSYOPS)*, são abordados o planeamento, coordenação e condução de PSYOPS militares em apoio às atividades da NATO. Esta publicação faz referências importantes quanto aos fatores culturais nomeadamente: aponta os fatores ligados à cultura, como um dos fatores de maior ameaça nos conflitos, onde se insere a NATO neste momento; refere a importância deste fator nas PSYOPS, mais especificamente na propaganda, tanto como meio facilitador, como constrangedor. Refere ainda a necessidade de existência de especialistas nesta área.

No AJP-9 – NATO Civil-Military Cooperation (CIMIC) Doctrine, descrevem-se os princípios fundamentais e a organização deste tipo de operações. Nesta publicação referenciam-se aspetos culturais, nomeadamente como fazendo parte dos fatores presentes nos conflitos, no planeamento, a necessidade de se ter um especialista em assuntos culturais e a necessidade de treino das forças da NATO nestas questões antes de irem para o teatro.

## Capítulo 4

### Enquadramento Conceptual e Sistema de Instrução do Exército

#### 4.1. Cultural Awareness

*“A cultura é o que identifica um povo com a sua finalidade”.*

(Bessa-Luís, 2008)

O termo *Cultural Awareness* tem surgido cada vez com maior pertinência na literatura militar, apresentando-se como resultado da experiência dos EUA em cenários como o Médio Oriente (Iraque e Afeganistão).

A palavra cultura surge quando falamos em Ciências Humanas, apreendendo-se como um dos mais relevantes nesta área, de tal forma que a Antropologia se constitui como ciência quase exclusivamente em torno deste conceito. Desde o século XIX, que os antropólogos procuram uma definição e delimitação para o estudo deste conceito (Cultura), o que originou diversas definições sobre esta palavra, (Silva, 2009).

Como nos sugere Chito Rodrigues, “podemos decompor analiticamente qualquer sociedade global em cinco sistemas principais: sistema Socio-Genético (ou Ecológico), Sociogeográfico (ou Económico), Cultural ou Político. Dado o tema do trabalho, interessamos apenas a componente ligada à cultura, já que se refere à criação e aceção de códigos de qualquer espécie (linguístico, ético, estético, conjunto de saberes, crenças, etc.) (Rodrigues, 1985).

O termo cultura nasce do termo em latim *colere*, que significa cultivar, é um conceito que deriva da procura e da discussão de uma definição de cultura, por parte da antropologia, tendo em si várias aceções. No século XIX, Edward Tylor, formulou uma definição segundo a qual cultura é “todo o complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes, os hábitos e as capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade”, ou seja, por outras palavras, cultura é “todo o complexo de conhecimentos e toda a habilidade humana empregue socialmente. É ainda todo o comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica” (Silva, 2009, p. 83).

*“I had perfect situational awareness. What I lacked was cultural awareness. Great technical intelligence... Wrong enemy.”*

(Wunderle, 2006)

*Cultural Awareness* pode traduzir-se como Consciência Cultural e, segundo António Rodrigues, define-se como “o entendimento das diferenças entre pessoas de diferentes países ou diferentes origens, especialmente diferenças de atitudes e valores” (Rodrigues, 2014, p. 1).

Por seu lado, *awareness* deriva da expressão *aware*, que significa ter conhecimento ou perceção de algo, e é um adjetivo atribuído quer a pessoas quer a sociedades ou culturas, designando o quanto essas pessoas, ou grupo, têm conhecimento sobre determinados assuntos ou fenómenos. Podemos então definir “*Awareness*” como o atributo de se estar ciente, advertido e atento com o que se passa à sua volta. (Rodrigues, 2014, p. 1)

Como tal, *Cultural Awareness* ou Consciência Cultural pode definir-se como um conhecimento genérico de uma cultura ou sociedade específica abordando aspetos tangíveis (idioma, trajes, gastronomia, desporto, arquitetura, entre outros.), e intangíveis (tolerância às mudanças, crenças, costumes, semântica das palavras, Religião, entre outros), num determinado teatro de operações, seja em ambiente de guerra, ou em missão de paz, (Rodrigues, 2014, pp. 1, 2).

O *Cultural Awareness* não pode ser entendido apenas como um conjunto de regras de tipo *do/ don't do*, mas sim um conjunto de vários níveis de capacidades para a compreensão de certos acontecimentos, (através de uma perspetiva cultural) e aplicando essa compreensão à situação específica. Esses níveis estão expressos na Figura 2 - Pirâmide Cultural Awareness, e dizem respeito a diferentes níveis e tipos de responsabilidades (Comandantes e Soldados). De seguida apresenta-se uma breve explicação dos níveis de *Cultural Awareness* expressos na Figura 2:

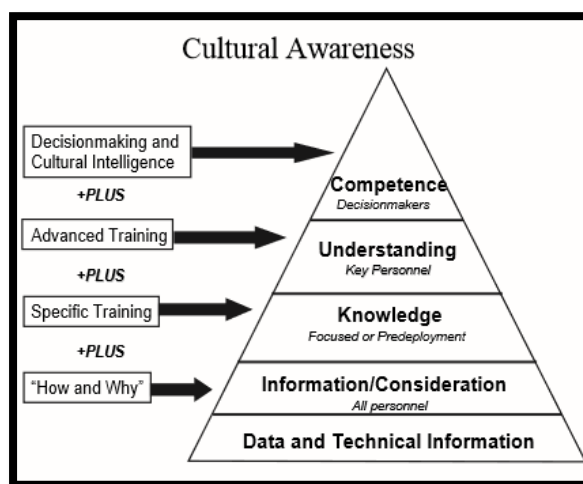
- O nível *Cultural Consideration*, ou traduzido, “Consideração Cultural” que se refere ao nível onde se procura conhecimento básico sobre uma cultura ou área de operações, onde necessariamente as pessoas são distintas em termos culturais. Este nível diz respeito a conceitos genéricos, obtidos geralmente através de *brífting*, ações de formação, ou estágio;
- O nível *Cultural Knowledge*, ou traduzido “Conhecimento Cultural”, este nível já se refere a níveis de Formação Específica, é a exposição da história recente de uma cultura. Ele inclui questões culturais básicas, tais como grupos significativos, atores, líderes e aspetos ligados à dinâmica social, nomeadamente sutilezas culturais e linguísticas.

- A *Cultural Understanding*, ou “Entendimento Cultural”, refere-se a um nível mais aprofundado de conhecimento acerca de uma cultura ou sociedade, de tal forma que se conhecem e utilizam os fatores motivadores dessa determinada cultura no apoio à tomada de decisão militar;

- A “*Cultural Competence*, ou ”Competência Cultural” é, então, o nível mais elevado, estando ao nível do comando operacional. Este refere-se à integração dos conceitos de *Cultural Understanding* e das informações ligadas à cultura (*Cultural intelligence*), que originam operações militares focadas nos aspetos militares e culturais, obedecendo a um planeamento, que tem por base o conhecimento acerca da organização, infraestruturas, meio ambiente, economia, religião e história da AOp.

Existem outros conceitos ligados a esta temática como o conceito de *Cultural-Centric Warfare* ou “Combate focado na diversidade cultural”, juntamente com o conceito de *Technologically-centric warfare*, apresenta-se como o sucesso dos atuais conflitos. Isto porque produz uma sinergia entre o poderio tecnológico e o conhecimento cultural, permitindo, assim, ao comandante operacional, estar habilitado em aspetos que ultrapassam a simples doutrina e a reconhecer as motivações e reações quer por parte do aliado, quer do inimigo. Estes são, portanto, os níveis de conhecimento cultural apresentados de forma hierárquica. É importante referenciar que estes níveis não são estanques, são sim flexíveis e podem forjar-se entre si, dependendo das necessidades.

É importante realçar que não existe uma solução única para aplicar a todos os escalões. O nível de *Cultural Awareness* terá necessariamente que ser adaptado quer ao TO, quer ao nível de instrução, à missão e às características culturais do território. Esta dinâmica faz parte de um complexo mapeamento de entendimento individual e coletivo, não dizendo somente respeito a condicionamentos, mas sim a perceções. (Rodrigues A. J., 2014, pp. 2, 3)



**Figura 2 - Pirâmide Cultural Awareness.**

Fonte: Wunderle (2006, p.11).

## 4.2. Sistema de Instrução do Exército

Antes mesmo de caracterizar o Sistema de Instrução do Exército (SIE), é necessário caracterizar genericamente formação militar, a qual assenta em três vértices de um triângulo equilátero: as vertentes técnico-tática, moral/cívica e física. Estas são, portanto, as bases da formação militar que visa dotar os militares com um conjunto de aptidões, designadas por aptidão geral militar que resulta da interação entre diversas competências como por exemplo: psicomotoras, sociais, culturais e éticas. Estas permitem ao militar desempenhar as diferentes missões que lhe podem ser confiadas, nomeadamente a aptidão para o combate, (RGIE, 2002, p. 1).

Por Sistema de Instrução do Exército (SIE), entende-se “o conjunto de entidades, de atividades e de processos que visam o desenvolvimento do potencial humano da instituição, em todas as suas fases de permanência na organização, para a satisfação dos objetivos do Exército e a valorização individual dos seus elementos” (RGIE, 2002, pp. 1-1, 1-2). Tem como objetivo a preparação dos militares para desempenhar as tarefas que lhes poderão ser atribuídas, inerentes quer ao posto, quer à função, quer à especialidade. Facultar aos militares instrução que lhes permita a progressão, integração, aperfeiçoamento e complementar as suas capacidades. Tem também como objetivo a valorização pessoal dos militares, nomeadamente valorização física, cultural, cívica, entre outros.

Portanto, para o Exército, instrução em sentido lato é “o conjunto de entidades, atividades e processos que visam o desenvolvimento do potencial humano da instituição,



para a satisfação dos seus objetivos e a valorização individual dos seus elementos” (EME, 2002 b, pp. 1-16), em sentido restrito é “o processo de proporcionar aos alunos os meios necessários para a aquisição dos conhecimentos, perícias e atitudes” (RGIE, 2002, pp. 1-16).

Genericamente, a instrução do Exército possui três componentes, sendo que a primeira diz respeito a um carácter genérico que está de acordo com sistema de ensino nacional. Esta refere-se ao ensino e visa desenvolver competências, como a capacidade de raciocínio, de reflexão e de análise crítica, permitindo o desenvolvimento do indivíduo a longo prazo. A instituição caracteriza o Ensino como sendo o “Processo de organização das situações de aprendizagem destinadas a produzir resultados a longo prazo, traduzindo-se num desenvolvimento mental do indivíduo, ampliando e/ou gerando no mesmo a capacidade de perceber e interpretar factos” (RGIE, 2002, pp. 1-3). O ensino inclui o ensino básico, secundário, superior e ensino especial.

A segunda componente, que está associada à formação, é mais específica relativamente às tarefas atribuídas aos militares, visando a aquisição de saberes, de capacidades e de qualidades pessoais direccionadas para uma função específica. É orientada diretamente para a satisfação das necessidades do Exército. Para o Exército, Formação é o “Processo de organização das situações de aprendizagem específicas da instituição, cuja finalidade é conferir, desenvolver e inculcar capacidades (conhecimentos/aptidões/atitudes), para o desempenho de uma função específica” (RGIE, 2002, pp. 1-4).

A terceira componente, associada ao treino, é da mesma forma orientada para a função que o militar vai desempenhar. Através da prática sistemática visa o aperfeiçoamento e manutenção das capacidades/saberes/aptidões que foram obtidas nas restantes componentes, de forma a garantir a eficiência e a eficácia dos militares da instituição. A instituição define treino como sendo um “Processo de organização das situações de aprendizagem específicas da instituição que consiste na aplicação prática e sistemática dos conhecimentos adquiridos e cuja finalidade é a manutenção e aperfeiçoamento das capacidades (conhecimentos/aptidões/atitudes) obtidas” (RGIE, 2002, pp. 1-5).

A instrução no Exército constitui-se como um dos pilares fundamentais para o cumprimento das missões que lhe são atribuídas, quer em tempo de paz, quer em tempo de guerra.

Como tal, esta componente deve levantar as necessidades da instituição e fornecer essa formação orientada para a atividade, função, posto ou especialidade de cada militar, proporcionando ao militar, além destas capacidades de desempenho de funções, uma valorização individual, uma aptidão física e a capacidade de pronta adaptação a novas

situações, proporcionando assim ao Exército, militares completos e com a capacidade de cumprirem as tarefas que lhes serão atribuídas de forma eficaz e eficiente (RGIE, 2002).

## Capítulo 5

### Trabalho de Campo - Metodologia e Procedimentos

*“Um bom método vale mais que um longo discurso”.*

Napoleão Bonaparte

No presente capítulo descrevemos em detalhe a metodologia e procedimentos realizados, para compreender a forma como foi conduzido todo o estudo.

#### 5.1. Abordagem e Método

O método utilizado na nossa investigação foi o hipotético-dedutivo de Karl Popper<sup>9</sup>, em que a partir de um problema identificado, formulámos hipóteses, as quais foram testadas dedutivamente, procurando evidências e ocorrências, para decidir se são verdadeiras ou falsas. Escolhemos esta forma de abordagem porque o conhecimento disponível sobre determinados assuntos são insuficientes para a explicação de todo o fenómeno, desta forma torna-se possível testar teorias para completar lacunas no conhecimento sobre o treino e formação de CA em Portugal.

Para este tipo de abordagem, utilizámos o método de estudo de caso. Uma vez que neste âmbito é necessário uma “investigação aprofundada de um indivíduo, de uma família, de um grupo ou de uma organização (...), explicar relações de causalidade entre a evolução de um fenómeno e uma intervenção” (Fortin, 2002, p. 64). Pretendemos com este método explicar relações de causalidade entre a evolução de um fenómeno (*Cultural Awareness Military Training*), direccionado para o TO do Afeganistão, através do relato de casos obtidos mediante o nosso trabalho campo.

#### 5.2. Técnicas, Procedimentos, e Meios

---

<sup>9</sup> **Karl Popper:** (1902-1983) Filósofo britânico de origem austríaca. Definiu a cientificidade através de um critério melhor que o da verificação: foi assim que determinou que a cientificidade de uma hipótese passa pela possibilidade da sua refutação ou método hipotético-dedutivo (Ediclube, c).

A fase de trabalho de campo iniciou-se com entrevistas exploratórias Apêndice (Apêndice M – Amostragem das entrevistas), tendo como finalidades o levantamento de conhecimento e experiência de especialistas nesta matéria, utilizando o método de entrevista semidiretiva (de resposta aberta) às seguintes entidades: ao Coronel Meireles dos Santos (Comandante do 7º Contingente), ao Coronel Domingos (*Executive Officer/ MAT*), ao Coronel Lemos Pires (Chefe do Estado Maior da OMLT KCD), Tenente-Coronel Ruivo (Comandante de Companhia (QRF) e Comandante da unidade de Apoio), Major Oliveira (Mentor do *branch* G2 3ª OMLT.D), Major Matos Grilo (Comandante de Companhia, Mentor OMLT, Mentor MAT), Major Mariano (Oficial de Informações e Oficial de Segurança), Major Ferreira (Analista de Audiências Alvo), Sargento-Ajudante (*Cultural Advisor, Public Affairs*, Célula de informações militares). Na operacionalização destas entrevistas procuramos levantar as perceções da amostragem dentro das QD para melhor suportar a investigação.

### 5.3. Amostragem

Toda a investigação subentende uma recolha de dados. Esta pode ser obtida com a totalidade dos intervenientes, denominada de população, ou através de uma amostra da mesma. Dessa forma, “a amostragem é o procedimento pelo qual um grupo de pessoas ou um subconjunto de uma população é escolhido com vista a obter informações relacionadas com um fenómeno, e de tal forma, que a população inteira que nos interessa esteja representada” (Fortin, 2002, p. 202). Analisar uma amostra pressupõe a inquirição a um número restrito de pessoas de tal forma que os resultados possam ser generalizados a toda a população (Fortin. 2012). Esta amostra encontra-se assente numa lógica de estratificação de grupos, sendo que estes não variam muito no que se refere ao parâmetro de estudo. Nesse ensejo, foram definidos como estratos: Oficiais e Sargentos que passaram pelo processo de aprontamento para o Afeganistão em missões diferentes e em períodos de tempo diferentes, pelo que são estes que detêm conhecimento teórico, prático e empírico no que concerne ao presente tema sendo, por isso, interlocutores válidos e credíveis. A amostra é composta por elementos que desempenharam todas as funções em que o Exército participou no Afeganistão, são elas QRF, *Force Protection*, OMLT-G/D, MAT, CIM, e alguns cargos a nível individual. Os indivíduos alvos de entrevistas permitiram-nos apurar as diferenças entre cada aprontamento e a sua evolução ao longo dos 8 contingentes.

#### **5.4. Procedimentos de Recolha de Dados**

Na fase de recolha de dados efetuámos dois procedimentos genéricos: o primeiro foi a recolha de dados estatísticos e documentos de forma textual que sustentassem a investigação, nomeadamente através da análise de diretivas de aprontamento, embora, as quais, não podendo explicar ou transcrever por serem documentos classificados. Pudemos, ainda assim, entender e analisar os dados mais importantes para completar o estudo. O segundo procedimento teve por base as entrevistas semidiretivas por nós efetuadas a nove entidades com experiência de aprontamento, pretendendo recolher perceções sobre o fenómeno em estudo recorrendo na investigação a uma aproximação qualitativa.

Os locais e as datas de pesquisa e recolha de dados encontram-se expressos em Apêndice H – Amostragem das Entrevistas.

#### **5.5. Procedimentos de Análise de Dados**

No domínio das técnicas de investigação, utilizamos o método de análise de conteúdos expostos por Berelson (1952) em Sarmiento (2013), que define a mesma como sendo uma “técnica de investigação para a descrição objetiva sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto da comunicação” e é uma “metodologia utilizada nos estudos de conteúdo da comunicação...” (Sarmiento, 2013, p. 47).

Como técnicas de análise de conteúdos foram utilizadas as seguintes: Análise Conceptual, que se “baseia na análise concetual, examinando as relações entre conceitos num texto” (Sarmiento, 2013, p. 48); Análise Qualitativa “preocupa-se com a presença ou ausência de uma característica. Foca-se no valor de um tema, na novidade, no interesse, na importância, entre outros” (Sarmiento, 2013, p. 48); Por fim a Análise de Verificação “visa verificar as hipóteses definidas previamente, havendo um objetivo bem identificado” (Sarmiento, 2013, p. 49).

Estas técnicas permitem, de forma genérica, a construção de uma ferramenta de pesquisa qualitativa que permite a formação de uma base comum a um grupo de indivíduos (entrevistados) sobre um tema específico tendo como objetivo o estabelecimento de bases à formulação de conclusões (Carvalho, 2002).

Neste caso, referimo-nos aos diversos documentos por nós consultados (Doutrina, Relatórios, Diretivas, Publicações e Artigos), bem como os resultados das entrevistas por nós endereçadas, que com o convergir dos resultados obtemos a confirmação das hipóteses.

## **5.6. Materiais e Instrumentos Utilizados**

No trabalho de campo, na realização das entrevistas semidiretivas, de forma presencial, solicitámos autorização aos entrevistados para que fossem gravadas, através de um gravador de voz digital, sendo enviado previamente o guião da entrevista via correio eletrónico. Adicionalmente, todas as entrevistas foram previamente autorizadas por todos os entrevistados, tendo sido posteriormente submetidas à aprovação dos mesmos relativamente à sua publicação. No processamento e análise de dados recolhidos nas entrevistas semidiretivas, também foi utilizado o *Microsoft Excel* (Microsoft Office, 2013) para a construção de tabelas. Finalmente, para a redação do nosso relatório científico final recorreu-se ao *Microsoft Word* (Microsoft Office, 2013).

## Capítulo 6

### *Cultural Awareness Military Training*

Após termos feito a análise dos dados que surgiram com todo o nosso trabalho de campo, surge agora o presente capítulo, que através da apresentação dos resultados, faz uma síntese do que é o CA em Portugal.

#### **6.1. No Aprontamento**

Dado que este trabalho se assume sob a forma de estudo de caso, nomeadamente o treino e instrução de forças que foram projetadas para o Afeganistão, é na fase do aprontamento que estas são postas em prática. Como tal, aprontamento é o ato ou efeito de aprontar, tornar pronto a desempenhar algo. Em termos de nomenclatura militar, aprontamento é o vocábulo que designa a fase de preparação de determinada força ou dos militares indigitados para integrarem determinada missão. Este pode dividir-se em várias fases e subfases (Cardoso, Domingos e Soares, 2014).

Tomamos o 8º contingente como exemplo para apresentar a forma de um aprontamento de uma força para este TO por ter sido o último contingente português a cumprir uma missão neste exigente TO, e por isso ter beneficiado da experiência dos anteriores, constituindo-se portanto, como modelo de análise para este capítulo. Não obstante o referido acima, a caracterização do aprontamento é genérica e transversal a todos os aprontamentos de todos os contingentes.

O aprontamento do 8º CN/ISAF (janeiro a abril de 2014 ), teve como objetivo a preparação de um conjunto de capacidades para o cumprimento da sua missão no Afeganistão orientando o treino em função dos seguintes fatores: natureza, características da AOp e missão. Este dividiu-se em três fases gerais conforme figura 4 – Modelo de Aprontamento. A primeira fase (Fase I Inicial – de 20JAN14 a 30MAR14), foi dedicada à preparação administrativo logística, sanitária, técnica e tática com vista a obtenção de qualificações/proficiência individual e coletiva, contribuindo para o nivelamento do conjunto e treino integrado de cada uma das capacidades que integram a força. A segunda fase (Fase II Treino Conjunto – de 31MAR14 a 24ABR14), foi dedicada ao Treino integrado,

concentrando todas as valências do 8º CN/ISAF para a preparação e treino de tarefas comuns considerando a especificidade, nível e tipo de ameaças e riscos no TO. Na terceira fase (Fase III Final – de 25APR14 a 03MAI14), ocorreu a Preparação e projeção da força (Cardoso, Domingos e Soares, 2014).

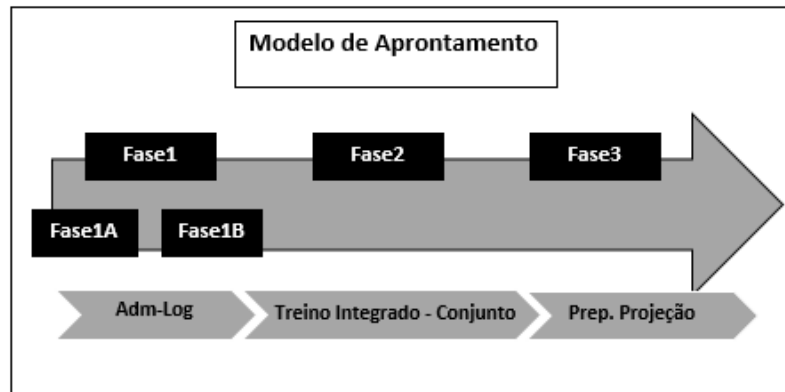


Figura 3 - Modelo de Aprontamento.

Fonte: Direção de Doutrina (2014, p.9).

Uma FND projetada para este teatro é composta por diversas forças ou módulos, os quais já foram referidos anteriormente, que possuem especificidades diferentes. Por este motivo embora exista um programa de aprontamento comum a toda a força, existem programas de treino específicos para cada um destes módulos que decorrem em paralelo ao programa comum e que vão ao encontro das necessidades de cada componente.

O CA aparece na fase de aprontamento das forças, mais especificamente no caso do 8º CN/ISAF na Fase II - Treino Conjunto, onde são realmente colocados em prática os tempos de instrução previstos nas diretivas de aprontamento das forças. Esta atividade surge de acordo com os diversos módulos que compõe todo o contingente, ou seja, a instrução nesta área vai de encontro com a necessidade que cada módulo tem em termos de CA, pela especificidade da sua missão, nomeadamente as equipas que compõe a *Military Advisor Team* (MAT) têm mais tempos de instrução nesta área do que a *force protection* por exemplo. Isto é fruto da atividade a desenvolver por cada uma das forças no teatro e com a interação que cada uma tem com a população afegã, quer sejam militares, quer sejam civis (8ºCN/ISAF, 2014).

Estes tempos de instrução no aprontamento de um FND surgem geralmente sob a forma de palestras explicativas, ou sob a forma de *bríftingue*, quer seja no âmbito do CA, quer seja como parte de um *bríftingue* relativo às informações onde se inclui a caracterização da área de operações. Esta caracterização é feita ocupando geralmente uma a duas horas de



instrução, e é feita por uma pessoa<sup>10</sup> com alguma experiência quer no TO, quer no que diz respeito aos aspetos culturais mais específicos. Nesta ação de formação ou *brífting* são abordados geralmente os aspetos que dizem respeito à geografia, história, política, constituição da sociedade, etnias, religião, língua, aspetos que dizem respeito a gestos e ações que tem determinado significado, entre outros aspetos. Nesta palestra é realçada a importância que um gesto realizado por um militar de qualquer posto, mesmo que fruto do desconhecimento ou de forma involuntária, poderá pôr em causa quer a missão, quer a integridade física da força, e em última instância a própria vida, bem como na imagem do país. No decorrer destas ações são ainda feitas algumas chamadas de atenção à atuação da força e há lugar à colocação de dúvidas por parte dos militares, relativamente à apresentação ou em relação a algum aspeto que se queira esclarecer aspetos da vivência em TO. Esta palestra foi ministrada a qualquer um dos contingentes que foram destacados para o teatro na fase de aprontamento, embora se verifique um evoluir desta ação de formação ao longo dos contingentes, fruto do evoluir da importância atribuída a esta questão. Foi ainda identificado, durante a análise das entrevistas, que, por vezes, essas palestras careciam de atualização do seu conteúdo.

Dentro desta fase II, mas mais para o final, existiu um exercício final denominado “Kabul”, que serviu de certificação para a força. Neste exercício eram injetados alguns incidentes de natureza cultural para que os mesmos fossem comprovados, situação que só se pôs em prática nos últimos contingentes.

Antes da projeção da força para o teatro, era distribuído um *handbook* a cada militar, onde estavam referidos aspetos geográficos, religiosos, políticos, sociais, referências linguísticas e de procedimentos quer em ambiente multinacional na ISAF, quer com o ANA. Este apresentava-se com uma forma simples e de fácil consulta, para que um militar em qualquer situação pudesse recorrer a ele, e assim evitar alguns erros considerados básicos. Estes *handbooks*, ao longo dos vários contingentes foram evoluindo quer no conteúdo quer nas fontes a que recorreram para a sua elaboração. Nestes manuais poderiam ser incluídas algumas chamadas de atenção mais particulares relativamente à atuação da força em termos culturais, as quais o comandante achou conveniente, funcionando como regras culturais a respeitar no decorrer da missão.

---

<sup>10</sup> Este militar responsável pela palestra ao longo dos 8 Contingentes projetados para o TO, foi o Sargento-Ajudante António Rodrigues que além de experiência no terreno, tem um grande conhecimento no que diz respeito à cultura islâmica, e trabalha na área das Informações.

Dada a especificidade de alguns módulos, conforme já referimos, estes teriam além deste *brífting* genérico, mais algumas ações de formação nesta área específica, como é o caso das equipas MAT, que decorrente da sua ação diária no teatro, em que estabeleciam diariamente contato com militares afegãos de etnias diferentes, e consequentemente teriam também que ter mais atenção a estes aspetos, para que não fosse colocada em causa nem a missão, nem a sua própria integridade física. No caso da MAT, os militares tinham, além do *brífting* inicial genérico para todo o contingente, mais algumas palestras neste âmbito, assim como algumas ações posteriores onde eram injetados incidentes<sup>11</sup> de âmbito cultural, incidentes estes que aconteceram na realidade em contingentes anteriores, e que agora eram injetados na nova força onde se punha à prova o desembaraço e o conhecimento dos militares que compunham a MAT. Decorrente destas ações, eram levadas a cabo discussões entre os militares que iam para o teatro, e aqueles que já lá tinham estado a viver estes mesmos incidentes, para que se pudesse aproveitar a experiência de quem já lá tinha estado, com um desempenho brilhante.

Estes militares faziam também um curso por *e-learning* no site da NATO, onde ganharam uma certificação em CA o que lhes permitiu, posteriormente, frequentar um curso na *Joint Force Training Centre* (JFTC) em *Bydgoszcz*, na Polónia, que tinha uma duração de dez dias. Neste, numa primeira fase, estes elementos eram familiarizados com a função que iam desempenhar, e numa segunda fase, sob a forma de exercício final, onde eram enquadrantes de militares afegãos, além de se treinar procedimentos de planeamento e comando, eram postos à prova em ambiente controlado considerando os aspetos culturais.

Comprovámos, através do trabalho de campo, que nem todos os militares destacados para o Afeganistão integram uma FND, pelo que existem militares que desempenham funções no território afegão a título individual e, portanto, nem sempre beneficiaram de um aprontamento formal. Nestes casos, o aprontamento incide somente em questões administrativo logísticas e sanitárias, obrigando os próprios a providenciar a sua própria preparação para a missão que vão desempenhar e para as características do TO, nomeadamente irem ao encontro das experiências dos que também já cumpriram missão neste território, ou irem ao encontro de bibliografia que lhes sirva de suporte para a sua própria preparação (Ferreira, 2015).

Com o trabalho de campo, surge-nos também a questão da importância dada pelo nosso Exército a este fator cultural no aprontamento e na preparação dos militares destacados

---

<sup>11</sup> Emprego de lições identificadas.

em missão para o Afeganistão. O Exército português atribui de uma forma geral, um grau de importância elevado, isto pode verificar-se não só com as respostas às entrevistas efetuadas, mas também com os programas de instrução de CA a determinadas forças. Falar de grau de importância é sempre uma questão relativa, o mesmo se passa nesta área, a importância dada a esta questão tem a ver diretamente com a especificidade da força, os membros que a compõe, a sua missão, o local onde vão atuar, e principalmente, com quem vão atuar. Essa instrução é então direcionada para estas questões, portanto, quando se analisa um programa/diretiva de aprontamento de uma QRF ou de uma *Force Protection*, onde aparece apenas um tempo dedicado ao CA, não se pode concluir que é dada pouca importância, dever-se-á ter em conta que este tipo de forças não tem praticamente contato com a população, e quando têm, esse contato é de forma muito ligeira, pelo que no decorrer do seu aprontamento se dediquem muito mais à prática de tarefas críticas relacionadas com a missão que vão desempenhar (Armamento e tiro, TT, entre outros). Em contrapartida, uma força tipo MAT ou OMLT já tem no seu programa/diretiva de aprontamento muito mais tempos relacionados com esta questão, pela própria especificidade da missão, dado que o seu trabalho diário é de assessorar militares afegãos.

Nesta fase de preparação de uma força para desempenhar determinada missão em território estrangeiro, nomeadamente em território afegão, convém também lembrar a importância que Repartição de Lições Aprendidas tem nesta dinâmica de aprontamento. Este organismo recebe relatórios de todos os militares (quando em título individual), ou por parte das forças constituídas onde são abordados os aspetos positivos e negativos relativamente à missão que vão desempenhar e ao período em que estiveram no teatro. Estes relatórios recebem o devido tratamento e estão depois disponíveis para consulta para todos os militares que assim o desejarem (de acordo com a sua credenciação e com a respetiva classificação de segurança). Estas informações devem então ser tratadas pelos comandantes das forças, a fim de colmatar potenciais erros no decorrer da missão, devendo para isto ser criados mecanismos de treino no próprio aprontamento das forças ou NEP para a conduta das operações.

Por último, foi ainda referenciada a inexistência de uma entidade formal que tenha a responsabilidade de tratar estas questões e que tenha também a experiência e a formação necessária, nomeadamente para fazer a recolha de informação junto dos contingentes nacionais e internacionais e de outras fontes (juntamente com outras entidades ligadas às informações), tratá-la e analisá-la de forma adequada, reproduzi-la num formato tipo *Handbook*, e por fim, ministrar também as tais ações de formação, quer ao contingente de

uma forma genérica, mas também ações de formação mais direcionadas para a especificidade de cada subunidade. Esta entidade seria também a responsável pela aplicabilidade destas matérias nos exercícios finais dos aprontamentos e ainda de validar e avaliar os militares que constituem o contingente nesta área em concreto.

## 6.2. No Decorrer da Missão

O contingente após ser projetado para o TO tem um período de cerca de uma semana designado de *Handover Takeover* (HOTO), onde há uma transferência de responsabilidades, de experiências e da própria missão, se assim for o caso, do contingente antecessor para o contingente seguinte. Este período é de extrema importância, pois é nesta fase que os militares partilham as suas experiências e deixam avisos para que, em situações semelhantes, os militares que daí em diante vão atuar neste teatro saibam reagir, ou por outro lado, evitar determinadas situações. Isto acontece naturalmente e também acerca das questões culturais e de quotidiano, em relação, quer aos afegãos, quer também a outras forças aliadas em ambiente multinacional. Isto porque o CA não se limita a definir a relação entre duas entidades opostas, mas sim entre duas entidades com características diferentes, o que significa que é importante conhecer quem trabalha “contra” nós, mas também conhecer quem trabalha ao nosso lado, e deste modo estabelecer relações num bom ambiente de trabalho, onde o relacionamento interpessoal é importante.

Nesta etapa designada por HOTO, são realizadas as habituais tarefas de carácter administrativo logístico de qualquer destacamento de uma força para outro território. Neste período são também lembradas algumas questões relativas quer à missão, quer à fase anterior, de aprontamento, funcionando como a última chamada de atenção onde é realizado um *bríflingue* de segurança, o qual aborda questões do quotidiano, da unidade e da força, onde mais uma vez estas questões relacionadas com a cultura têm lugar, abordando assuntos de índole prática do relacionamento interpessoal.

No decorrer da missão estes ensinamentos são postos em prática mais uma vez, de acordo com o que as subunidades do contingente vão realizar no teatro, que em alguns dos casos têm estas questões culturais previstas quer nas NEP quer nos *Handbooks* distribuídos.

No caso de uma força tipo Quick Reaction Force (QRF) ou *Force Protection*, estas têm as habituais indicações genéricas de conduta com o povo afegão e têm ainda o tal *handbook* distribuído pela força. Estes militares têm também a indicação, para o caso de

estabelecer contacto com algum indivíduo afegão, para o direcionarem o mais rapidamente possível para o graduado mais próximo, dado que estes tiveram uma formação mais completa e daí advir uma maior flexibilidade para a resolução do problema.

Este tipo de forças têm ainda o cuidado de no seu dia-a-dia quando saem para o exterior, no *brífgue* da Ordem de Operações, fazerem algumas chamadas de atenção, como por exemplo não aceitar qualquer tipo de alimentação ou bebidas, nos deslocamentos em viatura, não acenar com a mão esquerda, ou o de muitas vezes terem em consideração que as mesquitas não têm que ter a configuração normal de uma mesquita, e que podem apenas ser uma casa normal, para terem atenção a pequenos indicadores que poderão identificar estes locais de culto, nomeadamente a presença de megafones.

As forças quando têm (no decorrer da sua missão de atuar fora do aquartelamento), a atenção de se dirigirem à entidade local, quer seja a esquadra de polícia local, ou o *mullah*<sup>12</sup>, ou ainda o indivíduo mais velho da comunidade designado por *elder*<sup>13</sup>. Não que seja conduta obrigatória, mas torna os movimentos dentro da região mais acessíveis, e cria uma sensação de segurança aos locais de ainda terem o controlo sobre o seu território. Os militares dirigem-se a estas entidades a informar que irão atuar na região durante determinado tempo e irão desenvolver determinada atividade, desta forma essa comunidade sente que de alguma forma está a autorizar que a força opere nesta região. Este tipo de forças, bem como outras que têm a necessidade de sair do aquartelamento, tinham também a prática corrente de distribuir material escolar, ou vestuário à população. Toda esta dinâmica aligeira as relações entre cada uma das partes, facilitando o trabalho dos nossos militares e de alguma forma reduzir também o risco de incidentes e/ou agressões (agressões armadas ou não), levando até, numa situação extrema, a uma relação de cooperação entre os locais e os militares da ISAF.

No caso de força tipo MAT ou OMLT, relacionadas com mentoria ou assessoria aos militares afegãos, estes punham em prática diariamente estes ensinamentos que obtiveram ao longo do aprontamento. Como já foi referido foram dedicados a esta questão muitos tempos de instrução comparativamente a outras subunidades. Os militares que desempenharam estas funções, fruto do seu trabalho, teriam lidação diária com eles (afegãos) e portanto, afirmam que estes ensinamentos são, sem qualquer reserva, fundamentais para aligeirar as relações entre os afegãos e os militares portugueses, o que se traduz também no trabalho desenvolvido, e que em muitos casos ultrapassou a barreira da relação profissional, passando a relações de amizade que ainda hoje, apesar da distância, se mantêm. Isto só é

---

<sup>12</sup> Ver apêndice B

<sup>13</sup> Ver apêndice B

possível devido ao bom senso, respeito mútuo e compreensão de parte a parte e na confiança que se está disposto a partilhar por ambas as partes.

Nesta questão todos (os entrevistados), apontam o “ser português” como um fator facilitador no trato, pelas próprias características do nosso povo, afirmando-se sempre como pessoas afáveis, respeitadoras, compreensivas, bem-dispostas, disciplinadas, profissionais e tecnicamente competentes, encarando estas questões ligadas à cultura como um desafio e uma oportunidade. É ainda de realçar o esforço, não forçado nem com um tom de falsidade, mas sim de uma forma natural, sincera e até espontânea, que os militares colocam na forma de tratamento com indivíduos não só de origem afegã, mas também de outras nacionalidades, nomeadamente ao tentarem eles próprios proferir algumas palavras e frases simples em *Dari*<sup>14</sup> ou noutra língua, ou ao tentarem partilhar algo próprio da nossa cultura, o que, além de ser extremamente valorizado pelos afegãos e membros de outras nacionalidades pertencentes à ISAF, também potenciam e facilitam as relações profissionais e interpessoais. Esta questão foi então um critério diferenciador da atuação nacional junto da população afegã, não só reconhecido pelos próprios afegãos mas também por parte de chefes e comandantes de forças aliadas pertencentes a ISAF. Este aspeto torna a atuação dos militares portugueses diferenciada da maioria dos outros contingentes que operam no Afeganistão.

Ao analisarmos esta diferenciação não podemos desprezar que algum desses contingentes, embora tenham uma postura mais rígida ou menos natural, e evidenciem dificuldades no tratamento social, ou mesmo no quebrar o gelo inicial, isto também se pode dever ao facto de assumirem um papel mais mediático no teatro e por, talvez, se sentirem mais procurados por parte da ameaça, relativamente ao contingente português. Esta forma diferenciada foi referida várias vezes durante as entrevistas, tentando ilustrar as mesmas afirmações com um exemplo, os portugueses conseguem operar e estar no mesmo espaço físico que os militares afegãos sem estarem equipados e armados, muitas vezes até a colocarem a sua integridade pessoal em prol das boas relações, com, ou por vezes sem o apoio da *Force Protection*, mas mesmo esta era colocada de forma a não causar constrangimento aos cidadãos que interagiam com a força nacional. Esta facilidade não se verifica noutros contingentes que também operam no mesmo território e que além de uma formação no mínimo semelhante à dos militares portugueses contam com um conjunto de meios e de apoios que os militares portugueses não dispõem com a mesma facilidade.

---

<sup>14</sup> Dialeto mais falado no TO (pelos Afegãos). Ver apêndice B.

Outro fator potenciador do sucesso das missões, foi o papel desempenhado pelos intérpretes, que através da sua própria experiência, fruto da sua própria origem, mas também por em alguns casos acompanharem vários militares dos vários contingentes ao longo do tempo. Estes indivíduos têm o saber necessário da vivência entre afegãos, sabem os detalhes, as características e as particularidades de cada etnia, além de dominarem a língua e alguns dialetos, para além do inglês. Isto para os militares portugueses foi apontado como um dos principais fatores para a boa condução de toda a missão em território afegão, devido ao facto dos mesmos aconselharem e alertarem os nossos militares de uma forma leal, acerca destes pequenos detalhes que não se aprendem por muitas palestras e muito estudo bibliográfico que se faça, só com a experiência e o tato fruto da própria vivência diária, que se pode extrair.

O fator experiência, é outro dos fatores apontados como potenciadores do bom desempenho português em terras afegãs, em que existiam em qualquer um dos contingentes, que já tinham prestado serviço fora de Portugal. Nos primeiros contingentes, esses militares tinham então prestado serviço nos Balcãs, Líbano e nas ex-províncias ultramarinas, o que lhes conferia a experiência suficiente para saberem lidar e respeitar pessoas com características e crenças diferentes das nossas e desta forma também ajudar os militares que saíam em missão pela primeira vez. Por outro lado, nos contingentes mais recentes, estes já tinham integrado em si vários militares que também eles já tinham participado em missões quer noutros territórios quer no próprio Afeganistão, e por isso, melhor que qualquer ação de formação, estes beneficiavam da experiência vivida no terreno em primeira pessoa com todas as coisas positivas que isso acrescenta a uma força. Estes militares foram fundamentais para o desenrolar, quer da missão, quer do próprio aprontamento, ajudando assim mais uma vez os militares que se iniciavam neste tipo de missões e que não tinha qualquer experiência no terreno e que muitas vezes vão para o teatro, ou pelo menos para o aprontamento com a sua mente cheia de mitos, dúvidas e curiosidades, por tudo aquilo que se ouve falar quer na comunicação social, quer nas novas fontes de informação (e que em muitos casos não são cem por cento verdade).

Os militares que não integraram nenhum contingente, e vão para o teatro desempenhar cargos a nível individual, embora não beneficiem de nenhum aprontamento, nem mesmo o *briefing* que é dado a todos os militares de um contingente, muitas vezes vão ser aqueles que, fruto da sua missão, mais iriam beneficiar dele, por exemplo no que toca aos militares que desempenham as funções da CIM ou Analista de Audiência Alvo/ *Target Audience Analysis*, no âmbito das PSYOPS. Estes atuam diariamente à civil junto da população, em que a sua missão é exatamente relacionarem-se com a população para extrair



informações ou porem à prova os produtos das PSYOPS. Ainda assim, conseguem desempenhar as suas missões de forma exemplar, apontando para isso como fatores principais o sucesso da sua atuação, a aprendizagem com os que ocuparam estes lugares anteriormente, o bom senso de parte a parte, e, mais uma vez, o “ser português” que consideram ser um conjunto de características intrínsecas ao cidadão português que tem extrema facilidade no trato social e em estabelecer relações de confiança e amizade.

Os militares que ocuparam cargos no Estado-Maior, não tinham contato prolongado com o cidadão afegão, por isso não tinham a necessidade de pôr em prática e de forma aprofundada as questões de CA, ainda assim assumem como sendo uma questão fundamental para o sucesso das missões que se desenrolaram no Afeganistão.

Esta temática ligada aos aspetos culturais assume, hoje em dia, uma importância extrema dentro daquilo a que se denomina de *intelligence*<sup>15</sup>, este evoluir da importância atribuída pelos militares a esta área das informações, é motivado pela perceção ou pela consciencialização que os comandantes (aos mais diversos níveis) de forças em teatros de operações mais recentes têm relativamente ao entendimento do que é isto do CA, que não deve, nem pode ser entendido como simples aspetos ligados ao quotidiano de determinado povo, nomeadamente algumas palavras “proibidas“, determinados assuntos “tabu”, ou algumas regras de comportamento cívico. O CA tem que ser entendido numa dinâmica mais abrangente, temos que entender a dinâmica do próprio país, a sua estrutura política e forma de organização, qual é o tipo de ajuda que é importante para aquela região, não chega entender o dia-a-dia da missão.

Quando abordamos uma missão com as características desta levada a cabo no Afeganistão, temos que ter em conta o tipo de modelo de desenvolvimento a implementar neste país considerando estas questões ligadas à própria estrutura da sociedade como por exemplo, num país com estas características não faz sentido falar em separação de Estado, igreja e governo, e são questões deste género que têm que ser tidas em consideração. Estas questões atualmente começam a ser levantadas e a ter uma importância considerável na estratégia dos países através de novos instrumentos como o *Comprehensive Approach*<sup>16</sup>, o *Nation-*

---

<sup>15</sup> **Intelligence/Informações:** Área Funcional/Função de Combate militar que explora a recolha e análise de informação para servir de apoio à decisão dos Comandantes. Isto é conseguido através de uma avaliação dos dados disponíveis a partir de uma ampla variedade de fontes, este processo está inserido na fase de planeamento e responde às perguntas do Comandante (NATO, 2013).

<sup>16</sup> **Comprehensive Approach:** gestão eficaz da crise através de uma abordagem global envolvendo instrumentos políticos, civis e militares (Nato, 2014).



*Building*<sup>17</sup> e o *State-Building*<sup>18</sup>, que devem ser utilizados aos mais diversos escalões e de forma sincronizada e coordenada.

A abordagem dos próprios militares tem que ser uma abordagem de compreensão cultural, a nossa missão não é mudar aspetos culturais, só porque no nosso país as coisas não se fazem assim, e depreendemos enquanto cidadãos que determinados comportamentos são errados socialmente ou fogem áquilo que temos como padrão, não é essa a nossa missão.

O erro mais comum, e é nesta área que o nosso exército pode trabalhar, é a tentativa de replicar a nossa cultura organizacional, o que neste país simplesmente não funciona.

O CA não se refere somente á questão de lidar com pessoas, entender a sua organização política, social, religiosa, entender aspetos culturais, mas também perceber o que é mais adequado para aquele povo e depois estabelecer a missão dentro da sua matriz cultural desde que não seja ofensiva contra os direitos básicos do ser humano.

---

<sup>17</sup> **Nation-Building:** É a construção ou estruturação de uma identidade nacional através do uso do poder do Estado. Assim o *Nation -Building* visa a unificação das pessoas no interior do estado para que ele permaneça politicamente estável e viável a longo prazo (Whaites, 2008).

<sup>18</sup> **State-Building:** é o processo de construção de um Estado através da organização das suas estruturas de acordo com a identidade cultural do seu próprio povo. Este processo pode ocorrer por meio da separação, a partir de uma estrutura maior ou potência colonial (Whaites, 2008).

## Capítulo 7

### Conclusões e Recomendações

*“Todas as vitórias ocultam uma abdicação”.*

Simone de Beauvoir.

Chegados agora ao último capítulo desta investigação, é então o momento certo para serem tecidas as habituais conclusões, recomendações e reflexões. Estas têm o objetivo responder à problemática identificada e apresentar para o desenvolvimento do estudo relacionado com o CA.

#### 7.1. Confirmação das Hipóteses e Resposta à Problemática

- Questão Derivada 1: Qual o processo e a importância dada à formação, em termos de CA, das FND que estiveram no Afeganistão?

Em Portugal esta área é colocada em prática de acordo com a especificidade e missão de cada unidade a destacar para o teatro, tendo em conta especialmente o nível de contacto que estas irão ter com a população afegã, quer sejam militares, quer sejam civis. A formação está prevista nas diretivas de aprontamento e acaba por ser posta em prática no decorrer do mesmo, de uma forma geral para todo o contingente (mesmo para aqueles militares que pouco se prevê a saída do aquartelamento nem ter contacto com população afegã), sob a forma de palestra ou integrado num *briefing* de informações, na caracterização do Afeganistão.

As unidades ou módulos cuja especificidade da missão assim o exige, seguem então com outros programas de treino nesta área, nomeadamente palestras mais aprofundadas sobre este tema, injeção e resolução de problemas em ambiente controlado, a realização de um curso por *e-learning* no site da NATO, o curso na JFTC em *Bydgoszcz*, na Polónia, e por fim a realização de um exercício final.

A importância atribuída a esta temática é então relativa, temos que ter em conta a unidade a que nos estamos a referir.

No que concerne às FND estas evoluíram nesta temática ao longo dos vários anos de missão e a importância atribuída a esta questão também evoluiu, principalmente a partir do momento em que Portugal começou a prestar ações de mentoria neste país.

Em unidades tipo QRF ou *Force Protection* esta questão era relativizada, pela necessidade de treino noutras áreas consideradas mais importantes para alcançar o objetivo da missão, como o treino de tiro, treino físico e o treino de tarefas críticas. O facto de também não terem contacto prolongado com população, e caso exista esse contato é feito pelos graduados, o que também diminui a importância dada a esta questão.

Relativamente a militares destacados a nível individual é de destacar e sublinhar o facto de que, estes muitas vezes não terem qualquer aprontamento formal nem nenhuma chamada de atenção, *briefing* ou palestra sobre este tema, e acontece que na maioria das vezes são estes militares que vão estabelecer contato direto e prolongado com a população especialmente população civil, o que acresce ainda a exposição aos riscos do TO.

Relativamente ainda à importância atribuída a esta área, podemos afirmar que embora tenha evoluído ao longo dos diversos contingentes, e de hoje estarmos já num patamar aceitável, os entrevistados referiram, de forma geral, que este aprontamento carece de atualização constante das informações, maior incidência de ações práticas em detrimento das ações teóricas, e que embora exista esta formação, esta deveria ser mais prolongada para qualquer unidade.

Desta forma podemos dar resposta à Questão Derivada 1 e validar a Hipótese 1 “A importância dada ao estudo da cultura do TO do Afeganistão é elevada, mas durante o aprontamento das forças a parte que corresponde a esta formação, é relativamente pequena e maioritariamente teórica”.

➤ Questão Derivada 2: Quais os resultados obtidos com esse mesmo treino?

Com este treino, os militares, acima de tudo, evoluem em termos da confiança no decorrer das ações onde tenha que existir o contato com a população, além desta confiança estes estão melhor preparados para situações que possam ocorrer e desta forma, além de conseguirem dar resposta de forma mais rápida e de forma natural, conseguimos estabelecer maior proximidade com os indivíduos afegãos, e evitar situações que fruto do desconhecimento ou do involuntário, possam ter consequências não só de nível tático mas também operacional e em situações limite, estratégicas. Podemos verificar isto através da observação de uma destas palestras onde os militares entram cheios de dúvidas relativamente a esta cultura tão mediática nos dias de hoje e que é alvo de diversas referências na comunicação social, muitas vezes de forma distorcida, criando na população em geral e

particularmente nos militares que vão destacar para este território um conjunto de ideias pré-estabelecidas e de preconceitos que no final da mesma palestra foram diluídos, e muitas vezes levam a um estudo mais aprofundado por parte de cada militar passando de um estado de conhecer alguns aspetos da cultura, para um estágio de compreensão desta mesma cultura e é este o estado final desejado para o treino de CA.

Desta forma respondemos à Questão Derivada 2 e validamos a hipótese 2 “Com este tipo de treino, as forças que vão desenvolver ações no Afeganistão têm maior confiança e níveis de sentimento de segurança elevados quando existe a necessidade de comunicar com a população, pois sabem o que fazer em determinadas situações e evitam pequenos gestos que possam ofender a população daquele país. Além destes fatores, temos ainda que, estes pequenos atos podem ter consequências quer para a força, quer mesmo a nível estratégico”.

➤ Questão Derivada 3: Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

As principais diferenças apontadas são, essencialmente, no à vontade e na confiança com quem os militares trabalham sem terem os tais preconceitos acerca de algumas questões culturais deste povo, nomeadamente no que diz respeito à religião. Estes, após receberem esta instrução ficam alertas para determinadas situações, gestos, palavras e festividades, e na prática, quando se verifica que existe este tipo de informações, os militares além de evitarem situações desconfortáveis e que dificultam a interação entre as pessoas, assumem-nas como sendo situações normais, próprias desta cultura e na conduta diária isto verifica-se através das boas relações entre os militares portugueses e os afegãos.

Denota-se que os militares após esta formação têm a necessidade de saber mais sobre este tema e encaram esta situação como um desafio e uma oportunidade, alguns entrevistados apontam esta questão como sendo uma característica genética dos portugueses, afirmam que estes têm a necessidade de conhecer e se dar a conhecer a pessoas com características diferentes das nossas mas que estas diferenças são apenas superficiais e que até são da opinião que o povo afegão se assemelha muito ao povo português em determinados aspetos.

Desta forma respondemos à Questão Derivada 3 e validamos a hipótese 3 “Verifica-se um maior à vontade no tratamento com a população quando os militares têm necessidade de desenvolver ações junto das mesmas. A empatia entre a população e a força destacada aumenta pelo facto de haver um maior respeito pelas tradições, símbolos e regras da cultura afegã o que provoca também uma maior cooperação entre estes dois agentes”.

➤ Questão Derivada 4: Qual a prática de *Cultural Awareness Military Training* (CAMT) nos países aliados e, comparativamente, qual a importância relativa que Portugal atribui face aos mesmos?

Este tema é um tema que ao longo dos últimos 20 anos tem vindo a assumir um papel preponderante na nova tipologia de operações, fruto da experiência de alguns exércitos em teatros com características semelhantes ao que aqui estudámos. Isto reflete-se nas diversas publicações que fazem referência a esta questão como um dos principais fatores para o sucesso das operações neste território. Como tal, a própria NATO desenvolveu a sua doutrina tendo em conta esta área de estudo, embora ainda não lhe seja dada a importância que alguns autores afirmam que esta temática merecia, atualmente é um fator que em termos da instrução e treino tem um lugar de destaque nos exércitos que também operam naquele território. O que se verifica é que embora esta instrução seja assumida como algo de importância extrema e de existirem programas de treino, palestras e *briefings* sobre esta questão, na prática a maioria das forças têm dificuldade em colocar em prática, pois isto exige uma atuação aligeirada e feita de forma natural com base na confiança mútua, o que não se verifica em todos os contingentes destacados no Afeganistão, isto deve-se essencialmente as características de cada povo, em que existem povos com mais facilidade de estabelecer relações interpessoais, mas também por alguns exércitos ocuparem uma posição mais mediática e de destaque quer na esfera global, mas principalmente na condução do conflito.

Este fator foi o principal fator diferenciador do modo de atuação das forças nacionais, o “ser português”, e que além de ser identificado pelos nossos militares, é também reconhecido por forças aliadas e pelos militares e população afegã, que tinham maior disponibilidade e abertura no tratamento com sujeitos de nacionalidade lusa.

Desta forma respondemos à Questão Derivada 4 e validamos a hipótese 4 “A importância dada a este tema nos países aliados é bastante elevada, existe alguma doutrina americana na área, que acaba por servir de base para toda a doutrina utilizada pelos países aliados da NATO”.

➤ Questão Derivada 5: Existe uma adaptação adequada do treino e da instrução à tipologia de missões executadas pelas FND neste TO?

Nos primeiros contingentes esta adequação não se verificava, mas com o desenrolar do conflito esta questão assumiu um papel preponderante no mesmo, pelo que começaram a fazer as devidas adaptações ao treino e instrução de cada unidade a projetar, obviamente que

existe um *gap*<sup>19</sup> relativamente a militares destacados a nível individual por não se enquadrarem numa força constituída e muitas vezes este treino é considerado indispensável para estes militares. Ainda assim, embora estes tempos de instrução existam e de forma geral nas FND estão adequados à missão e à especificidade da força, estes são insuficientes e maioritariamente teóricos.

Desta forma respondemos à Questão Derivada 5 e validamos parcialmente a hipótese 5 “Nas diretivas de planeamento das FND para este TO vêm previstos tempos de instrução e treino no âmbito do CA, mas que na prática não são suficientes para fazer face à importância desta temática”.

Desta forma, está então cumprido o Objetivo Geral bem como os 4 objetivos específicos desta investigação.

Respondendo diretamente à Questão Central deste trabalho (Em que medida é o *Cultural Awareness Military Training* (CAMT) relevante para o sucesso das missões das FND portuguesas no Afeganistão?), a formação e treino ministrado em Portugal nesta área específica, assume uma importância proporcional ao tempo e meios despendidos nesta mesma formação, que por sua vez estão de acordo com cada uma das missões a desempenhar neste teatro. Em determinadas forças em que o treino e instrução nesta área foi considerável, atribuem a esta questão, aliado com outros fatores, o principal fator para o sucesso das missões que desempenharam em território afegão. Por outro lado, as forças que fruto do desempenhar das suas funções não tiveram a necessidade de incidir o esforço do seu treino nesta área, atribuem uma importância menor, apontando ainda assim como um fator de sucesso do seu desempenho.

## 7.2. Reflexões Finais

Ao elaborar este trabalho chegamos rapidamente à conclusão que o estudo, a instrução e treino e a aplicabilidade destas questões, são considerados por todos os militares como um fator extremamente importante, independentemente da missão que se vai desempenhar.

No Exército português, assim como nos restantes exércitos aliados, verifica-se um evoluir da importância dada a este tema, fruto da nova tipologia de conflito, e por isso também se verifica um evoluir quer da doutrina, quer do treino ministrado às forças, quer da

---

<sup>19</sup> **Gap:** palavra inglesa que significa lacuna ou brecha (Porto Editora, 2015).

própria atuação das forças. Este último aspeto ligado à atuação das forças no caso português não se verifica de forma tão evidente, visto que Portugal, ao longo da sua própria história militar, de forma mais ou menos consciente, tem sabido colocar em prática na sua própria forma de atuação.

Esse evoluir verificou-se também nos diversos aprontamentos realizados pelos 8 contingentes destacados para o Afeganistão, em que a própria instrução passou a ser direcionada de acordo com as funções que se vão desempenhar no teatro. Ainda assim, é apontado como pontos fracos à nossa instrução e treino nesta área específica, uma componente teórica em detrimento de uma maior componente prática, a inexistência de um aprontamento neste sentido, por mais ligeiro que possa ser, para os militares que destacam a nível individual. Outro ponto negativo é a falta de uma avaliação/credenciação dos militares nas questões culturais aos mais diversos níveis (exceto algumas exceções onde esta avaliação/credenciação existe). Por último, é apontado como um ponto negativo na nossa estrutura, a inexistência de uma entidade responsável por gerir toda esta dinâmica, em paralelo com o CID (Comando de Instrução e Doutrina)<sup>20</sup>, CFT (Comando das Forças Terrestres), as forças que vão destacar para o teatro, organismos responsáveis por tratamento das informações e com a Repartição de Lições Aprendidas.

Contudo, existe um conjunto de características inerentes ao “Ser Português”, que de certa forma conseguem ainda assim ultrapassar algumas dificuldades impostas por falta de formação e treino nesta área tão específica.

### 7.3. Limitações e Dificuldades

Tendo em conta a especificidade deste trabalho denotamos que a NEP 520/2ª (2013) acaba por limitar a elaboração desta investigação, nomeadamente no que diz respeito ao limite de páginas do relatório, ficando por abordar algumas questões que iriam então ajudar na compreensão de toda a dinâmica do assunto em estudo, para além da limitação de anexos e apêndices a incluir no relatório o que mais uma vez dificulta a apresentação do trabalho de campo e de outros assuntos que sustentariam de outra forma o nosso trabalho.

Outra limitação deveu-se ao facto de não ser possível apresentar algumas informações contidas em documentos (relatórios de missão e diretivas de aprontamento) com

<sup>20</sup> Extinto em (29 de dezembro de 2014), em que passou a ser designado por Direção Formação (DF) e está na dependência do Comando de Pessoal (CMDPESS).

classificação de segurança, esta traria obviamente outros fundamentos ao trabalho nomeadamente a apresentação do calendário de aprontamento das forças.

Por fim deparamo-nos com outra dificuldade, que se prende com a forma como os entrevistados abordaram este tema. Esta abordagem era sempre feita de acordo com aspetos práticos da vivência com os afegãos ilustrando sempre com exemplos, mas que para a nossa investigação não se assumiam como sendo o objetivo da investigação que se prendeu mais com aspetos doutrinários, de instrução e treino e não tanto com o facto de aspetos de vivência como o não se cumprimentar as senhoras afegãs ou de ser considerado uma afronta ou má educação o facto de se mostrar a sola do sapato quando nos sentamos e cruzamos as pernas.

#### **7.4. Recomendações e Propostas de Investigação Subsequente**

Com o concluir da investigação e face aos contributos dos entrevistados, é agora altura para apresentar algumas propostas de investigação futuras e algumas recomendações, por forma a garantir que o CA continue a ser um fator de sucesso das missões das FND e dos militares. São elas:

- Equilibrar a instrução dada nesta área entre a componente teórica e a prática;
- Injetar de forma mais regular incidentes nos exercícios no aprontamento das FND, mas também nos exercícios das unidades operacionais;
- Existir um maior rigor na escolha dos militares a destacar para os teatros tendo em conta alguns traços da sua personalidade que possam dificultar a ação da unidades;
- Investir mais no carácter psicológico dos militares destacados para missões.

Consideramos importante uma investigação acerca da criação do tal organismo responsável por esta temática a nível de todos os teatros de operações em que o Exército participa, onde se deveria abordar quais as suas responsabilidades, a sua estrutura, os organismos que iriam suportar toda a sua atividade e a viabilidade efetiva da sua criação.



## Bibliografia

- 6ªCIM-A. (2014). *Manual do 8º Contingente Nacional/ISAF*. 6ª Célula de Informações Militares - Afeganistão.
- 8ºCN/ISAF. (2014). *Diretiva Nº 01 Diretiva de Aprontamento do 8º Contingente Nacional (CN/ISAF)*. Tancos, Vila Nova da Barquinha: Ministério da Defesa Nacional.
- Bessa-Luís, A. (2008). *Dicionário Imperfeito*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Borges, J. V. (2008). *Cadeira M322 Teoria Geral da Estratégia*. Lisboa: Serviços Gráficos da Academia Militar.
- Braga, J. (2012). *O Peso das Motivações Religiosas nos Conflitos Atuais*. Lisboa: Trabalho de Investigação Individual do CPOG, Instituto de Estudos Superiores Militares, IESM.
- CALL, Center for Army Lessons Learned. (2011). *Afghanistan Povincial Reconstruction Team Handbook*. Kansas: CAC, US Army's Combined Arms Center.
- Cardoso, N., Domingos, P., & Soares, J. (2014). *International Security Assistance Force-Portugal-12 anos de participação na ISAF*. Lisboa: 8º Contingente Nacional/ISAF.
- Carvalho, J. E. (2002). *Metodologia do Trabalho Científico "Saber Fazer" da Investigação para Teses*. Lisboa: Escolar Editora.
- Chebel, M. (2010). *O Islão Explicado*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- CIL. (1996). Volume 13. Em *Nova Enciclopédia Portuguesa* (pp. 2309-2502). Madrid: Clube Internacional do Livro.
- CIL. (1996). Volume 5. Em *Nova Enciclopédia Portuguesa* (pp. 769-960). Madrid: Clube Internacional do Livro.
- CIL. (1996). Volume I. Em *Nova Enciclopédia Portuguesa* (pp. 1-192). Madrid: Clube Internacional do Livro.
- Collins, J. J. (2011). *Understanding war in Afghanistan*. Washington: National Defense University Press.
- Correia, J. O. (2013). *As Operações Especiais nos 45 dias do Afeganistão em 2001*. Lisboa: Trabalho de Investigação Aplicada, Academia Militar.
- Couto, A. C. (1998). *Elementos de Estratégia: Apontamentos para um Curso*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- Duarte, N. (2011). Presença portuguesa no Afeganistão. *Jornal do Exército*, 18-23.

- Ediclube. (a). Atlas Geográfico. Em *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube* (pp. 1-195). Madrid: Ediclube.
- Ediclube. (b). Volume XIII. Em *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube* (pp. 4273-4640). Madrid: Ediclube.
- Ediclube. (c). Volume XIV. Em *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube* (pp. 4641-5008). Madrid: Ediclube.
- Embaixadores de Ayub vindos de Herat*. (12 de Março de 2015). Fonte: Biblioteca Digital Mundial: <http://www.wdl.org/pt/item/11506/>
- EME. (1966). *O Exército na Guerra subversiva - I Generalidades*. Lisboa: Estado Maior do Exército.
- EME. (2002 a). *Regulamento de Educação Física do Exército*. Lisboa: Comando da Instrução do Exército.
- EME. (2002 b). *Regulamento Geral de Instrução do Exército (RGIE)*. Lisboa: Estado Maior do Exército.
- EME. (2007). *PDE 5-00 - Planeamento Táctico e Tomada de Decisão*. Lisboa: Estado Maior do Exército.
- EME. (2009). *PDE 2-00 - Informações, Contra-Informações e Segurança*. Lisboa: Estado Maior do Exército.
- EME. (2010). *PDE 2-09-00 - Estudo do Espaço de Batalha pelas Informações (IPB)*. Lisboa: Exército Português.
- EME. (2011). *PDE 3-65-00 - Operações de Apoio à Paz - Técnicas, Tácticas e Procedimentos*. Lisboa: Estado Maior do Exército.
- Ferreira, M. I. (2 de Março de 2015). Entrevista TIA Cultural Awareness. (A. A. Pires, Entrevistador)
- Flynn, M., Pottinger, M., & Batchelor, P. (2010). Fixing Intel: A Blueprint for Making Intelligence Relevant in Afghanistan . *Voices From the Field*, 4.
- Fortin, M.-F. (2002). *O Processo de Investigação da concepção à realização* (2ª ed.). Lisboa: Lusociencia.
- Gallus, J., Gouge, M., Antolic, E., Fosher, K., Jasparro, V., Coleman, S., . . . Klafehn, J. L. (2014). *Cross-Cultural Competence in the Department of Defense*. Virgínia: U.S. Army Research Institute for the Behavioral and Social Sciences.
- Hassin, M. (2007). *O Afeganistão Secreto*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Huntington, S. (1996). *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*. Lisboa: Gradiva - Publicações.

- Machado, M. (26 de Dezembro de 2008). *Mais Militares Portugueses para o Afeganistão*.  
Fonte: Operacional: <http://www.operacional.pt/mais-militares-portugueses-para-o-afeganistao/>
- McManus, D. (25 de Março de 2015). *McManus: A smaller, smarter military*. Fonte: Los Angeles Times: <http://articles.latimes.com/2012/apr/22/opinion/la-oe-mcmanus-column-odierno-iraq-afghanistan-less-20120422>
- Morais, A. (27 de Março de 2015). *DN Globo*. Fonte: DN: [http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content\\_id=1499470&seccao=%C1sia](http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1499470&seccao=%C1sia)
- Napoleão, T. (2012). From Bonn to Bonn: One decade of international engagement in Post-Taliban Afghanistan . *Conjuntura Austral*, 4-21.
- NATGEO. (2005). Ásia I. Em *National Geographic Atlas*. National Geographic.
- NATO. (2001 a). *Afghanistan Country Handbook*. NATO.
- NATO. (2001 b). *AJP-3.4.1 – Peace Support Operations (PSO)*. NATO.
- NATO. (2003). *AJP-9 – NATO Civil-Military Cooperation (CIMIC) Doctrine*. NATO.
- NATO. (2007). *AJP-3.10.1(A) – Allied Joint Doctrine for Psychological Operations (PSYOPS)*. NATO.
- NATO. (2009). *AJP-3.10 – Allied Joint Doctrine for Information Operations (INFO OPS)*. NATO.
- NATO. (2010). *AJP-01(D) Allied Joint Doctrine. Allied Joint Publication*.
- NATO. (2011 a). *AJP-3(B) – Allied Joint Doctrine for the Conduct of Operations*. NATO.
- NATO. (2011 b). *AJP-3.4.4. – Allied Joint Doctrine for Counterinsurgency (COIN)*. NATO.
- NATO. (2013). *Joint Publication 2-0 Intelligence*.
- NATO. (13 de novembro de 2014). *A "Comprehensive Approach" to Crises*. Fonte: North Atlantic Treaty Organization: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_51633.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_51633.htm)
- NATO. (s.d.). *Cultural Intelligence for Military Operations - Afghanistan Cultural Field Guide*. NATO. Fonte: <https://info.publicintelligence.net/MCIA-CultureGuide.pdf>
- Pereira, C. S. (2011). Dez Anos de Guerra no Afeganistão. *Nação e Defesa* , 179-216.
- Pires, N. (2011). A NATO no Paquistão em 2005: uma Prespetiva Portuguesa. Em P. -P. Henriques, *O Afeganistão* (pp. 83-97). Lisboa: PDA - Programa D. Afonso Henriques.
- Pires, N. L. (2014). *Wellington, Spínola e Petraeus. O Comando Holístico da Guerra*. Alcochete: Nexo Literário.
- Porto Editora. (2015). *Dicionario Inglês- Português*. Porto: Dicionários Editora.

- RLA. (2014). *Insuficiências do Modelo de Aprontamento para as FND/ISAF*. Lisboa: Direção de Doutrina.
- Rodrigues, A. (2007). O Blogueiro de Kapul. *Jornal do Exército*, 38-45.
- Rodrigues, A. (2011). Décimo Aniversário do 11 de Setembro: da Perda da Inocência à Tolerância Diante das Diferenças. *Jornal do Exército*, 26-33.
- Rodrigues, A. J. (2014). *A Importância da “Cultural Awareness” e a Presença Militar Portuguesa no Afeganistão - Encontro de Mundos, de Culturas e de Saberes*. Lisboa: CISMIL/EMGFA.
- Rodrigues, J. C. (1985). *Formação Militar: Abordagem Pedagógica da Ética Militar e da Educação Moral, Cívica e Militar no Exército*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- Sardar, Z. (2007). *Em que Acreditam os Muçulmanos*. Lisboa: Booket Publicações Dom Quixote.
- Sarmento, M. (2013). *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Lisboa: Universidade Lusitana Editora.
- Silva, K. (2009). *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Editora Pinsky.
- Sobral, I. (2011). Afeganistão: Navegar a Encruzilhada Histórica e Étnica. Em P. -P. Henriques, *O Afeganistão* (pp. 51-67). Lisboa: PDA - Programa D.Afonso Henriques.
- Sousa, E. (Fevereiro de 2015). Missão Cumprida. *Jornal do Exército*, pp. 24-29.
- TCC, Tradoc Culture Center. (2009). *Afghanistan Smart Book*. Kansas: CAC, US Army's Combined Arms Center.
- Telo, A. J., & Pires, N. L. (2013). *Conflitos e Arte Militar - na Idade da Informação (1973-2013)*. Cascais: Tribuna da História.
- Tzu, S. (2013). *A Arte da Guerra*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Whaites, A. (2008). *States in Development*. Birmingham: Department for International Development.
- Wright, D. (2010). *A Different Kind of War*. Kansas: Combat Studies Institute.
- Wunderle, W. (2006). *Through the Lens of Cultural Awareness: A Primer for US Armed Forces Deploying to Arab and Middle Eastern Countries*. Fort Leavenworth: Combat Studies Institute Press.
- Yin, R. K. (2009). *Case Study Research - Design and Methods*. London: Sage Publications

Zernike, K., & Kaufman, M. (2 de maio de 2011). *The Most Wanted Face of Terrorism*.

Fonte: The New York Times: [http://www.nytimes.com/2011/05/02/world/02osama-bin-laden-obituary.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2011/05/02/world/02osama-bin-laden-obituary.html?_r=0)

# Apêndices

## Apêndice A – Esquema de Investigação.

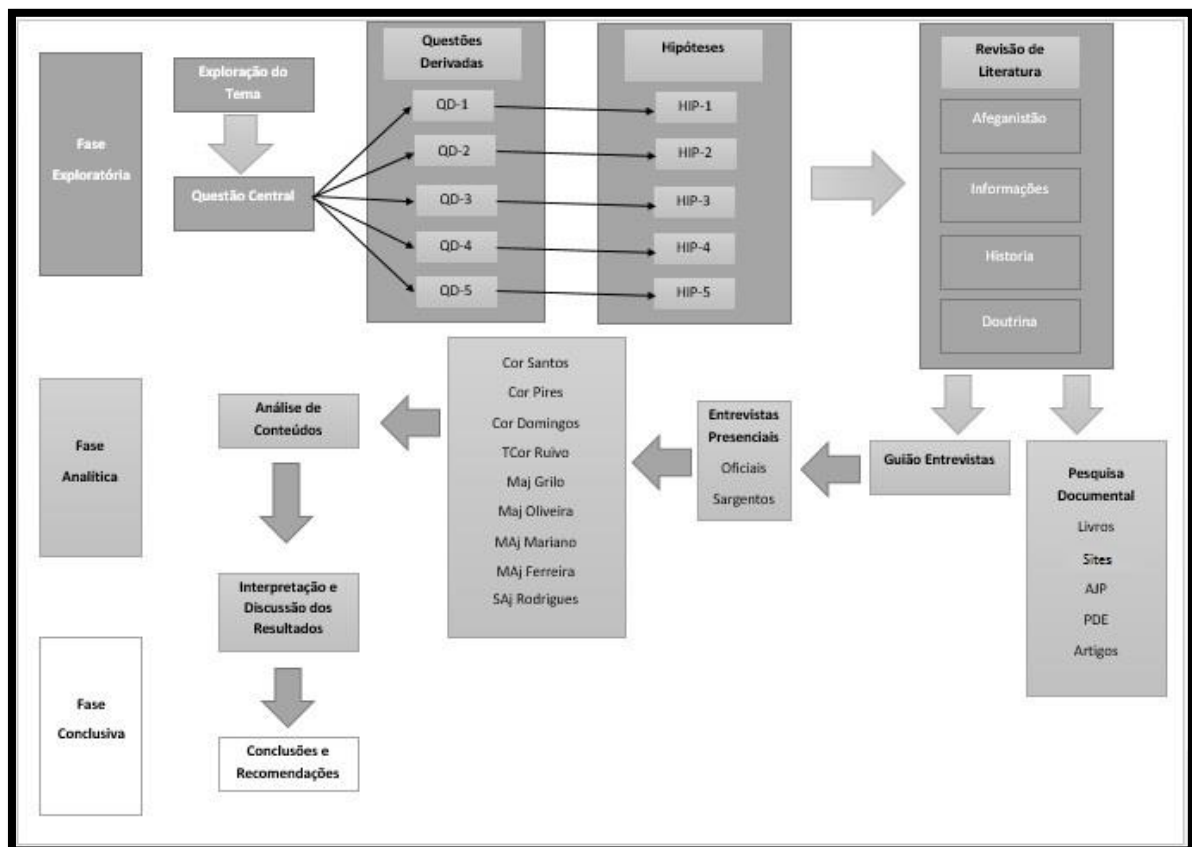


Figura 4 - Esquema de Investigação

Fonte: Adaptado de Sarmento 2013.

## Apêndice B – Caraterização do Afeganistão

*“Quando Alá fez o resto do mundo, viu que lhe tinha sobrado um montão de resíduos, fragmentos, pedaços e restos que não se encaixavam em parte alguma. Reuniu-os e atirou-os para a Terra e esse lugar é hoje o Afeganistão”.*  
(Hassin, 2007).

A Republica Islâmica do Afeganistão (Anexo A), é um país com características físicas e humanas muito específicas, como tal, impõe-se que neste trabalho essas caraterísticas sejam estudadas de forma a facilitar a compreensão da dinâmica deste país. Esta análise adquire um particular interesse neste trabalho, já que o tema geral do mesmo é a cultura. Como tal, no presente capítulo propõem-se uma caraterização do Afeganistão a nível Geográfico, Religioso, Histórico, Social e Militar.

### 1.1. Antecedentes

A história deste país começa em 500 antes de Cristo (a.C.), através dos Aqueménidas<sup>21</sup>, que fez a ligação entre o atual Afeganistão e o império persa, o qual se vem a tornar independente no século XIX. O Afeganistão, devido às qualidades do seu povo, era uma das mais destacadas regiões do império persa (Sobral, 2011). Pela sua posição geográfica, o Afeganistão apresenta-se como uma região de passagem entre o ocidente e o continente asiático. Graças a esta posição geoestratégica o seu território foi disputado ao longo da história por vários Impérios, nomeadamente a Rússia e o Reino Unido no século XIX, disputa esta conhecida como Great Game. Nesta altura o Reino unido lutava pela manutenção das suas colónias na Índia. Por outro lado, a Rússia assumia que a posse do território afegão se constituía como a consolidação do seu império na Ásia (Wright, 2010).

Entre 1839 e 1919 o Reino Unido disputou três guerras com que um dos objetivos seria reduzir a influência russa neste território. Entre 1839 e 1842 deu-se a primeira guerra Anglo-Afegã, numa tentativa de imposição de um governo britânico neste território. O Reino Unido não obteve sucesso devido a ataques por parte do povo afegão que os obrigaram a

---

<sup>21</sup> **Aqueménidas:** Dinastia persa fundada em 550 a.C. e formada pelos descendentes do rei Aquemenes. Dela fizeram parte Ciro II, Cambises II, Dário I, Xerxes I, Artaxerxes I, Xerxes II, Sgdiano, Dario II, Artaxerxes II; Artaxerxes III, Arses e Dario III. Estabeleceu a unidade do Oriente até ao final do século IV a.C. (CIL, 1996 c, p. 169).



retirar. Em 1878 deu-se a batalha de Kandahar, configurando-se como a segunda guerra Anglo-Afegã, na qual o Exército britânico derrotou Emir Ayub Khan<sup>22</sup>, o que levou a que, em 1893, fosse delineada a Linha Durand, que delimitava a fronteira entre a Índia Britânica e o Afeganistão. A terceira guerra Anglo-Afegã teve início em 1919 e terminou a 8 de Agosto do mesmo ano com o Tratado de Rawalpindi que reconheceu, por fim, a independência do Afeganistão e das suas fronteiras tal como as conhecemos atualmente, (Wright, 2010; Collins, 2011).

Em Abril de 1978, um grupo de comunistas denominado de Partido Democrático Popular Afegão (PDPA) levou a cabo um golpe de estado (Revolução de Saur), instaurando um regime comunista. Este novo governo teve sucesso junto das populações urbanas, o mesmo não se verificou junto das populações rurais o que originou alguma instabilidade e poderia pôr em causa o movimento comunista no Afeganistão (Wright, 2010).

A 27 de dezembro de 1979, um contingente de 30.000 militares soviéticos invadiram o território afegão com o objetivo de eliminar num curto espaço de tempo os movimentos anticomunistas (Wright, 2010; Sobral, 2011)

Em 1986 os governos americano e paquistanês apoiaram de forma clandestina as forças de guerrilha<sup>23</sup>, o que veio a alterar o desenrolar do conflito e a dificultar a tarefa ao contingente soviético. Por parte dos americanos, os mujahideen<sup>24</sup> contaram com o apoio no que toca a armamento sofisticado, para fazer frente aos ataques aéreos soviéticos. Já os paquistaneses permitiram a criação de quartéis que serviam de locais de formação para estas forças na região noroeste do seu território, para além de incitarem a todo o mundo islâmico a juntarem-se à causa das forças anticomunistas afegãs e expulsarem os soviéticos do Afeganistão. Cerca de 43 países islâmicos do Médio Oriente, África e Ásia central apoiaram então os mujahideen afegãos (Wright, 2010).

Apesar da União Soviética ter aumentado o seu efetivo na região, não conseguiu fazer frente às forças anticomunistas pelo que tiveram de abandonar o Afeganistão em 1989. Por sua vez, com este conflito, o Afeganistão viu cerca de um milhão de afegãos a morrer às

---

<sup>22</sup> **Emir Ayub Khan:** Ayūb Khān é um herói de guerra Afegão que foi, durante algum tempo, governador de Herat. Ele foi Emir do Afeganistão de 1879 a 1880 e foi o líder dos afegãos dos mujahideen na Segunda Guerra Anglo-afegã (Embaixadores de Ayub vindos de Herat, 2015).

<sup>23</sup> **Guerrilha** é um processo de luta armada, elemento essencial como sistema de flagelação na Guerra Subversiva, mas também aplicável nas outras formas de guerra.” (PDE 3-09-00, 2010, p.3-5).

<sup>24</sup>**Mujahideen:** é o plural de *mujahid*, que significa “o guerreiro de Deus”, está ligado ao termo *jihad*, *mujahid*, pode ainda designar alguém que combate pela pátria ou pelo povo (TCC, Tradoc Culture Center, 2009).

mãos dos soviéticos e mais de três milhões de pessoas a ficar desalojadas. Este conflito ainda hoje tem as suas marcas na sociedade afegã e esteve na origem de organizações de cariz religioso, como o islamismo radical (Wright, 2010; Sobral, 2011).

Em 1992 o governo de Najibullah<sup>25</sup> cai, sobindo então ao poder um governo puramente islâmico. A instabilidade continuou e a população continuava insatisfeita levando a que qualquer governo que surgisse e que conferisse alguma estabilidade fosse aceite e apoiado. Com esta instabilidade surgiram diversas guerras civis que viram em 1996 Kabul cair para o regime Taliban<sup>26</sup> (Wright, 2010; Sobral, 2011).

Na sequência dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, foi levada a cabo uma ação militar antiterrorista liderada pela OTAN que derrubou então o regime taliban e o seu líder Osama Bin Laden<sup>27</sup>. Com a conferência de Bonn<sup>28</sup> patrocinada pela ONU em 2001, estabeleceu-se um processo para a reconstrução política, que incluiu a adoção de uma nova Constituição, eleições presidenciais em 2004, e eleições para a Assembleia Nacional em 2005. Foi então que em dezembro de 2004, Hamid Karzai se tornou o primeiro presidente democraticamente eleito do Afeganistão e da Assembleia Nacional sendo este reeleito em agosto de 2009 para um segundo mandato. Apesar dos ganhos para a construção de um governo central estável, particularmente no sul e a este do país continuam a existir pequenas fações do regime taliban que continuam a promover a instabilidade neste país (Wright, 2010; Sobral, 2011; Napoleão, 2012).

## 1.2. Geográfica

---

<sup>26</sup> **Najibullah:** (6/08/1947 – 27/09/1996) Militar e político afegão que governou o país entre 1987 e 1992, altura da retirada da união soviética do território (Ediclube, b).

<sup>26</sup> **Taliban:** plural de “talib” que derivou do vocábulo persa “telebeh” que significa “o estudante”, “aquele que procura o conhecimento clerical, religioso” (Rodrigues A. , O Blogueiro de Kapul, 2007, pp. 1, 2).

<sup>27</sup> **Osama Bin Laden:** (1957-2011) foi o líder e fundador da al-Qaeda, organização terrorista à qual são atribuídos vários atentados contra alvos civis e militares, dentre os quais os ataques de 11 de setembro de 2001 às torres gémeas (Zernike e Kaufman, 2011).

<sup>28</sup> **Conferência de Bonn:** encontro político que teve como objetivo relançar os alicerces políticos e jurídicos do Afeganistão, através da criação de uma nova Constituição, a organização de eleições democráticas e a reestruturação de órgãos políticos. Após negociações intra-afegãs, o líder Hamid Karzai foi designado líder interino (Napoleão, 2012).

O Afeganistão é um país sem acesso ao mar, situado na região do sudoeste asiático cuja capital é Kabul, contendo uma área de 652.225km<sup>2</sup> (catorze vezes maior que Portugal) e cujas fronteiras se estendem ao longo de 5.987 km com: a China (91 km) a nordeste, o Irão (921 km) a oeste, o Paquistão (2,670 km) a este e a sul, o Tadjiquistão (1,357 km), Turquemenistão (804 km) e Uzbequistão (144 km) a norte, (Anexo B).

No que se refere ao relevo, o Afeganistão é na sua maioria formado por grandes montanhas, cerca de três quartos do seu território, sendo que o restante território é formado por peneplanície<sup>29</sup> de tipo desértico. Hindu-Cuxe é a sua principal cordilheira a qual atravessa o território Afegão de nordeste para sudoeste e se estende por 1000 quilómetros, cujo ponto mais alto é a montanha Nowshak (ponto mais alto no Afeganistão) com 7.485 m de altitude, e o ponto mais baixo é no rio Amudária, com 258 m de altitude (Anexo C).

No que toca à hidrografia, como já foi referido, o Afeganistão é um território sem acesso ao mar, em que os principais rios do país são: o Amudária, na fronteira com o Tadjiquistão, o Kabul, afluente do rio Indo, o Hari, a oeste e por fim o rio Helmand, situado no sul do país e que se constitui como o maior rio Afegão com cerca de 1150 m (Anexo D).

O clima no Afeganistão é de tipo continental muito seco, com grandes variações de temperatura ao longo do dia (entre 0°C e os 40°C) no mesmo local. Grande parte do território afegão é formada por regiões desérticas ou semidesérticas. No que toca às chuvas são raras, no entanto, existem frequentemente tempestades de areia especialmente nas regiões desérticas. Neste país podem encontrar-se florestas de pinheiros, carvalhos e zimbros nas encostas das grandes montanhas e plantas xerófilas<sup>30</sup> nas estepes<sup>31</sup> (NATGEO, 2005; Rodrigues A. , O Blogueiro de Kapul, 2007).

### 1.3. Económica

<sup>29</sup> **Peneplanície:** “região quase plana constituída por várias superfícies de erosão imperfeitas em que se verifica uma pequena diferença de altitude entre os vales e os interflúvios, esta erosão deve-se normal das águas correntes, que desgastaram as elevações e as foram aplanando” (Ediclube, c, p. 4743).

<sup>30</sup> **Xerófilas:** “designação dada aos seres vivos cujo organismo se encontra adaptado a viver em climas muito secos onde a humidade chega a ser nula, como nas regiões desérticas” (CIL, 1996 c, p. 2487).

<sup>31</sup> **Estepe:** “... Vegetação preferentemente arbustiva ou herbácea, distribuída de forma descontínua...” “... do russo step, termo que designa as grandes planícies onde cresce uma vegetação muito dispersa...” “...configura zonas desérticas ou semidesérticas. Um clima rigoroso é típico destas formações, com verões muito quentes e invernos gélidos, intercalados por outonos e primaveras extremamente curtos.” (CIL, 1996 b, p. 842).

Em termos económicos, o Afeganistão está profundamente marcado pela história do próprio país, devido a décadas de conflitos, nomeadamente guerras civis e ocupações estrangeiras. Nesta região, a economia está em crescimento desde a queda do regime taliban, o que se deve, fundamentalmente, à assistência internacional que se verifica desde 2001. Apesar dos progressos a este nível dos últimos anos, o Afeganistão é um país extremamente pobre, e altamente dependente da ajuda externa. A sua população sofre ainda com a escassez de água potável, habitação, energia elétrica e assistência médica. A criminalidade, a insegurança, a má governação, a falta de infraestruturas, e a dificuldade do governo afegão em estender o Estado de direito a todo o território do país são também algumas dificuldades sentidas pelos afegãos. A principal fonte de rendimento provém do setor agropecuário cujas principais atividades agrícolas se baseiam na cultura dos cereais, algodão, tabaco, frutas e ópio. Na produção animal os ovinos ocupam um lugar de destaque devido à grande procura de peles de ovelhas de raça caracul, sendo também produzidos em grande número camelos, equinos e cabras. A indústria afegã não tem grande relevo na atividade económica baseando-se apenas na produção de cimento, têxteis, calçado e alimentação, (Anexo F).

O Afeganistão possui alguns recursos minerais quase por explorar como o ouro, a prata, o zinco, o gás-natural, o cobre, o ferro e o crómio, entre outros recursos. (NATGEO, 2005; TCC, Tradoc Culture Center, 2009)

#### 1.4. Religiosa

*“A história pode comparar-se a uma coluna polígona de mármore. Quem quiser examina-la tem que andar em redor dela, contemplá-la em todas as faces”.*  
Alexandre Herculano.

A sociedade afegã está intimamente ligada à sua religião, o Islão, que neste território e ao longo dos tempos recebeu influência do budismo e do zoroastrismo, um exemplo disso é a existência dos budas de bamiyan<sup>32</sup> na região centro do Afeganistão (Huntington S. P., 1996).

Cerca de 99% dos afegãos são muçulmanos, sendo que desses 99% cerca de 85% são de origem Sunita e cerca de 15% Xiitas (Wright, 2010).

<sup>32</sup> **Budas de Bamiyan:** foram duas estátuas com 55 e 38 metros de altura localizadas na região de Bamiyan (150km a oeste de Kabul) datadas de 500 d.C. No ano 2001, a milícia taliban destruiu as duas estatuas alegando motivos religiosos. Um certo oriente, o blogueiro de Kapul I p.9 António Rodrigues

Dado que o tema do trabalho trata o fator cultural, é incontornável a abordagem de alguns termos ligados ao islão: O *mulah* é um ator fundamental no quotidiano da sociedade afegã e é o líder religioso ou o instrutor do Alcorão. O Alcorão (significa “a leitura”) é o que os muçulmanos acreditam ser a palavra de Deus, é o registo escrito da revelação feita ao profeta Maomé. Desde que foi revelado, este escrito manteve a sua forma original até aos dias de hoje e todos os muçulmanos devem memorizá-lo ponto por ponto. O Alcorão pode de certa forma comparar-se com a Bíblia dos cristãos, e tal como nos diz Ziauddin Sardar (2007, p.74), “o Alcorão concentra-se na natureza e na finalidade da vida religiosa...”. Este texto é composto por 6342 versículos (Ayas) organizados em 114 capítulos (Suras). A finalidade da vida de um muçulmano, no que toca à religião, é então interagir com os escritos do Alcorão e interpretar e reinterpretar as suas chamadas pondo-as em prática no seu dia-a-dia. Esta obra cria controvérsias quer no seio islâmico, quer fora dele, tudo por causa da sua interpretação “O Alcorão precisa ser interpretado dentro do seu contexto” (Sardar, 2007, p. 77), isto porque não se deve ler e interpretar o texto sagrado do islão de forma isolada ou por partes, como por exemplo um versículo apenas, o que serve muitas vezes para justificar ações radicais no seio do islão. “Cada geração de crentes necessita de reinterpretar o texto à luz da sua própria experiência” (Sardar, 2007, p. 78). A Sunnah é também um texto que se encontra dividido em duas partes, uma que nos diz o que o profeta fez e outra que nos diz o que o profeta disse. Este texto, a par com o Alcorão, servem para criar as bases para a vida dos muçulmanos, “É suposto que nas suas vidas diárias os muçulmanos sigam as ações do profeta” (Sardar, 2007, p. 79), deste modo os muçulmanos devem pautar a sua vida tal como o seu profeta o fez, por exemplo devem prestar as mesmas orações e os mesmos rituais, devendo-se a isto o facto de a maioria dos homens do islão terem barba longa e se vestirem como se idealizava o profeta.

A palavra *shari’a* ou *shar’*, significa, na origem, “(assinalar) a via, ou estrada, que conduz à água”, isto é, o caminho para a «verdadeira fonte da vida». Na aceção religiosa islâmica, tem sido usada desde os primeiros tempos para definir “a estrada da vida ideal”, ou seja, os valores religiosos, expressos funcionalmente e em termos concretos, que devem orientar a vida humana. A *shari’a tal como afirma* Sardar (2007, p.84), “deriva do alcorão e da Sunnah mas deriva inda do *ijma*, que reúne as percepções dos estudiosos da religião; e o *qiyas*, método de analogia, através do qual os juristas concordam relativamente a novos princípios legais. Para um muçulmano, a *shari’a* é inclusiva: abarca todas as atividades humanas, definindo quer as relações do Homem com Deus quer com o seu semelhante. No primeiro aspeto, prescreve aquilo em que um homem deve acreditar e como, por meio de

atos rituais, deve exprimir a sua crença. No segundo, cobre as áreas que, nos códigos ocidentais, estariam abrangidas pelos direitos civil, comercial, penal e privado, etc. Nunca foi criada qualquer forma de código legal, sendo a *shari'a* mais uma discussão do modo como os muçulmanos se deveriam comportar. O objetivo da *shari'a* é o de estabelecer o caminho seguro, mostrar ao homem o que deve fazer para viver corretamente neste mundo e para se preparar para o próximo, (Sardar, 2007).

A oração (*salat/ namaz*), possui grande significado no Islão, “A oração é o primeiro passo em direção à vida espiritual e o nível mais alto da perfeição espiritual” (Sardar, 2007, p. 98). A *salat* designa um conjunto de ações exteriores e interiores que são levadas a cabo no decorrer da oração, estas devem respeitar os movimentos físicos específicos que aludem a presença divina. Toda a *salat* é um processo de meditação concentrada e centralizada no divino, em que o crente não se deve distrair com nada, esta é a razão pela qual a oração não se faz acompanhar de música, mas sim por declamações do próprio Alcorão, que é por si só, a palavra de Deus. Os muçulmanos seguem a rotina do profeta e realizam a oração cinco vezes por dia, (Chebel, 2010).

O Jejum (no mês de Ramadão) é outro ritual islâmico com grande importância, “Jejuar é um exercício espiritual sublime” (Sardar, 2007, p. 100). Este jejum no Islão não tem uma carga de penitência, tem sim uma dimensão pessoal e outra social. Em termos pessoais, o jejum ensina o indivíduo a suportar grandes dificuldades sem que caia na tentação, é um exercício de autodisciplina em que os crentes se devem abster de comer, beber, quaisquer ações de caráter sexual e também evitar pensamentos e ações imorais que fujam aos padronizados pelos textos sagrados. Em termos sociais o jejum leva os ricos e os pobres para o mesmo patamar, pela existência da privação todos sofrem de igual modo e atravessam as mesmas dificuldades. O Ramadão corresponde a um período de um mês sendo que calendário islâmico é ligeiramente mais curto que o gregoriano, o que leva a que o Ramadão não calhe sempre na mesma estação do ano, o que proporciona uma melhor distribuição das dificuldades do jejum por todo o mundo islâmico (Chebel, 2010).

É de todo imperativo explicar neste trabalho as variedades da crença muçulmana a qual se divide em vários grupos distintos dentro do mesmo Islão. Por um lado, temos os Sunitas que representam a maioria dos muçulmanos, e por outro os Xiitas que é o segundo grande grupo no Islão. Existem ainda grupos de menor dimensão como os Sufistas, os Puritanos e os Moderados. Todos estes grupos se dedicam à pregação da mesma religião, mas enfatizam aspetos diferentes do Islão (Chebel, 2010).

Os muçulmanos Xiitas acreditam que a liderança espiritual é hereditária “Apenas os membros da família do Profeta possuem o direito a serem líderes” (Sardar, 2007, p. 88), enquanto que os Sunitas contestam esta forma de substituição do líder espiritual (imã). Esta divergência deve-se essencialmente há interpretação de alguns hadiths que afirmam que o Profeta teria escolhido Ali (o primeiro imã), para seu sucessor, hadiths que os Sunitas não aceitam como sendo autênticos. A batalha de Carbala é então o episódio central da teologia xiita, a qual começou a 10 de outubro de 680 em que Hussain líder da monarquia espiritual (filho de Ali e neto do Profeta), com um exército de 600 homens foi fazer frente ao líder da monarquia hereditária liderada por Yazid (filho de Muawiya). Nesse momento a comunidade muçulmana estava dividida entre os que apoiavam Ali e os que apoiavam Yazid. Nesta batalha, Hussein e o seu exército foram dizimados e o Islão ficou dividido para sempre (Chebel, 2010; Sardar, 2007), ([Anexo H](#)).

*“Cada religião pressupõe uma atitude perante a vida e uma interpretação desta: a sua origem, o seu desenvolvimento, o seu final, a sua transcendência; por isso com a sua influência pode desenvolver e limitar determinados aspetos da vida individual ou coletiva das pessoas”* (Ediclube, a, p. 130)

### 1.5. Social

A República Islâmica do Afeganistão, ou Afeganistão é constituída por 34 províncias, sendo que Kabul é a sua capital e tem uma população estimada de 29 milhões de habitantes (em 2009), (CALL, Center for Army Lessons Learned, 2011).

Segundo a Constituição afegã, o islamismo é a religião oficial do país, que prevê também a existência de seguidores de outras religiões e o direito a professarem a sua fé desde que dentro dos limites impostos pela lei islâmica (sharia), o que na prática não se verifica, e por exemplo os cristãos afegãos são muitas vezes perseguidos e ameaçados de morte, tendo de praticar a sua religião em segredo (TCC, Tradoc Culture Center, 2009).

O Afeganistão tem 2 línguas oficiais, o pashtun, usada por cerca de 35% da população, e o dari utilizado por 50% da população, sendo esta última considerada a língua dos negócios. Dada a diversidade étnica que se verifica no país, existem mais línguas faladas pela população mas que não têm dominância significativa (NATO, 2001 a), ([Anexo G](#)).

As vias de comunicação neste país são escassas e de péssima qualidade devido à configuração do terreno, sendo que a cordilheira de Hindu Kush constitui um obstáculo à



circulação na região central. A principal via de comunicação é a Ring Road, uma rede de estradas que descreve uma circunferência ao centro do Afeganistão e faz a ligação entre as principais cidades (Wright, 2010; 6ªCIM-A, 2014).

Devido à sua história, o Afeganistão é provido de uma panóplia de etnias e tribos, o que contribui para a falta de coesão social e união nacional ao longo dos tempos. O Afeganistão divide-se em termos etnográficos em cinco grupos: os pashtun, os tajiques, os uzbeques, os hazara, e os aimak (6ªCIM-A, 2014)

Os pashtun constituem 42% da população afegã. Esta etnia ocupa uma região que vai desde o oeste do Paquistão até ao sul do Afeganistão, controlando cidades afegãs como Farah, Nimruz, Helmand, Kandahar, Zabul, Paktika, e Paktia (Wright, 2010).

A etnia tajique constitui entre 20% a 25% da população afegã, e está ligada ao Tadjiquistão tal como o nome indica, ocupando as regiões norte e oeste do Afeganistão e sendo uma maioria nas cidades de Herat, Mazar e Sharif, Ghazni, e Kabul, esta etnia está presente em vários países da Ásia central (Sobral, 2011).

Os uzbeques estão ligados ao Uzbequistão e representam 10% da população total afegã, tendo também uma significativa representação nos países da Ásia Central. No Afeganistão concentram-se a Norte do país, predominantemente nas cidades de Konduz e Mazar e Sharif (Sobral, 2011).

Os hazara constituem 9 % da população afegã, e localizam-se essencialmente na zona centro do país, nomeadamente, nas províncias de Bamyan e Oruzgan. Os hazara foram uma das etnias mais discriminadas durante o domínio talibã, visto praticarem o islamismo de origem Xiita (Sobral, 2011).

A etnia aimak representa 4% da população e é de origem turcomana, sendo constituída por outras várias etnias, principalmente, hazara e baloch. No Afeganistão ocupam essencialmente nas províncias de Herat, Ghor, e Badghis (Sobral, 2011).

Além destas cinco etnias com maior representação em território afegão, existem outras com menor prevalência, nomeadamente, os turcomanos, os baloch, os nuristani, os pashai, os brahuis, os pamiris, os kyrgyz, e hindus (Sobral, 2011; NATO, 2001 a).

## **1.6 Portugal e o Afeganistão**

É após os ataques sucedidos a 11 de setembro de 2001 nos EUA que se dá início à intervenção da NATO (North Atlantic Treaty Organization) através da resolução Nº 1386



(2001) do Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas). Desta forma teve início em Fevereiro de 2002 a relação entre Portugal e o Afeganistão em termos militares, a qual se estendeu até 2014. Portugal contribuiu desde então com: uma força composta por especialistas na componente sanitária, proveniente dos três ramos das forças armadas que foram integrar as forças da ISAF (International Security Assistance Force); vários destacamentos C-130; meteorologistas; bombeiros e um destacamento de controlo aéreo TACP (Tactical Air Control Party) por parte da Força Aérea no aeroporto de Kabul. O Exército contribuiu com forças de escalão companhia cumprindo missões de tipo QRF (Quick Reaction Force), sendo ainda designados Oficiais e Sargentos dos três ramos para desempenharem funções no QG (Quartel General) da ISAF entre outras estruturas regionais, e ainda cumprir missões de mentoria constituindo uma OMLT (Operational Mentor and Liaison Team) junto do ANA (Afghan National Army). A GNR (Guarda Nacional Republicana) contribuiu também com militares para a formação e treino das ANSF (Afghan National Security Forces). Neste TO (Teatro de Operações), as forças Portuguesas enfrentaram como principais ameaças ataques de armas de tiro direto, tiro indireto através de lançamento de granadas de morteiro e de rockets, e a utilização de IED's (Improvised Explosive Device), SBIED (Suicide Borne Improvised Explosive Device), e de VBIED (Vehicle Borne Improvised Explosive Device) sendo que a mais perigosa neste TO e a combinação destas várias formas de ataque, (Rodrigues A. , Décimo Aniversário do 11 de Setembro: da Perda da Inocência à Tolerância Diante das Diferenças, 2011; Duarte, 2011; Machado, 2008; Cardoso, Domingos, & Soares, 2014).

**Apêndice C – Guião da Entrevista dirigido a graduados.**



**Exército Português**  
**ACADEMIA MILITAR**  
**Trabalho de Investigação Aplicada**  
**ENTREVISTA**

Esta entrevista está inserida no Trabalho de Investigação Aplicada, com vista à atribuição do grau de Mestre no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, com o título “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”.

**Graduados**

**Dados da entrevista:**

Código do Interlocutor:

Interlocutor:

Entrevistador:

Cargo atual:

Cargo/os que desempenhou no TO:

Data:

Hora:

Local:

Suporte:

**Preâmbulo de orientação:**

Esta entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”. Esta entrevista é direcionada a militares do Exército que desempenharam funções neste teatro de operações familiarizados quer com a fase de aprontamento dos contingentes para o Afeganistão, quer com a própria vivência com o povo Afegão e sua cultura. Tem como objetivo recolher informação junto de interlocutores privilegiados na temática do teatro de operações Afeganistão, abordando o treino e instrução neste âmbito, e quais os resultados que se obtém com o mesmo.

**Questões:**

1. Sabendo que as diretivas de aprontamento dedicam alguns tempos de instrução e treino a esta área específica do Cultural Awareness, de que forma é que estes são postos na prática?
2. Ao longo dos vários contingentes que prestaram serviço no Afeganistão, todos eles apontam como principais constrangimentos à atuação das forças neste TO o relevo e a cultura do povo afegão. Que importância é dada a estes fatores aquando do aprontamento das FND para este TO tão específico?
3. Dada a elevada importância que esta área tem neste TO de que forma é que pensa que a falta de formação, instrução e informação acerca da cultura deste país pode pôr em causa quer a vida dos militares, quer a própria missão?
4. Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?
5. Estando o senhor presente neste TO e vivendo lado a lado com outras nações, de que forma vê a importância atribuída a este tema, quer por parte do Exército Português, quer pelos Exércitos da NATO?
6. Da sua experiência em contingentes presentes no teatro em específico, quais são para si os pontos fortes e pontos fracos que identifica nos mesmos quer a nível da formação e treino quer a nível operacional?
7. A Força dispunha de algum tipo de “regras de empenhamento culturais / religiosas”? Se sim, quais?
8. Na sua perspetiva a atuação das forças nacionais foi diferenciada em termos culturais em comparação com outras forças NATO?
9. Deseja acrescentar mais alguma coisa?

**Obrigado pela sua colaboração.**

**Tiago Pires**

**Asp Of Al Inf**

**Apêndice D – Entrevista dirigida ao Maj Inf Pedro Ferreira.**

**Exército Português**

**ACADEMIA MILITAR**

**Trabalho de Investigação Aplicada**

**ENTREVISTA**

**Graduados**



Esta entrevista está inserida no Trabalho de Investigação Aplicada, com vista à atribuição do grau de Mestre no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, com o título “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”.

**Dados da entrevista:**

Código do Interlocutor: G1;

Interlocutor: Maj Inf Pedro Ferreira;

Entrevistador: Asp Inf Tiago Pires;

Cargo atual: Chefe da secção de informações internas, relações públicas e protocolo da Academia Militar – Oficial de protocolo da Academia Militar;

Cargo/os que desempenhou no TO: Analista de audiências alvo - TAA (*Target Audience Analysis*) - *Combined Joint Psyops Task Force* (CJPOTF);

Data: 02/03/2015;

Hora: 14:00;

Local: Gabinete de apoio ao comando - Academia Militar;

Suporte: Áudio, Word.

**Preâmbulo de orientação:**

Esta entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”. Esta entrevista é direcionada a militares do Exército que desempenharam funções neste teatro de operações familiarizados quer com a fase de aprontamento dos contingentes para o Afeganistão, quer com a própria vivência com o povo Afegão e sua cultura. Tem como objetivo recolher informação junto de interlocutores privilegiados na temática do teatro de operações Afeganistão, abordando o treino e instrução neste âmbito, e quais os resultados que se obtém com o mesmo.

**Questões:**

1. Sabendo que as diretivas de aprontamento dedicam alguns tempos de instrução e treino a esta área específica do *Cultural Awareness*, de que forma é que estes são postos na prática?

“Eu não estava integrado numa unidade constituída, fui como missão ou cargo individual, portanto eu fiz o meu próprio aprontamento. Essa parte do *Cultural Awareness* como é que eu fiz? De três formas, conforme referi no artigo, (*Cultural Awareness* - da tomada de consciência à técnica, Revista azimute nº 190 dezembro 2010), primeiro falei com quem já lá tinha estado a desempenhar a mesma função; depois fiz a minha própria investigação e li dois livros, li um livro mais técnico com a história, os grupos étnicos, a língua, o número da população etc., ou seja fiz um estudo de situação técnico do Afeganistão e como tinha saído na altura o livro «o caderno afegão» de Isabel Gomes Freire que é um livro de viagens ao Afeganistão e dá uma perspetiva não tão técnica como um livro que seja rigoroso nesse aspeto, que tenha dados estatísticos, numéricos, acontecimentos sociais e históricos porém, dá uma visão mais descontraída daquilo que se pode encontrar, e isso ajudou-me imenso. Portanto esta pergunta acaba por ser inapropriada porque eu não tive qualquer tipo de aprontamento, sobre isto ou sobre qualquer outra matéria, porque não estive integrado em nenhum contingente. Mas embora não tenha tido esta instrução, dada a minha função no teatro de operações, eu tive necessidade de aplicá-la todos os dias.”

2. Ao longo dos vários contingentes que prestaram serviço no Afeganistão, todos eles apontam como principais constrangimentos à atuação das forças neste TO o relevo e a cultura do povo afegão. Que importância é dada a estes fatores aquando do aprontamento das FND para este TO tão específico?

“Embora não tenha tido esta instrução, eu deveria ter assistido a um brífingue no âmbito das informações junto da entidade tutelar da missão sobre alguns aspetos importantes nesta temática.”

3. Dada a elevada importância que esta área tem neste TO de que forma é que pensa que a falta de formação, instrução e informação acerca da cultura deste país pode pôr em causa quer a vida dos militares, quer a própria missão?

“Dadas as minhas características físicas, barba grande de cor ruiva, muitas vezes mesmo em Portugal nos aeroportos vêm falar comigo em inglês porque julgam que eu sou americano, inglês ou algo do género. No Afeganistão, muitas vezes, quando

falávamos com pessoas (porque lá havia grupos dos quais nós já tínhamos contactos e outros nem tanto), pois o nosso dia-a-dia era junto da população, eles (afegãos) perguntavam ao intérprete se eu era americano e ele respondia que não, que era português. Nesse caso eles mudavam o discurso porque se eu fosse americano já não iriam falar da mesma forma comigo, uma vez que os americanos, ainda que tenham alguma formação nesta área, que eu também não sei em concreto qual é que é, se calhar algumas unidades em específico têm, mas as grandes unidades também não deverão ter essa formação porque nós temos a noção de que eles têm um sistema perfeito, porque nós pensamos que eles são muito bons, têm tudo e é tudo perfeito. No entanto, isso não é verdade, eles têm uma grande máquina em termos de apoio e meios, mas também têm as suas falhas. Por outro lado, também temos de lhes dar algum desconto, porque eles se consideram permanentemente um alvo, então ainda que tenham algum conhecimento sobre o que devem fazer, muitas vezes não o fazem por esse sentimento de ameaça permanente, e por esse motivo muitas vezes quebram as regras que provavelmente, são explicadas dentro desta instrução, o que leva depois à construção de barreiras. Respondendo diretamente à questão, sem dúvida nenhuma pode pôr em causa quer da missão quer da vida dos militares.”

4. Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

“No meu caso não se aplica porque não tive essa formação, mas com o evoluir da missão e com a nossa aprendizagem do dia-a-dia, posso afirmar que existem diferenças principalmente na forma como tu estás predisposto a agir. Por exemplo, as regras dizem para nunca estender a mão a uma mulher, então e quando elas te esticam a mão a ti? Porque uma coisa são as regras e outra é a conduta e a própria adulteração da conduta, ou seja, é uma adaptação constante. Este exemplo aconteceu-me, uma mulher afegã, que foi Coronel na polícia, e é engraçado porque tu não podes esticar a mão a uma mulher, mas aquela mulher como ocupou um cargo de homem cumprimenta toda a gente, nacionais ou não, com um esticar de mão. Como é que se reage a isto? Ninguém te ensinou, como é que fazes? Analisas a situação, observas e acabas também por esticar a mão. O que posso dizer é que a formação que eu tive foi baseada na experiência do meu dia-a-dia. No final há realmente uma evolução, e a nossa iniciativa de tentar aprender algumas frases é uma maneira de criar empatia com as pessoas. Até posso dar outro exemplo: numa reunião eu dizia sempre duas ou três frases em dari e depois continuava em inglês, porque também não dava para

mais, e numa das reuniões disse alguma coisa de que toda a gente se riu e eu sem saber porquê. No fim da reunião o intérprete veio me dizer que proferi uma palavra com uma pronúncia diferente, o que lhe alterava o significado. Essa expressão poderia ter sido considerada ofensiva, mas ninguém levou a mal, porque reconheceram o esforço feito por mim em falar dari, algo que os americanos não fazem, para eles passar para além do Salaam já é um grande esforço, por isso eu considero que no final, se houver formação de base, as pessoas têm uma margem de progressão para evoluir e para notarem essa diferença.”

5. Estando o senhor presente neste TO e vivendo lado a lado com outras nações, de que forma vê a importância atribuída a este tema, quer por parte do Exército Português, quer pelos Exércitos da NATO?

“Aquilo que eu senti outros também sentiram sejam polacos, ingleses, franceses, todos se queixaram do mesmo. Não podemos pensar que os ingleses têm um sistema perfeito e que antes de irem para o teatro aprendem dari, ou que os franceses sabiam tudo sobre o Afeganistão, isso não é verdade e também há falhas nos outros exércitos e nos outros países. Não te consigo dizer se o tema é tão esquecido como no nosso país, porque não tenho o conhecimento profundo do que as FND fazem, mas sei que algumas unidades de outros países têm essa preocupação, portanto existem exemplos positivos e exemplos negativos. Eu acredito que nos casos individuais como o meu, que a coisa seja: «toma o passaporte e vai». Se calhar nós não estamos tão mal como pensamos, se já é distribuído um handbook nas FND a cada militar já estamos num bom caminho.”

6. Da sua experiência em contingentes presentes no teatro em específico, quais são para si os pontos fortes e pontos fracos que identifica nos mesmos quer a nível da formação e treino quer a nível operacional?

Não se aplica, pois não teve essa formação.

7. A Força dispunha de algum tipo de “regras de empenhamento culturais / religiosas”? Se sim, quais?

“Nós tínhamos algumas regras práticas, fruto da vivência, por exemplo, nunca falar com um afegão com óculos escuros. Podemos chamar a isto uma regra de empenhamento cultural, coisa que os americanos fazem constantemente. Será que isto não lhes é explicado? A uns sim, a outros nem tanto. Acredito que numa maneira geral sim, mas que eles violam constantemente este tipo de regras. Dizer que havia

este tipo de regras por escrito, não havia, se nas nossas FND existe isto, não sei, talvez nos handbook.”

8. Na sua perspetiva a atuação das forças nacionais foi diferenciada em termos culturais em comparação com outras forças NATO?

“Há aqui uma coisa que é o ser português, e nós realmente, por defeito, somos pessoas afáveis. Não quer dizer que não estejamos sempre de pé atrás, mas temos uma capacidade para conseguir ultrapassar aquela imagem de gelo e temos uma facilidade para falar com as pessoas, ser simpático, esboçar um sorriso até ao ponto daquilo parecer natural. Por isso eu acho que se calhar nós temos essa capacidade de nos diferenciarmos pela positiva, é a sensação que eu tenho e que eu escrevi no artigo. Nós temos essa capacidade, e tendo instrução sobre a parte cultural do TO para onde nós vamos, temos então toda a capacidade para ter um bom desempenho.”

9. Deseja acrescentar mais alguma coisa?

“O facto de se trabalhar à civil servia apenas por segurança, para não nos identificarem diretamente. Eu quando entrava num restaurante, toda a gente via que eu era estrangeiro. O facto de deixar crescer a barba não era para me disfarçar, aquilo é uma identificação cultural, porque as pessoas associam a barba a uma imagem de respeito e velhice. A barba vem nessa perspetiva de aumentar as possibilidades de identificação cultural e de empatia com o outro interlocutor. O trabalho à civil tem a ver com a segurança. A primeira coisa que o meu chefe me perguntou foi «trouxeste roupa civil?» eu levei porque já me tinham dito para levar, mas fui eu que comecei a trabalhar à civil com este objetivo.

O *Cultural Awareness* não é só a questão religiosa. Por experiência própria, refiro que o tema da religião foi coisa a que nunca tive grande necessidade de recorrer. Aliás, de uma forma ou de outra, para salvaguarda própria, sempre o tentei evitar e sempre senti que, do outro lado, fizeram o mesmo comigo. É que confinar a consciência cultural ao âmbito da religião é, no mínimo, redutor e traz armadilhas associadas. Ter consciência que do outro lado, em termos médios, estão pessoas como nós, com necessidades, gostos, passatempos, família, experiências de vida, interesses, etc, é já um bom ponto de partida para moldar as perceções e recolher daí atitudes positivas. Para concluir, nós temos uma capacidade para conseguirmos ser coerentes, e tendo a formação necessária, é possível



fazer um bom trabalho. Uma das conclusões que o teu trabalho vai ter, tal como eu escrevi no meu artigo, é que esta matéria é fundamental e deve ser tratada em termos de planeamento e treino da força tal e qual como se se tratasse de qualquer outra tarefa. Esta formação não deve ser só naquela perspetiva do «agora vamos encaixar aqui uma hora de *Cultural Awareness*» só para dizer que fizemos alguma coisa, o importante é introduzir esta matéria nos exercícios, criar incidentes, fazer coisas dinâmicas porque é a única forma de interiorizares os conceitos e avaliares a sua eficácia.”

**Obrigado pela sua colaboração.**

**Tiago Pires**

**Asp Of Al Inf**

**Apêndice E – Entrevista dirigida ao Maj Inf Roberto Mariano.**



**Exército Português**

**ACADEMIA MILITAR**

**Trabalho de Investigação Aplicada**

**ENTREVISTA**

**Graduados**

Esta entrevista está inserida no Trabalho de Investigação Aplicada, com vista à atribuição do grau de Mestre no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, com o título “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”.

**Dados da entrevista:**

Código do Interlocutor: G2

Interlocutor: Maj Inf Roberto Mariano

Entrevistador: Asp Al Inf Tiago Pires

Cargo atual: Professor das unidades curriculares de Tática de Infantaria, Ética e Liderança, Prática Pedagógica e Sistemas de Armas de Infantaria.

Cargo/os que desempenhou no TO: Oficial de Informações e Oficial de segurança.

Data: 04/03/2015

Hora: 14:00

Local: gabinete de Ética e Liderança - Academia Militar

Suporte: Gravador Áudio

**Preâmbulo de orientação:**

Esta entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”. Esta entrevista é direcionada a militares do Exército que desempenharam funções neste teatro de operações familiarizados quer com a fase de aprontamento dos contingentes para o Afeganistão, quer com a própria vivência com o povo Afegão e sua cultura. Tem como objetivo recolher informação junto de interlocutores privilegiados na temática do teatro de operações Afeganistão, abordando o treino e instrução neste âmbito, e quais os resultados que se obtém com o mesmo.

**Questões:**

1. Sabendo que as diretivas de aprontamento dedicam alguns tempos de instrução e treino a esta área específica do *Cultural Awareness*, de que forma é que estes são postos na prática?

“Relativamente a isto, o meu caso foi uma situação diferente do que é normal, porque estive integrado em duas forças e fruto do desenrolar dos acontecimentos, não tive oportunidade de acompanhar o aprontamento da primeira força onde estive colocado. Mas relativamente à 2ª força, sei que houve palestras, houve chamadas de atenção, existiam regras muito precisas e claras no que diz respeito à forma como deveriam atuar em relação à população em geral, inclusive a forma como se deviam comportar dentro do aquartelamento.

Toda a missão correu muito bem no que diz respeito a estas questões do tratamento da população, para isto contribuíram também os feedbacks que a força anterior nos deixou.

Como Oficial de informações, já no teatro, e bebendo do conhecimento do Oficial de informações anterior, sempre que havia uma operação no exterior, havia o cuidado da minha parte (Oficial de informações) de dar o meu contributo no brífingue, e fazia referência à conduta das forças, por exemplo, uma das chamadas de atenção que fiz foi a de que as mesquitas não têm que ter exatamente a configuração normal de uma mesquita, pode até ser uma casa normal, mas existiam pequenos indicadores, como por exemplo a presença dos megafones no edifício que indicam que poderia ser um local de culto religioso. Outra das minhas indicações era a de terem respeito máximo pelas populações e nós portugueses, temos uma vantagem relativamente à atitude, que era uma atitude bastante aberta, era bem diferente da que os americanos tinham, não sei se os americanos agem desta forma por sentirem que são mais procurados relativamente à ameaça, mas nós conseguíamos estabelecer de forma mais fácil o contacto com as populações”.

2. Ao longo dos vários contingentes que prestaram serviço no Afeganistão, todos eles apontam como principais constrangimentos à atuação das forças neste TO o relevo e a cultura do povo afegão. Que importância é dada a estes fatores aquando do aprontamento das FND para este TO tão específico?

“Há palestras sobre as características do país, condições climatéricas, relevo, etc., O nosso país tem algumas características propícias ao treino operacional vocacionado para este TO e fazem-se esses treinos quer na região do Alentejo, quer

na Serra da Estrela, pelas suas características climatéricas e de relevo. Relativamente à cultura, os militares mantinham um certo distanciamento, porque existia uma barreira evidente que era a língua. O contacto direto com afegãos era pouco, havia um cuidado por parte dos comandantes dos pelotões e das companhias em estabelecer contacto com as autoridades locais. Mostrávamos deferência para com eles de forma a demonstrar o reconhecimento da sua importância naquela região, e isto aligeirava depois a atuação e a aceitação da força. Numa situação em que uma viatura avariou, foi um afegão que prestou auxílio à força. O português tem essa facilidade, porque temos uma atitude low profile e temos sempre um sorriso nos lábios, somos pessoas abertas. No aprontamento é sempre apresentado o país, o território, a natureza da população para que se tomem procedimentos dentro da força, no sentido de minimizar os efeitos de uma ação, por exemplo os comandantes são quem tem geralmente o contato com as populações de forma direta”.

3. Dada a elevada importância que esta área tem neste TO de que forma é que pensa que a falta de formação, instrução e informação acerca da cultura deste país pode pôr em causa quer a vida dos militares, quer a própria missão?

“Relativamente a isto o que verifiquei foi o impacto que uma única pessoa poderá ter através de um gesto simples. Um soldado com uma atitude incorreta poderá ter um impacto não só ao nível tático mas também operacional e até estratégico. Dois exemplos disto foram duas situações que ocorreram no estrangeiro. A primeira foi a queima de vários exemplares do Alcorão, por parte de forças americanas, o que provocou distúrbios em Cabul (local onde eu atuava). A segunda situação foi a publicação dos cartoons que apresentavam o profeta Maomé, o que pôs Cabul a ferro e fogo, as populações revoltaram-se não deliberadamente, mas devido aos mulá (líderes religiosos), que incitaram a isso. Interessa que sejamos alertados para estas situações, para a sensibilidade que esta religião pode ter, para não cometermos gafes sem ser nossa intenção, essas gafes podem ser provocadas quer por um soldado, quer por um Oficial, e basta que um elemento entre em descrédito para que ponha em causa o trabalho de meses”.

4. Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

“Eu não te posso responder a isso porque eu não sei como é que seria se não tivessem essa formação, mas quero acreditar que o bom senso iria reinar. Mas poderiam ter acontecido alguns desentendimentos que seriam depois de resolução complicada.”

5. Estando o senhor presente neste TO e vivendo lado a lado com outras nações, de que forma vê a importância atribuída a este tema, quer por parte do Exército Português, quer pelos Exércitos da NATO?

“Eu acredito que os americanos tenham formação nesse sentido, mas também percebo que eles tenham uma forma de atuação diferenciada da nossa por se sentirem como alvos permanentes, e dado isso, tendem a criar maior afastamento da população. Relativamente às outras forças: italianas, inglesas, alemãs e turcas, não acho que existam grandes diferenças na forma de atuação, talvez exista diferença na facilidade que, nós portugueses, temos em quebrar a “barreira” inicial. Relativamente aos turcos, eles raramente saíam do aquartelamento devido a posições políticas e por serem maioritariamente Muçulmanos. Senti que não se queriam envolver diretamente, tentando manter alguma neutralidade. Este tema tem que ser abordado por qualquer força que vá para este território, em relação a outras forças penso que o nível seja o mesmo, sendo que alguns teriam ainda mais cuidados talvez por serem obcecados em evitar baixas”.

6. Da sua experiência em contingentes presentes no teatro em específico, quais são para si os pontos fortes e pontos fracos que identifica nos mesmos quer a nível da formação e treino quer a nível operacional?

“A segunda força bebeu o conhecimento da primeira, porque a segunda força quando se apresentou lá vinha bem preparada e bem treinada resultado da experiência das forças anteriores. Em termos operacionais foi uma força que marcou pela diferença pelo rigor, pela disciplina, pela ação de comando, prontidão, pelo tratamento e pela postura. Esta força foi alvo de diversos elogios por parte de vários oficiais de outras nações em diversos fóruns”.

7. A Força dispunha de algum tipo de “regras de empenhamento culturais / religiosas”? Se sim, quais?

“Existiam sim NEP’s dentro da força, no que toca ao estabelecer o contacto com as populações. Por exemplo quem fazia o contacto com a população eram os comandantes, isto para reduzir a probabilidade de mal entendidos. Eram indicações gerais dadas nas Ordens de Operações, por exemplo não há lugar para o contacto físico, não olhar para as senhoras etc., e depois passa pela própria conduta da força”.

8. Na sua perspetiva a atuação das forças nacionais foi diferenciada em termos culturais em comparação com outras forças NATO?

“Eu penso que sim, e isso deve-se à facilidade que temos em estabelecer relações, seja em que país for, e com quem quer que seja. Esta abertura ao contacto, o facto de sermos um país com pouco impacto internacional, ou seja neutro, que provavelmente nem toda a gente saberá onde fica Portugal, o facto de não se ser identificado como sendo americano, alemão, inglês ou francês é provavelmente mais um fator que facilita o contato entre os nossos militares e a própria população. Ressalvo ainda a importância de ter algumas figuras com reconhecimento internacional, como por exemplo no desporto, também pode quebrar algumas barreiras quando somos identificados como sendo portugueses”.

9. Deseja acrescentar mais alguma coisa?

“Não tenho nada a acrescentar”.

**Obrigado pela sua colaboração.**

**Tiago Pires**

**Asp Of Al Inf**

**Apêndice F – Entrevista dirigida ao Cor Inf Nuno Pires.**



**Exército Português**

**ACADEMIA MILITAR**

**Trabalho de Investigação Aplicada**

**ENTREVISTA**

**Graduados**

Esta entrevista está inserida no Trabalho de Investigação Aplicada, com vista à atribuição do grau de Mestre no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, com o título “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”.

**Dados da entrevista:**

Código do Interlocutor: G3;

Interlocutor: Cor Inf Nuno Pires;

Entrevistador: Asp Inf Tiago Pires;

Cargo atual: Comandante do Corpo de Alunos da Academia Militar;

Cargo/os que desempenhou no TO: Chefe do Estado-Maior da OMLT KCD

Data: 05/03/2015;

Hora: 14:00;

Local: - Academia Militar;

Suporte: Áudio, Word.

**Preâmbulo de orientação:**

Esta entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”. Esta entrevista é direcionada a militares do Exército que desempenharam funções neste teatro de operações familiarizados quer com a fase de aprontamento dos contingentes para o Afeganistão, quer com a própria vivência com o povo Afegão e sua cultura. Tem como objetivo recolher informação junto de interlocutores privilegiados na temática do teatro de operações Afeganistão, abordando o treino e instrução neste âmbito, e quais os resultados que se obtém com o mesmo.

**Questões:**

1. Sabendo que as diretivas de aprontamento dedicam alguns tempos de instrução e treino a esta área específica do *Cultural Awareness*, de que forma é que estes são postos na prática?

“Está tudo interligado ao relacionamento que nós temos quando chegamos ao local, mas são extremamente importantes, abrem-nos os olhos, lembram-nos que existe uma conduta individual que se transmite de maneira diferente por parte dos Oficiais, Sargentos e Praças. No caso do pessoal mais graduado, é óbvio que estes estão mais sensibilizados para os termos da *Cultural Awareness* e há uma idiossincrasia na maneira de ser português que nos leva a ter uma grande perceção sobre o lado cultural. Não é despiciente essa preparação, cada um reage como reage, mas na nossa equipa houve uma natural apetência para este estudo da parte cultural na qual se destaca um esforço assinalável, por exemplo: quando chegámos ao Afeganistão houve muitos elementos da equipa que se apresentaram em dari aos afegãos”.

2. Ao longo dos vários contingentes que prestaram serviço no Afeganistão, todos eles apontam como principais constrangimentos à atuação das forças neste TO o relevo e a cultura do povo afegão. Que importância é dada a estes fatores aquando do aprontamento das FND para este TO tão específico?

“É tudo uma questão de interpretação, aquilo que trata a cultura de um determinado povo acaba por ser tanto um desafio como uma oportunidade. Quando nós entendemos, é uma oportunidade, quando não conhecemos, torna-se um desafio. É claro que tudo é muito diferente da nossa cultura ocidental relativamente àquilo que é uma cultura muçulmana e afegã. Os afegãos têm, relativamente aos paquistaneses (cultura que eu também conheci), a vantagem de não serem tão extremistas. Os afegãos têm uma cultura mais tolerante e abrangente, isto implica ter um grande conhecimento e saber que estamos perante uma cultura diferente. Mas havendo um bom estudo de base, constitui-se como uma oportunidade quando nós entramos bem, e essa é uma boa vantagem que tínhamos relativamente aos outros contingentes no Afeganistão. Uma coisa é entendermos, nós portugueses, face a um afegão, outra coisa é nós entendermos no meio de uma força internacional face aos afegãos, e penso que nesse aspeto estaremos melhor preparados do que outras nações. A questão cultural é algo muito importante e é dada a importância devida, mas o que as pessoas se queixam é que deveria ser dada mais importância”.



3. Dada a elevada importância que esta área tem neste TO de que forma é que pensa que a falta de formação, instrução e informação acerca da cultura deste país pode pôr em causa quer a vida dos militares, quer a própria missão?

“Põe, claro que põe, basta um militar portar-se mal para dar cabo da missão de 150 mil, basta um militar queimar o Alcorão ou ser indelicado com uma mulher para pôr em causa o cumprimento da missão, portanto é extremamente importante. No entanto, isto às vezes não tem a ver com a preparação para este território específico ou para esta população. O *Cultural Awareness* tem de ser entendido como uma questão de princípios e de valores. Os princípios gerais da formação militar é que devem incutir os que vão para este tipo de missões, a necessidade da sua preparação cultural, portanto às vezes não é uma questão de conhecer ou não conhecer bem o povo mas sim uma questão de estar bem ou mal preparado, para ter princípios de tolerância, porque eu até posso conhecer muito bem o povo afegão, mas se for xenófobo vou-me comportar mal á mesma. Por vezes nós investimos pouco no carácter psicológico dos militares que vão connosco e é aí que deve haver um grande cuidado e devemos ter uma grande precisão nos valores científicos e valores éticos que devem ter os que comandam e quem é comandado. O problema, muitas vezes, não está na falta de preparação cultural, que é evidente que há falta de formação cultural, mas muitas vezes é uma falta de formação ética, em liderança, nos valores, no entendimento, na tolerância e saber o que é que cada um defende.”

4. Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

“Há diferenças evidentes, uma maior sensibilização faz com que a conduta seja muito melhor. Um exemplo disso foi quando estávamos a preparar a equipa que nos foi substituir, na fase de adaptação da força já no TO, quando o nosso intérprete fez uma apresentação sobre o que fazer ou não fazer, o que discutir ou evitar discutir, na prática isto implicou que todos aqueles militares quando começaram a trabalhar já não cometessem esses erros, este tipo de formação tem efeitos imediatos”.

5. Estando o senhor presente neste TO e vivendo lado a lado com outras nações, de que forma vê a importância atribuída a este tema, quer por parte do Exército Português, quer pelos Exércitos da NATO?

“A questão da importância dada ao *Cultural Awareness* é bastante relevante em todos os países da NATO de uma forma geral, a forma como o aplicam é que pode não ser necessariamente igual. A preparação cultural que alguns países fazem é

através de regras muito rígidas e isso reflete-se às vezes de uma forma pouco flexível para lidar com questões abrangentes. E eu dou um exemplo: há uma NEP americana que impede a entrada dos seus militares em mesquitas, e isso é perfeitamente inconsequente, quando por exemplo nós somos convidados em entrar numa mesquita sabendo que isso é uma grande honra e um americano ao dizer que não, está a ofender fortemente a cultura afegã. Portanto, a importância que nós damos ao *Cultural Awareness* em Portugal é superior em teoria, isto deve-se ao facto de estarmos habituados culturalmente e sabemos que dependemos disso. Desde há nove séculos que sabemos que precisamos dessa interligação. Os outros países também dão importância, na prática podem é não a saber gerir tao bem. Há países que dão enorme importância, há países que dão menor importância, mas tem tudo a ver com a ação prática em termos de querer ou não querer aculturar, é isso que depois faz a diferença, não é propriamente a cultura, não é propriamente a parte enciclopédica, mas sim a parte tradicional e cultural herdada de cada povo.”

6. Da sua experiência em contingentes presentes no teatro em específico, quais são para si os pontos fortes e pontos fracos que identifica nos mesmos quer a nível da formação e treino quer a nível operacional?

“Nós temos um centro de lições aprendidas que trata todos os relatórios elaborados pelas forças quando regressam do teatro, depois esse relatório é enviado para a próxima força que vai para o território para que esta o possa consultar. Quando era chefe de estado-maior, a primeira coisa que fiz foi ir ler esse relatório de fim de missão e fui ver o que foi bem feito e o que foi mal feito e apliquei na nossa equipa.”

7. A Força dispunha de algum tipo de “regras de empenhamento culturais / religiosas”? Se sim, quais?

“Claro que havia enormes regras de empenhamento culturais, a própria ISAF tinha as suas regras de empenhamento culturais e eram distribuídos manuais com uma série de regras culturais, são fundamentais e funcionam perfeitamente e nós já fazíamos isso no ultramar”.

8. Na sua perspetiva a atuação das forças nacionais foi diferenciada em termos culturais em comparação com outras forças NATO?

“Não devemos ter a presunção de acharmos que somos melhor que os outros ou pior que os outros só porque sim. Acho que aí não há mecanismos de avaliação, quem os faz é o centro de lições aprendidas que envia pessoal que faz algum trabalho em termos de comparação entre contingentes. Até porque isso não tem lógica, comparar duas forças sem essa matriz comportamental. Como essa matriz não é feita,

ficam as ideias empíricas e pessoais, ficam as ideias de que as pessoas possam ter e como são empíricas não são científicas, não são académicas, não são relevantes para o teu trabalho.”

9. Deseja acrescentar mais alguma coisa?

“A dimensão cultural é uma coisa extremamente importante, talvez mais do que a cultura de intelligence. O *Cultural Awareness* atualmente, tem uma matriz mais relevante do que tinha no passado porque as pessoas começam a aperceber-se que não é só perceber o dia-a-dia de uma missão. O seu objetivo é o que nós estamos a fazer para determinado país, isto é que é *Cultural Awareness*, e por exemplo, o tipo de modelo de desenvolvimento que estamos a fazer para determinado país, qual é o tipo de ajuda que é importante para aquela região para além dos comportamentos individuais. É uma questão de missão, centro de gravidade e objetivo e isso as vezes não é rígido para as pessoas que estão a colaborar. Se nós vamos para uma região, onde não faz sentido falar em separação de Estado, igreja e o governo, obviamente que a nossa conduta, a nossa missão, a nossa forma de atuar, o nosso centro de gravidade tem que ser feito em linha com a dimensão cultural. É essa dimensão cultural que agora começa a ser acautelada com o *comprehensive approach*, *nation building* e *state building*. Com estes novos instrumentos de ligação, têm de ser transmitidos até ao nível mais baixo para que o soldado depois não vá fazer apenas uma apelação na lógica dos direitos humanos. Ele até pode achar errado que a mulher ande de burca, mas não é a missão dele mudar a burca das mulheres e essa questão cultural tem a ver com a dimensão mais lata e mais larga que são as missões. O *Cultural Awareness* não pode ser visto apenas como uma dimensão tática, a forma como falamos com as pessoas, como é que lidamos com elas, a dimensão cultural tem a ver com o próprio desafio da missão. Escalpelizar a análise da missão até ter a missão restabelecida dentro da dimensão cultural no nível que queremos atingir, e os erros são muitos. Às vezes pensamos que vamos mudar alguns comportamentos sociais ou culturais, quando não é esse o objetivo, e muitas vezes os contingentes pensam que têm uma missão que não lhes foi atribuída, pensam que vão para lá com outros valores e que acham que os devem fazer valer, e não é nada disso. Mesmo a cultura organizacional que se transporta para um sítio destes não é a mesma que nós usamos cá, por exemplo tentar replicar a estrutura da assistência religiosa, como a temos cá, lá é um erro dramático. Obviamente que a nossa organização tem que refletir sobre isto. A dimensão cultural não é

apenas uma dimensão de lidar com as pessoas, entender a forma como se organizam, como têm a sua cultura, é que  
al é a missão e saber o que é mais adequado para aquele povo, para depois poder escolher a sua linha dentro da sua matriz cultural, desde que não seja ofensiva contra os direitos básicos do ser humano”.

**Obrigado pela sua colaboração.**

**Tiago Pires**

**Asp Of Al Inf**

**Apêndice G – Entrevista dirigida ao Maj Inf António Grilo**



**Exército Português**

**ACADEMIA MILITAR**

**Trabalho de Investigação Aplicada**

**ENTREVISTA**

**Graduados**

Esta entrevista está inserida no Trabalho de Investigação Aplicada, com vista à atribuição do grau de Mestre no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, com o título “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”.

**Dados da entrevista:**

Código do Interlocutor: G4;

Interlocutor: Maj Inf Matos Grilo;

Entrevistador: Asp Al Inf Tiago Pires;

Cargo atual: Docente no IESM da Área de Ensino de Operações;

Cargo/os que desempenhou no TO: Comandante de Companhia, Mentor OMLT, Mentor MAT (2007,2011,2012);

Data: 06/03/2015;

Hora: 10:00;

Local: IESM;

Suporte: Áudio, Word;

**Preâmbulo de orientação:**

Esta entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”. Esta entrevista é direcionada a militares do Exército que desempenharam funções neste teatro de operações familiarizados quer com a fase de aprontamento dos contingentes para o Afeganistão, quer com a própria vivência com o povo Afegão e sua cultura. Tem como objetivo recolher informação junto de interlocutores privilegiados na temática do teatro de operações Afeganistão, abordando o treino e instrução neste âmbito, e quais os resultados que se obtém com o mesmo.

**Questões:**

1. Sabendo que as diretivas de aprontamento dedicam alguns tempos de instrução e treino a esta área específica do *Cultural Awareness*, de que forma é que estes são postos na prática?

“São sempre postas em prática, no entanto existem diversas premissas que contribuem para uma maior efetivação da “instrução”, a saber:

As Audiências Alvo (AA) dos tempos de instrução não são particularizadas nem discriminadas, ou seja, tanto é alvo de instrução o indivíduo que se encontra a desempenhar funções de staff (seja num Crises Establishment (CE)) como um “operacional, cujo desempenho de funções o limita/condiciona em muito ao contato com o povo afegão, terminando com os indivíduos que, na esmagadora maioria do tempo se ligam e relacionam com a população local. Há ainda que ter em consideração a permanência no TO em causa (e dentro do TO à região), pois um indivíduo que seja exposto ao TO pela primeira vez, tem uma reação distinta aquele que já, por mais do que uma vez teve contato com a população local, bem como terá de ser considerado o que é a entrada inicial e o término de uma missão. De forma direta à pergunta, sim, são postos em prática (dependendo da sensibilidade de cada um) por forma a contribuírem para a aceitação da força, para contribuírem para o conceito de Force Protection.

Nas várias experiências que tive no Afeganistão, pude aplicar esses conceitos, desde aspetos religiosos, passando pelo contato com líderes (KLE), aos aspetos mais tabus da sociedade, passando pelos aspetos de laser da sociedade”.

2. Ao longo dos vários contingentes que prestaram serviço no Afeganistão, todos eles apontam como principais constrangimentos à atuação das forças neste TO o relevo e a cultura do povo afegão. Que importância é dada a estes fatores aquando do aprontamento das FND para este TO tão específico?

“Pessoalmente, o relevo não é um constrangimento, é um facto com o qual as forças se têm de adaptar e, de acordo com as suas capacidades/limitações, fazerem bom “uso” dos chamados CAVEATS. “Train as you Fight” tem aqui a sua aplicação máxima. Para isso é preciso compreender a missão ISAF, com os seus objetivos operacionais, para aí fazer incidir os objetivos táticos. Essa responsabilidade cai

sobre o QG nível operacional e tático, ou seja IJC e RC's. Nesse sentido, torna-se de extrema importância desenvolver um “ambiente seguro” na população afegã, ou seja, nos locais onde vivem pessoas, pois é nesses locais que se concentram as atividades de insurgência, os santuários, os “líderes insurgentes/war lords/narcotraficantes etc). Neste contexto, é necessário haver capacidades de combate em terrenos especiais (ambientes especiais, como o de montanha) o que existia no TO, e acima de tudo, reforço, acima de tudo conhecer as particularidades dos diferentes sistemas culturais do povo afegão, tirando partido desse conhecimento.

Em resposta, e em todas as missões que participei, foi dada a formação mínima necessária para responder às exigências inicialmente encontradas”.

3. Dada a elevada importância que esta área tem neste TO de que forma é que pensa que a falta de formação, instrução e informação acerca da cultura deste país pode pôr em causa quer a vida dos militares, quer a própria missão?

“Não me parece lógica a pergunta. Até pode ser “curta” a formação/instrução, mas “alegar” desconhecimento por falta de informação já me parece grave, aliás, muito grave. Vivemos na era da informação, onde a mobilidade não é uma restrição”.

4. Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

“Não sei responder a esta questão, ainda que haja uma viragem significativa no modus operandis e orientações da Campanha no Afeganistão após 2007, onde as operações de cariz não-cinéticas começaram a ter um maior relevo”.

5. Estando o senhor presente neste TO e vivendo lado a lado com outras nações, de que forma vê a importância atribuída a este tema, quer por parte do Exército Português, quer pelos Exércitos da NATO?

“Parece-me comum que a importância dada a este tema é transversal a todos os países presentes no TO, ou então estariam a contrariar as diretivas do próprio COMISAF. O que é seguramente diferente é o entendimento e a forma empregar os conhecimentos/conceitos”.

6. Da sua experiência em contingentes presentes no teatro em específico, quais são para si os pontos fortes e pontos fracos que identifica nos mesmos quer a nível da formação e treino quer a nível operacional?

“A primeira missão, tinha como missão comandar uma QRF/COMISAF. Se analisarmos o que é isto de uma QRF depressa constatamos, segundo a doutrina nacional dos anos 70 (ultramar), nada mais nada menos do que uma força de intervenção. Ainda assim, é de suma importância entender os aspetos culturais, quanto mais não seja para contribuir para a proteção e aceitação da força. Nas restantes missões, este aspeto assumiu outro relevo, pois a atividade diária era 60/70 % passada com afegãos, de diversas etnias e com as idiossincrasias particulares dessa etnicidade. Como disse anteriormente, 2007 é talvez o ano em que se dá um novo “tom” à campanha do Afeganistão, surgindo diversos cursos, seja on-line, seja presenciais. Em anexo deixo exemplo de um curso on-line, existindo ainda formação presencial, como é o caso de diferentes cursos tirados no Joint Force Training Centre (JFTC) em Bydgoszcz, na Polónia”.

7. A Força dispunha de algum tipo de “regras de empenhamento culturais / religiosas”? Se sim, quais?

“Creio que não podemos confundir as coisas, ainda que entre “”, regras de empenhamento são regras de empenhamento e em tempo algum podem ser ou gerar confusão. Existia sim a regra do bom senso e da educação”.

8. Na sua perspetiva a atuação das forças nacionais foi diferenciada em termos culturais em comparação com outras forças NATO?

“Seguramente que o foi. Por vários motivos, realçando aqui a nossa maneira de estar, muito particular, e de reconhecida credibilidade, eventualmente do legado histórico que, não muito distante, fez de nós um império”.

9. Deseja acrescentar mais alguma coisa?

“Apenas alguma documentação variada, a qual anexo, que poderá para um melhor entendimento desta problemática”.

**Obrigado pela sua colaboração.**

**Tiago Pires**

**Asp Of Al Inf**



**Apêndice H – Entrevista dirigida ao SAj SGE António Rodrigues.**

**Exército Português**

**ACADEMIA MILITAR**

**Trabalho de Investigação Aplicada**

**ENTREVISTA**

**Graduados**



Esta entrevista está inserida no Trabalho de Investigação Aplicada, com vista à atribuição do grau de Mestre no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, com o título “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”.

**Dados da entrevista:**

Código do Interlocutor: G-5

Interlocutor: SAj SGE António Rodrigues

Entrevistador: Asp Al Inf Tiago Pires

Cargo atual: Analista médio oriente CISMIL - EMGFA.

Cargo/os que desempenhou no TO: Cultural Advisor, Public Affairs, Célula de informações militares.

Data: 06/03/2015

Hora: 14:00

Local: CISMIL - EMGFA

Suporte: Gravador Áudio

**Preâmbulo de orientação:**

Esta entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”. Esta entrevista é direcionada a militares do Exército que desempenharam funções neste teatro de operações familiarizados quer com a fase de aprontamento dos contingentes para o Afeganistão, quer com a própria vivência com o povo Afegão e sua cultura. Tem como objetivo recolher informação junto de interlocutores privilegiados na temática do teatro de operações Afeganistão, abordando o treino e instrução neste âmbito, e quais os resultados que se obtém com o mesmo.

**Questões:**

1. Sabendo que as diretivas de aprontamento dedicam alguns tempos de instrução e treino a esta área específica do *Cultural Awareness*, de que forma é que estes são postos na prática?

“Em termos destes tempos de instrução, não obstante muitos deles estarem incluídos em horário, há também muitas vezes, até por imperativos da própria missão, a tendência para desvalorizar estas instruções e substituir por outras, por exemplo no aprontamento para uma MAT requer muito mais treino como o tiro, a condução todo o terreno, os dispositivos das viaturas, que é tudo legítimo e próprio deste tipo de missão. Muitas vezes, estas instruções de *Cultural Awareness*, apesar de serem de muita importância e eu tenho sentido isso da minha experiência, vivida na primeira pessoa, eu verifico que quando se dá instrução nesta área, ou se troca impressões sobre esta área com indivíduos que não sabem nada ou quase nada sobre isto, eles estão ávidos de saber. Numa instrução destas de uma hora e meia, no final há sempre perguntas de curiosidade próprias de quem está a descobrir algo que lhe vai ser útil na missão. Eu julgo que, atendendo aos cenários, a preparação do nosso pessoal que a nível físico, de condições e até de *mindset* estão bem preparados. Estou a falar dos fuzileiros, dos comandos e dos nossos graduados, que mais ou menos pelas suas experiências obtidas no passado, ou como que aprendendo no aprontamento vão muito bem preparados. A aposta agora está em reforçar a parte de sensibilização cultural, na língua, não é preciso ser *expert* na matéria, mas para quebrar barreiras. Porque é diferente a aproximação de alguém que sabe o que deve ou não deve fazer de uma forma natural. Isto pode muitas vezes fazer a diferença, tenho exemplos de militares que depois, já no teatro, vêm ter comigo e me dizem que em determinada situação se lembraram da instrução e das indicações e que fez a diferença na abordagem. Por isso, eu acho que cada vez mais, com as novas ameaças e os novos nichos geográficos, constituem novas oportunidades para as nossas FND e por isso também é muito importante este *Cultural Awareness* no aprontamento. Estamos a apostar, se calhar, menos que outros países, mas digo também, que estamos em relação a outros, a apostar muitíssimo mais. É um trabalho que hoje em dia estamos mais sensibilizados do que estávamos a 10 ou 15 anos atrás por questões circunstanciais e históricas, depois para aliar a isto aquela nossa característica que nos é muito própria, porque nós sabemos estar, não temos problemas em olhar diretamente para a pessoa, de a abraçar, porque nós temos esta capacidade, isto é inato, isto é o nosso código genético. O ser português não é

estranho para um afegão, a própria palavra Portugal não é completamente desconhecida para um afegão porque está relacionada com laranja (em Árabe). Existe, de facto, uma ligação à nossa senhora de Fátima, que para os muçulmanos, principalmente os xiitas, será a projeção da filha do profeta. Somos, de facto, estimados e o facto de politicamente termos uma postura neutral em todas as nossas participações militares, depois é esta a nossa maneira de ser. É muito importante incluir esta formação e informação aos nossos contingentes.”

2. Ao longo dos vários contingentes que prestaram serviço no Afeganistão, todos eles apontam como principais constrangimentos à atuação das forças neste TO o relevo e a cultura do povo afegão. Que importância é dada a estes fatores aquando do aprontamento das FND para este TO tão específico?

“Naturalmente conhecer o *atmospheric*, a situação de ameaça, a segurança, o risco, o terreno e uma vez mais essa sensibilização cultural que tem obviamente o seu interesse, e sem me querer repetir, durante o aprontamento, e mesmo durante a missão é importante estar em consonância com aquilo que são os valores da sociedade onde nós estamos a prestar a nossa missão. Nós, muitas vezes, podemos ter determinado tipo de postura involuntariamente ou por desconhecimento, mas depois há a tal questão de sensibilização porque ofende a outra parte e ao mesmo tempo isso pode levar a que haja um exacerbar dessa atitude ou dessa postura e ela possa por em risco o indivíduo, a missão ou a própria bandeira. E nós, graças a Deus, temos tido sempre a sorte de conseguir estabelecer essa tal ponte, harmonizar as relações e muitos dos contactos que nós tínhamos, ainda hoje a esta distância física, geográfica e metafísica se mantêm. Com estas novas tecnologias, somos bombardeados de informação e nós portugueses temos sabido gerir toda esta informação graças à nossa curiosidade acerca destas questões ligadas ao outro. Para mim, esta questão do *Cultural Awareness* é muito importante para as forças no aprontamento, tanto como conhecer itinerários, o tiro, a logística e a vacinação.”

3. Dada a elevada importância que esta área tem neste TO de que forma é que pensa que a falta de formação, instrução e informação acerca da cultura deste país pode pôr em causa quer a vida dos militares, quer a própria missão?

“Para já, conhecimento é poder, e neste contexto, conhecimento é saber, e se soubermos o tal detalhe de cumprimentar só com a mão direita, não perguntar pela filha ou pela esposa, não cruzar a perna a apontar a sola do sapato, respeitar os períodos de ramadão, olhar para a pessoa diretamente, respeitar períodos de oração.

Muitas vezes trabalhamos com um intérprete e sabemos que ele tem aqueles tempos de oração, tentar respeitar esses períodos, no chamamento à prece nos minaretes das mesquitas, poderá haver a tendência para querer imitar com alguma ironia, porque é o desconhecido, é a natureza humana, e poder ser mal interpretado. Há uma série de aspetos que, embora sejam de senso comum, e há coisas que o são, seja em que quadrante geográfico for, pequenos gestos, muitas vezes por involuntários que sejam e fruto do desconhecimento perante um cidadão afegão, poderá causar alguns problemas, porque esta sociedade afegã está assente em tribos com séculos de história e ainda hoje os seus habitantes respeitam muito esses valores como é o caso do badal, ou seja, a ofensa da honra. Não é só a tal quebra de tratamento, de respeito para com o outro, mas é muitas vezes podermos, sem querer, estar a ofender o tal código de honra, e tem havido muitos casos de incidentes *green on blue* porque nós somos habituados a usar aquela presença altiva, com uma voz autoritária, própria da instrução militar, e muitas vezes para um indivíduo de determinada etnia, ser chamado à atenção ou repreendido ao pé de outro indivíduo de outra tribo ou clã, poderá ter consequências e que não irá gerir da mesma maneira que um ocidental.”

4. Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

“Há diferenças, melhora bastante, os militares ficam mais conscientes e sensibilizados, e mais confiantes, é um estímulo como já disse. Muitas das palestras em que eu estive presente, no final vinham sempre perguntar, há sempre perguntas, os nossos militares têm muita curiosidade acerca de alguns costumes como a burca, os rituais da oração, o comer com a mão direita e no final até dizem «se calhar até faz algum sentido» e depois na conduta efetiva das forças, nota-se esse cuidado em tentar aplicar estes ensinamentos como por exemplo: retirar os óculos de sol, o olhar nos olhos, o prender a mão esquerda nas refeições etc., de facto, há uma procura em conhecer esta cultura, estes costumes, até o aspeto religioso, não só por sentirem necessidade para a missão mas também por curiosidade própria”.

5. Estando o senhor presente neste TO e vivendo lado a lado com outras nações, de que forma vê a importância atribuída a este tema, quer por parte do Exército Português, quer pelos Exércitos da NATO?

“De uma forma geral, pela minha experiência, por duas funções que desempenhei no Afeganistão, a importância atribuída ao *Cultural Awareness* por

parte da generalidade dos países da NATO presentes no TO é mais extensa, em termos da formação, comparativamente ao que está a ser implementado nas nossas FND, até porque este processo, para nós, se calhar é mais recente do que para alguns países. No entanto, dada a minha experiência e observância, também se verificam nações natos com treino e instrução mais aprofundada, com recursos que nós não temos, que não estão talvez tão bem preparados ou não dão o devido valor, ou porque se calhar não têm o contato com as populações como nós temos na mentoria e portanto, para quem está 6 meses num determinado teatro sem sair, provavelmente o quesito de necessidade de *Cultural Awareness* não será necessariamente idêntico àquele indivíduo que tem que sair diariamente. Mesmo que não saia, recebe no âmbito da informação pública que recebe jornalistas locais ou reuniões no âmbito CIMIC que mesmo sem sair do quartel, tem esse contacto com os locais e, muitas vezes, também há casos em que as nações têm formação nesta área e depois no terreno, por qualquer razão, não há uma aposta como nós nesse cuidado ao pôr em pratica. Nós, através dos média, sabemos de casos em que os dispositivos de certas forças de determinadas nações tiveram que ser alterados devido a alguns incidentes *green on blue*. Nós temos esta afabilidade que nos é característica mesmo que não tenhamos aquele cuidado exacerbado de levar tudo quase como uma doutrina, até porque isto não é uma ciência exata, mas esta nossa forma de ser, que quase sem querer, vamos ao encontro do outro, ao passo que há nações que pela sua postura, que é natural, se calhar criam aquela *bubble* à volta deles e no contacto físico há mais resiliência, talvez por se sentirem mais alvo que outras nações e para o afegão isso pode ser sinal de afastamento ou alguma desconfiança, ao contrário daquilo que nós criamos logo à partida”.

6. Da sua experiência em contingentes presentes no teatro em específico, quais são para si os pontos fortes e pontos fracos que identifica nos mesmos quer a nível da formação e treino quer a nível operacional?

“Pontos fortes, temos no nosso exército pessoas com valências, com capacidades e que estão talvez subaproveitados nesta área, porque existe essa procura, mas que é feita através de contactos, de relações interpessoais. Não existe uma espécie de calendário como por exemplo com o NBQ, que sabemos que vamos ter formação de uma tarde com um oficial, um sargento especialista nesta área, ou por exemplo o socorrismo, sabemos que vamos ter a palestra com o enfermeiro Primeiro Sargento, ou com o cabo socorrista a nível cultural ou de sensibilização

cultural. Esta aposta é feita através do contacto interpessoal e isto só se traduz numa espécie de calendarização nas FND futuras porque há a tal tradição oral e acaba quase por ser uma tradição. E depois, o nosso exército é pequeno e toda a gente se conhece, e é porque alguém escreve no jornal do exército, ou já teve em missão, quando chega esta altura de aprontar uma força que se lembram, se calhar eu conheço a pessoa certa e depois propõe ao comandante da força e as pessoas vão sendo chamadas. Se há vontade desses indivíduos em dar mais contributos e há essa necessidade, não se deve olhar à agenda, à questão de postos, à questão de egos, mas sim à necessidade da formação desde os nossos chefes até aos nossos soldados, e portanto temos todos de convergir na mesma direção e às vezes, nós em conversa, costumamos dizer para uma determinada missão, parece que vamos para a primeira missão, porque parece que nada foi feito. Mas se formos a ver, existe um sistema de lições apreendidas, em que se pode aproveitar a experiência de outros, para que não se comentam os mesmos erros e devemos utilizar este recurso e depois preencher aquilo que achamos necessário e adequar à especificidade da nossa missão.

No terreno eu sei que existe este cuidado, embora não haja um livro doutrinário, a única coisa que existe escrito são os handbooks e artigos escritos por quem lá esteve, mas sinto que as pessoas não subestimam este conhecimento e a nível operacional, estamos muito bem preparados com os recursos que temos e temos pessoas com estas valências e o exército deve aproveitar estes homens. Há 10 ou 15 anos nós não tínhamos esta necessidade porque não tínhamos estes TO, mas com a atual conjuntura talvez devêssemos olhar para esta questão com outro olhar. Contrariamente à nato, somos ainda um diamante em bruto, potente, com grande capacidade, e grande valor, falta delapidar muito porque na NATO um OR4 ou um OR8 ou um OF3 é um técnico e é visto como um técnico pelos seus pares na organização, eu já fui abordado por Generais na NATO a pedir-me a minha opinião acerca de um assunto e eu acho que isso falta em Portugal, embora estejamos a evoluir também neste sentido”.

7. A Força dispunha de algum tipo de “regras de empenhamento culturais / religiosas”? Se sim, quais?

“Para além dos tais brífingues durante a preparação e aprontamento, em cada um tirava as suas conclusões e depois trocavam impressões na caserna. Mas no caso dos Comandos, os comandantes de grupo na OOp tinham sempre o cuidado de referir

alguns aspetos pertinentes no âmbito da cultura, como por exemplo ao cumprimentar retirar os óculos, ao ser convidado a entrar numa mesquita retirar o calçado e deixar a arma na viatura, não cumprimentar mulheres a não ser que seja a própria a tomar a iniciativa, evitar usar a mão esquerda nas refeições e depois existiam os *handbook* fornecidos pelas próprias FND”.

8. Na sua perspetiva a atuação das forças nacionais foi diferenciada em termos culturais em comparação com outras forças NATO?

“Comparativamente a outras nações, lá está pela nossa postura simples, abnegada, esta nossa idiossincrasia, a curiosidade que nos leva a tentar conhecer a nova cultura, esta nossa característica torna muito mais fácil esta interação com as populações e tem sido uma vantagem neste TO, é um código genético, uma mais valia comparativamente a outras forças, que muitas vezes têm recursos que nós não temos, mas que depois têm esta insuficiência que é a sensibilidade, a abertura, a curiosidade em conhecer. E eu tenho um exemplo prático disto mesmo, fui uma vez visitar uma figura proeminente do exército afegão e o nosso intérprete bateu a porta, esta figura estava em reunião com militares americanos, completamente equipados e armados, e o intérprete disse que estavam ali os portugueses que estavam de passagem e tinham parado para cumprimentar, mas como estava em reunião, iam andando e foi curioso que o tal indivíduo parou a reunião com um Coronel americano, e disse deixem entrar os meus amigos portugueses e nós, com a nossa simplicidade, cumprimentamos a sala toda e nesta situação sentiu-se perfeitamente o afeto desta figura proeminente pela nossa força. Respondendo diretamente à pergunta, a atuação das nossas forças foi, e muito, em muito, bastante diferenciada em termos culturais em relação a outras forças”.

9. Deseja acrescentar mais alguma coisa?

“Isto, mais em jeito de sùmula do que já foi dito, a *Cultural Awareness*, seja em que teatro for, é de sobremaneira importante e não deve ser desvalorizado. Ainda bem que há as relações interpessoais, e que cada vez olhamos mais ao técnico e não ao posto porque isto também é muito importante, se assim não for não evoluímos certamente. Poder-se-ia, no cumprimento e alargamento desta valência, criar não propriamente um centro de excelência, mas ter um núcleo permanente, e quando digo permanente, não precisa ser físico, ou seja, não é preciso criar um gabinete a tempo

inteiro, mas sim um núcleo de indivíduos que apostam no inglês, francês, árabe, russo, etc. alguém que se preocupe com esta parte da doutrina, alguém que se preocupe com a criação de handbooks destinados a forças e direcionados para os diferentes teatros, pessoal virado para leste, para o médio oriente, que acabam por formar a simbiose de tudo isto que tem a parte linguística, a parte da cultura, a parte da religião, a parte histórica e até poderia integrar a parte da instrução e assim haveria uma entidade credenciada e direcionada para estes fatores. Eu penso que a criação desta estrutura não requereria muitos custos financeiros e quando houvesse necessidade, quando as forças vão ser destacadas, este núcleo além de já ter este material preparado, poderia deslocar-se para fornecer estas instruções, quer sejam palestras ou simulações de incidentes, ou mesmo a distribuição de publicações e até tirar algumas dúvidas que possam existir. Estas estruturas já existem a nível NATO, quer na Polónia, quer em Espanha e poderia ser aplicada uma estrutura semelhante no nosso país e aproveitar as valências nesta área, que existem efetivamente no nosso exército e a vontade de transmitir estes conhecimentos por parte de quem tem estas valências”.

**Obrigado pela sua colaboração.**

**Tiago Pires**

**Asp Of Al Inf**



**Apêndice I – Entrevista dirigida ao Tenente-Coronel Inf José Ruivo.**



**Exército Português**

**ACADEMIA MILITAR**

**Trabalho de Investigação Aplicada**

**ENTREVISTA**

**Graduados**

Esta entrevista está inserida no Trabalho de Investigação Aplicada, com vista à atribuição do grau de Mestre no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, com o título “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”.

**Dados da entrevista:**

Código do Interlocutor: G-6;

Interlocutor: Tenente-Coronel Inf José Ruivo;

Entrevistador: Aspirante Aluno Inf Tiago Pires;

Cargo atual: Comandante do Centro de Tropas Comando;

Cargo/os que desempenhou no TO: Comandante de Companhia (QRF) e Comandante da unidade de Apoio;

Data: 10/03/2015;

Hora: 15:30;

Local: Centro de Tropas Comando;

Suporte: Áudio, Word;

**Preâmbulo de orientação:**

Esta entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”. Esta entrevista é direcionada a militares do Exército que desempenharam funções neste teatro de operações familiarizados quer com a fase de aprontamento dos contingentes para o Afeganistão, quer com a própria vivência com o povo Afegão e sua cultura. Tem como objetivo recolher informação junto de interlocutores privilegiados na temática do teatro de operações Afeganistão, abordando o treino e instrução neste âmbito, e quais os resultados que se obtém com o mesmo.

**Questões:**

1. Sabendo que as diretivas de aprontamento dedicam alguns tempos de instrução e treino a esta área específica do *Cultural Awareness*, de que forma é que estes são postos na prática?

“Relativamente a esta pergunta, não podemos toma-la como sendo transversal a todos os aprontamentos feitos para este teatro, dadas as diferentes unidades destacadas, bem como as diferentes missões. Eu não sei exatamente qual tem sido a experiência em termos dos diversos aprontamentos, apenas posso falar dos aprontamentos que eu fiz. Em relação à missão que fiz em 2006, embora não me esteja muito presente de momento, mas julgo que não houve nenhuma palestra nem nenhuma ação de formação nesta área. Na segunda missão houve sim uma palestra de duas horas, que estava prevista nas diretivas de aprontamento, e foi essencialmente sobre o Afeganistão em geral, sobre o islamismo e alguns alertas sobre esta temática do *Cultural Awareness*. Nesta palestra identifiquei uma falha relativamente à atualização da informação difundida nesta sessão, no que diz respeito não só à ameaça, mas também em relação à população. Esta palestra foi importante, mas não sei se foi suficiente, esperava mais, dado que já estávamos no teatro à cerca de 6 anos e estava à espera de uma coisa mais robusta”.

2. Ao longo dos vários contingentes que prestaram serviço no Afeganistão, todos eles apontam como principais constrangimentos à atuação das forças neste TO o relevo e a cultura do povo afegão. Que importância é dada a estes fatores aquando do aprontamento das FND para este TO tão específico?

“A importância dada, eu diria que é grande, acho que os militares ficam desde o início sensibilizados para este tema, para o facto de este ser um povo significativamente diferente do nosso e como é óbvio, é enquadrado pela questão da religião. Embora isto tenha nuances, em Cabul particularmente, sei que no antecedente à presença soviética e taliban, era um dos países mais desenvolvidos e abertos daquela região, que depois sofreu uma inflexão com a entrada dos taliban. Em 2006, numa das nossas ações de distribuição de materiais à população, que faziam parte do nosso *modus operandi*, e que serviam para estreitar o contacto com a população e aligeirar a nossa presença. Nessa ação em específico, quando fui contatar com o diretor de uma escola onde pretendíamos fazer a distribuição de roupas, tive o cuidado de avisar o diretor da escola que a roupa que íamos distribuir seria roupa ocidental, e ele respondeu-me que tinha esperança que um dia voltassem a usar roupas ocidentais. Por isso esta questão da religião e daquelas indumentárias,

não sei até que ponto seria esse o fator condicionador dos usos e costumes desta população. Esta questão em termos do aprontamento é importante, mas no meu tipo de missão estávamos muito mais preocupados com a reação a emboscada, ou a reação a um IED, ou com o tiro, questões que, na prática, poderiam pôr a missão e a vida dos militares em risco, do que propriamente com uma questão que, embora importante, não tinha implicações diretas na força, tendo em conta a probabilidade de contacto direto entre a nossa força e a população. Mas ainda que esse contacto realmente viesse a existir, seriam certamente os graduados a estabelecer essa interação e nesse caso, mesmo que não fossem providos de muita instrução nessa área, eu penso que não seria crítico porque nestas questões da cultura impera sobretudo o bom senso e a tolerância de ambas as partes, quer seja no Afeganistão ou em qualquer parte do mundo.”

3. Dada a elevada importância que esta área tem neste TO de que forma é que pensa que a falta de formação, instrução e informação acerca da cultura deste país pode pôr em causa quer a vida dos militares, quer a própria missão?

“Eu penso que isto depende muito do tipo de missão, no nosso caso, como éramos QRF, eu penso que não havia este problema, a não ser que fossem cometidas acções fora do normal, que seriam apenas fruto de loucura por exemplo, ir para um praça cheia de muçulmanos e queimar o Alcorão. Eu penso que a vida dos militares e da missão nunca estariam em risco, pelo facto dos nossos militares não terem qualquer formação em termos culturais, no caso de uma QRF. Noutros casos, como por exemplo a mentoria, eu penso que poderá dificultar a missão, mas há questões de bom senso que as pessoas naturalmente implementam mesmo que não se saiba nada do teatro. E depois, nós portugueses, temos uma capacidade de nos adaptarmos e de ser afetivos ao lidar com os diversos povos e as diferentes culturas, e isto é uma coisa que está no nosso ADN e na nossa própria cultura. No Afeganistão, a postura deles relativamente a nós era completamente diferente relativamente a outros contingentes, porque nós mexemos, abraçamos, sorrimos e estamos à frente deles sem equipamento e sem armamento e isso cria imediatamente laços que outros contingentes não conseguem criar. ”

4. Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

“Eu penso que não, não existe nenhuma diferença assinalável nesta questão, não notei qualquer diferença na forma de atuação das duas forças que integrei, em

que a primeira não teve instrução neste âmbito e a segunda já teve alguma instrução acerca disto. Poderá ter havido uma maior sensibilização, e certamente que houve, para este tema por parte dos militares, mas na prática não se verificaram diferenças na sua conduta. Mas também é de referir que não tive, em nenhuma das missões, oportunidade de verificar estas diferenças, porque embora tenha existido um contacto com a população, não existia uma interação, ou um contacto direto para poder verificar essas possíveis diferenças. ”

5. Estando o senhor presente neste TO e vivendo lado a lado com outras nações, de que forma vê a importância atribuída a este tema, quer por parte do Exército Português, quer pelos Exércitos da NATO?

“Eu a esta pergunta não te consigo responder, porque eu não sei exatamente o que é que os outros exércitos fazem em termos de aprontamento, portanto não te posso dizer qual é a importância que eles atribuem a isto do *Cultural Awareness*, quero acreditar que, no mínimo, dão a mesma importância que nós. ”

6. Da sua experiência em contingentes presentes no teatro em específico, quais são para si os pontos fortes e pontos fracos que identifica nos mesmos quer a nível da formação e treino quer a nível operacional?

“Pontos negativos, identifico o facto de ser dada a mesma formação a um militar que vá desempenhar cargos a nível individual e a uma força constituída como era o meu caso. Penso que essa formação deveria ser orientada para a missão que os militares vão desempenhar, nomeadamente alguém que vai estar ligado à mentoria não deveria ter apenas uma palestra de duas horas no seu aprontamento, por outro lado, não se vai ministrar um curso de cultura árabe a uma força tipo QRF, cujo contacto com a população é mínimo. Penso que mesmo para uma força QRF duas horas é pouco, mas pelo menos existe. Se calhar deveriam existir alguns testes culturais que garantissem que um militar ia para o teatro com o mínimo de conhecimento. Outro ponto negativo, é a não existência de uma entidade responsável pela instrução nesta área, ou pela apresentação destas palestras, ou ainda pela avaliação dos militares no final do aprontamento sobre estas questões. Esta entidade poderia melhorar este tipo de formação no nosso país, aproveitando as valências existentes no nosso exército, e aplicar na prática estas matérias em exercícios práticos. ”

7. A Força dispunha de algum tipo de “regras de empenhamento culturais / religiosas”? Se sim, quais?

“Este tipo de informações foram dadas na tal palestra de *Cultural Awareness*, não passou ao papel como uma regra de empenhamento, os militares ficaram alertados para certas situações, mas uma coisa escrita não existia, a não ser o que estava escrito nos *handbook*. Admito que pudessem haver comandantes de grupo de outros contingentes, que não o meu, que poderiam fazer referência a estes fatores nos *briefings* antes das ações, mas na minha não havia necessidade de fazer estas chamadas de atenção em todas as ações, penso que bastou na palestra durante o aprontamento e talvez numa ou noutra ação em específico, mas estes avisos não eram feitos na minha força regularmente. ”

8. Na sua perspetiva a atuação das forças nacionais foi diferenciada em termos culturais em comparação com outras forças NATO?

“Foi sem dúvida nenhuma diferenciada em termos de relacionamento com os afegãos, e isto decorre muito desta nossa empatia natural e desta nossa maneira de ser. Eu tenho um episódio que responde muito bem a esta questão. Quando nós fomos para Farah e fomos lá apoiar um PRT americano e estavam lá dois militares que perguntaram se podiam vir connosco, já que nos íamos fazer um reconhecimento entre Farah e este PRT, e nós aceitamos. Durante essa operação, eles sugeriram que parássemos numa localidade para cumprimentar as autoridades locais, coisa que nós já estávamos habituados a fazer em Cabul, normalmente estabelecíamos contacto com as autoridades onde íamos atuar. Eles entram lá à patrão, tipo cowboy, e eu ia com o pensamento que eles iam entrar de uma forma facilitadora, e nos fossem apresentar como uma força que ia estar ali a atuar, e ia trabalhar com eles com uma postura amigável. Nessa altura, eles fizeram uma autêntica busca às instalações da polícia e eu tive que intervir junto destes militares e a situação acalmou. Mas o que ficou foi a forma diferenciada de atuação por parte deles comparativamente à nossa. Não sei se é por se sentirem, enquanto nação, mais ameaçados, ou por serem mais mediáticos, mas de facto existe uma diferença na forma de atuação em relação a outros contingentes.”

9. Deseja acrescentar mais alguma coisa?

“Não tenho mais nada a acrescentar. ”

**Obrigado pela sua colaboração.**

**Tiago Pires**

**Asp Of Al Inf**

**Apêndice J – Entrevista dirigida ao Maj Inf António Oliveira.**



**Exército Português**

**ACADEMIA MILITAR**

**Trabalho de Investigação Aplicada**

**ENTREVISTA**

**Graduados**

Esta entrevista está inserida no Trabalho de Investigação Aplicada, com vista à atribuição do grau de Mestre no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, com o título “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”.

**Dados da entrevista:**

Código do Interlocutor: G-7;

Interlocutor: Major de Infantaria António Oliveira;

Entrevistador: Aspirante Aluno de Infantaria Tiago Pires;

Cargo atual: Diretor dos cursos de Infantaria da Academia Militar, Regente e Docente das UC M133 – Tática de Infantaria I e UC M134 – Tática de Infantaria II;

Cargo/os que desempenhou no TO: Mentor do *branch* G2 3ª OMLT.D;

Data: 11/03/2015;

Hora: 11:00;

Local: Gabinete de Infantaria na Academia Militar;

Suporte: Áudio e Word;

**Preâmbulo de orientação:**

Esta entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”. Esta entrevista é direcionada a militares do Exército que desempenharam funções neste teatro de operações familiarizados quer com a fase de aprontamento dos contingentes para o Afeganistão, quer com a própria vivência com o povo Afegão e sua cultura. Tem como objetivo recolher informação junto de interlocutores privilegiados na temática do teatro de operações Afeganistão, abordando o treino e instrução neste âmbito, e quais os resultados que se obtém com o mesmo.

**Questões:**

1. Sabendo que as diretivas de aprontamento dedicam alguns tempos de instrução e treino a esta área específica do *Cultural Awareness*, de que forma é que estes são postos na prática?

“A minha nomeação foi uma situação excecional, porque o comandante da 3ª OMLT.D, só teve o pessoal praticamente em janeiro (fomos projetados para o TO do Afeganistão em março), ou seja, só foi possível fazer cerca de 2 meses de aprontamento com a força completa. No meu caso específico (assessor/mentor G-2) e do assessor/mentor do G3, tivemos apenas um mês de aprontamento e estando eu ligado à área das informações militares tive por iniciativa procurar informação (DIMIL/EMGFA), mas estava prevista/planeada uma palestra no âmbito do aprontamento, por parte do G2 da BrigRR, que já tinha estado no Afeganistão (Maj Inf Gomes), essa palestra foi sobre os usos e costumes da população, religião, calendário persa, ameaças, procedimento, entre outras informações no âmbito do *Cultural Awareness* e da proteção da força. Neste sentido a OMLT foi mais esclarecida sobre esta questão do *Cultural Awareness*. Por outro lado, sabendo que estava nomeado para este TO, eu próprio tive a preocupação de me deslocar a DIMIL no EMGFA e falar com uma entidade responsável pela área do Afeganistão, a fim de esclarecer acerca de alguns assuntos relacionados com estas questões culturais e não só. Fui lá em termos pessoais e por sentir-me responsável (apesar da minha missão primária não ser esta) de poder proporcionar conhecimento a todos os elementos da OMLT.D alguns aspetos relevantes quer em termos das informações, mas também nas questões culturais, dado que íamos estar em contacto com uma cultura muito distinta da nossa. Por outro lado, elaborei um *handbook* para a OMLT que, no fundo, resumia alguns dados anteriores com outra informação relevante e recente. Esta informação foi retirada junto dos militares que participaram em missões anteriores e informação disponibilizada pela ISAF. Portanto, houve realmente essa palestra com a duração de cerca de uma hora, que considero relevante para qualquer elemento/força que se desloque em missão para este TO e analogamente para qualquer outro TO, atendendo à sua especificidade”.

2. Ao longo dos vários contingentes que prestaram serviço no Afeganistão, todos eles apontam como principais constrangimentos à atuação das forças neste TO o relevo e



a cultura do povo afegão. Que importância é dada a estes fatores aquando do aprontamento das FND para este TO tão específico?

“Estamos a falar das características da área de operações, e nós estávamos a atuar a quase dois mil metros de altitude, no meu caso o que mais afetou foi o calor (clima quente e cálido 35° a 40°), tínhamos por isso uma grande preocupação com a desidratação e com a alimentação. O pessoal que foi destacado no período do inverno teria outro tipo de preocupações visto que o Afeganistão tem uma grande amplitude térmica entre o dia e a noite, e durante o inverno as temperaturas poderão atingir até -40° (em Cabul ronda os -10° em janeiro).

A nível cultural é relativo, mas foi dada alguma importância, na minha opinião deveria ter sido dado mais tempo para compreender este âmbito cultural, mas a importância é relativa, e vai sempre depender do tipo de missão, ou seja, para uma QRF não se deverá despende o mesmo tempo com esta questão, como se despende com elementos ligados à mentoria, porque o contacto direto com a população e o tempo que se está em contacto com essa mesma população também é diferente nos diferentes empenhamentos dos nossos militares. Mas também tenho que realçar o esforço que é feito para conseguir esta palestra, e por outro lado, ter em conta que para o meu tipo de missão, todos nós eramos graduados e, portanto, o nível de formação era bastante aceitável, portanto também nos compete a nós, a título individual, tentar colmatar esta situação através da procura de informação que temos ao nosso dispor hoje em dia, e foi isso que eu fiz”.

3. Dada a elevada importância que esta área tem neste TO de que forma é que pensa que a falta de formação, instrução e informação acerca da cultura deste país pode pôr em causa quer a vida dos militares, quer a própria missão?

“Pode pôr em causa só pela simples questão do «cabo estratégico» em que o simples ato isolado e involuntário de um soldado, com falta de informação principalmente sobre estas questões, pode, sem dúvida, comprometer a missão de toda uma força, ou mesmo da participação de uma nação (porque o que fica logo em causa é a coligação – o ato foi causado pela ISAF) e logo, é explorado por parte dos insurgentes sob a forma de propaganda. Por exemplo, entrar numa mesquita calçado e armado, ou ofender o tal código de honra que existe em determinadas etnias pode obviamente, pôr em causa quer a missão, quer a vida dos militares. Por outro lado, há que referir que do lado deles (afegãos) também há um certo bom senso, ele têm a noção de que a nossa cultura é efetivamente diferente, e por isso também conseguem

distinguir quando se trata de um ato feito com intenção provocatória ou por desconhecimento, e valorizam muito este nosso esforço em respeitar os seus usos e costumes”.

4. Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

“Esta formação, no meu caso, como te disse, foi uma palestra com a duração de uma hora, onde se abordou os temas gerais ligados à cultura como etnias, linguística, religião e algumas questões mais ligadas ao quotidiano e ameaças. Logo, à partida, quando sabes que vais para este tipo de teatro, tu tens que te preparar para isso e tens que procurar nas diversas plataformas que tens à tua disposição hoje em dia, quer seja *internet*, quer sejam relatórios, livros e artigos, entre outras fontes bibliográficas, mas a principal fonte deve ser sempre quem já lá esteve e conhecer as experiências. Isto pode ser feito de duas formas: ou de uma forma informal, e nós temos esta facilidade de ter um exército pequeno, ou através do centro de lições apreendias, que também é uma grande ferramenta quando nos estamos a preparar para ir para um teatro com estas características. Eu penso que, por estes motivos, não se verifica efetivamente uma diferença na conduta das forças”.

5. Estando o senhor presente neste TO e vivendo lado a lado com outras nações, de que forma vê a importância atribuída a este tema, quer por parte do Exército Português, quer pelos Exércitos da NATO?

“A importância dada a esta temática é, na minha opinião, elevada por parte dos exércitos da NATO e isso verifica-se com a quantidade de *smartcards* e *handbook* sobre *Cultural Awareness* que são publicados e atualizados, mas também existe na Polónia o *Joint Force Training Centre* um organismo da NATO que se especializa nestas questões culturais, e não só, e onde também é dada formação aos militares dos países da Aliança. Em Portugal, suponho que, embora não seja despendido muito tempo de instrução/formação, neste âmbito, e o que é feito é apenas sobre a forma de palestra. Ora, para o nosso exército e para os outros da Aliança, e não só, é sem dúvida um assunto muito importante, até porque nós estamos inseridos na NATO e aparentemente seguimos a mesma linha condutora. De referir ainda que no passado, durante as campanhas em África, este assunto do *Cultural Awareness*, apesar de não ter esta designação, foi muito bem explorada.”

6. Da sua experiência em contingentes presentes no teatro em específico, quais são para si os pontos fortes e pontos fracos que identifica nos mesmos quer a nível da formação e treino quer a nível operacional?

“Pontos fortes, identifico a partilha de informações entre as forças que estão a aprontar e as que já regressaram do teatro, o facto de se treinar em “terreno semelhante” ao que se vai encontrar no TO. Outro ponto positivo, é o facto de termos muitos militares que já participaram em várias missões neste TO e isto facilita bastante, quer o treino, quer a conduta das operações.

Pontos fracos, identifico o pouco tempo despendido nesta área durante o aprontamento, a falta de exercícios práticos neste âmbito também e julgo que seria vantajoso avaliar os militares nestas questões culturais antes de serem destacados para o Afeganistão, isto poderia ser feito através de testes teóricos e através de provas práticas. No decorrer dos exercícios finais dos aprontamentos, poderiam ser também injectados incidentes de âmbito cultural para verificar o desembaraço e validar a formação dos militares e as suas capacidades de decisão (a todos os níveis, incluindo as praças) ”.

7. A Força dispunha de algum tipo de “regras de empenhamento culturais / religiosas”? Se sim, quais?

“Não havia nada escrito, o que havia de mais semelhante eram os *handbooks*, porque houve a tal palestra onde se bateram estas questões e serviram para sensibilizar para estes aspetos. Ao nível tático e antes da conduta das operações, e dependendo da atitude do comandante (a vários níveis), o que haveria, eram avisos/conselhos para situações específicas, como por exemplo em relação à alimentação quando saíamos para fora do aquartelamento e procedimentos a ter com determinados indivíduos (militares afegãos), decorrente do cruzamento de informação”.

8. Na sua perspetiva a atuação das forças nacionais foi diferenciada em termos culturais em comparação com outras forças NATO?

“Era diferenciado pela nossa maneira de ser e de estar, obviamente nós andávamos sempre acompanhados de uma *force protection*, mas tínhamos o cuidado de os colocar (dispositivo de segurança) por forma a não causar constrangimento às pessoas/militares com quem estávamos a trabalhar, ou seja, tudo dependeria do estado de segurança naquela altura (que por vezes poderia não ser o mesmo que para

KAIA). O nosso comportamento era profissional e próximo, o que não acontece com outros exércitos como o americano (sob o ponto de vista do trato pessoal apenas, e não profissional), talvez por se sentirem mais ameaçados e serem considerados alvos apetecíveis e mediáticos (o que era o caso). Os afegãos são pessoas muito sociáveis e afáveis, e nós perguntamos como está a família, ou falávamos de questões relacionados com a sua vida e com o seu país, havia uma relação próxima baseada no profissionalismo mas também com alguma “amizade”. Outros exércitos agiam de forma “mecânica” e impessoal, obedecendo a uma *checklist*, o que cria distanciamento nas relações e causa desconfiança entre as pessoas e isto para as informações militares é fundamental (HUMINT)”.

9. Deseja acrescentar mais alguma coisa?

“A partilha de informação é fundamental, para que cada força que vá para o teatro vá melhor preparada, e para que não se cometam sempre os mesmos erros, para isto concorre o centro de lições apreendidas, que tem uma tarefa muito importante no fornecimento deste tipo de informações, principalmente para ajudar no planeamento dos aprontamentos. Para ajudar no aprontamento e relacionado, especificamente, com o *Cultural Awareness*, julgo que seria vantajoso potenciar ainda mais as estruturas existentes (CISMIL e CSMIE) que facultasse a recolha de informações sobre os diversos TO, em tempo oportuno, e de acordo com as áreas geográficas onde participamos em FND e END. Paralelamente, estes centros seriam os mais indicados para realizar as tais palestras com informação atualizada, o que nem sempre acontece, poderiam assim auxiliar na condução de exercícios práticos das FND, neste âmbito e não só, e até proceder à tal avaliação/validação, conforme anteriormente referido.

Esta questão do *Cultural Awareness* é, sem dúvida, muito importante e deverá ser considerado para qualquer TO, e no Afeganistão em particular, onde o risco e as ameaças são constantes. Porque dependendo da missão, poderá facilitar/agilizar a atuação das FND e das pessoas a título individual”.

**Obrigado pela sua colaboração.**

**Tiago Pires**

**Asp Of Al Inf**

---

**Apêndice K – Entrevista dirigida ao Cor Inf Paulo Domingos.**



**Exército Português**

**ACADEMIA MILITAR**

**Trabalho de Investigação Aplicada**

**ENTREVISTA**

**Graduados**

Esta entrevista está inserida no Trabalho de Investigação Aplicada, com vista à atribuição do grau de Mestre no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, com o título “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”.

**Dados da entrevista:**

Código do Interlocutor: G-8;

Interlocutor: Coronel Infantaria Paulo Domingos;

Entrevistador: Aspirante Alundo Infantaria Tiago Pires;

Cargo atual: Chefe da Repartição de Reprodução de Informações;

Cargo/os que desempenhou no TO: Executive Officer / Military Advisor Team (MAT) e Chief of Staff (COS) Advisor / 111 Capital Division / Afghan National Army (ANA)

Data: 17/03/2015;

Hora: 09:00;

Local: CISMIL – EMGFA;

Suporte: Áudio, Word;

**Preâmbulo de orientação:**

Esta entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”. Esta entrevista é direcionada a militares do Exército que desempenharam funções neste teatro de operações familiarizados quer com a fase de aprontamento dos contingentes para o Afeganistão, quer com a própria vivência com o povo Afegão e sua cultura. Tem como objetivo recolher informação junto de interlocutores privilegiados na temática do teatro de operações Afeganistão, abordando o treino e instrução neste âmbito, e quais os resultados que se obtém com o mesmo.

**Questões:**

1. Sabendo que as diretivas de aprontamento dedicam alguns tempos de instrução e treino a esta área específica do *Cultural Awareness*, de que forma é que estes são postos na prática?

“As ações de formação e treino na área do *Cultural Awareness* ministrada durante a fase de aprontamento dos militares são depois em prática no desempenho das funções. Quando falamos de um contingente nacional (com diferentes valências), alguns elementos são confrontados com a aplicação destas aprendizagens, mais do que outros, em função da sua atividade específica no TO. Um exemplo concreto, bem ilustrativo, é o da *Military Advisor Team* (MAT) Portuguesa que trabalhava diariamente em conjunto com os Oficiais do Estado-maior da Divisão Afegã. Nestas circunstâncias, eram essenciais as atitudes comportamentais para não ferir suscetibilidades culturais. Estou seguro de que conquistámos o respeito dos militares afegãos, como se verificava nos eventos da Divisão (cerimônias), convidados a participar pelos nossos pares, faziam questão de nos dar um lugar de destaque ao lado deles. Esta deferência demonstrava o respeito conquistado, fruto do trabalho e do entendimento com eles”.

2. Ao longo dos vários contingentes que prestaram serviço no Afeganistão, todos eles apontam como principais constrangimentos à atuação das forças neste TO o relevo e a cultura do povo afegão. Que importância é dada a estes fatores aquando do aprontamento das FND para este TO tão específico?

“O relevo é importante para a condução das operações no terreno e este é sem dúvida inóspito. Para o teu trabalho, o mais pertinente são os aspetos culturais, aos quais foi atribuída uma grande importância durante a nossa preparação. Tal pode ser verificado através do programa de treino geral, conferido a todos os militares do contingente, com o enquadramento cultural, histórico e geográfico, do Afeganistão. Estas áreas, foram ainda mais aprofundadas para aqueles que teriam funções de maior proximidade com os afegãos. Nomeadamente, para a MAT, já no âmbito de um programa de treino específico, foi facultada formação na Polónia, no *Joint Force Training Centre* (JFTC), em *Bydgoszcz*. Este treino específico, começou com um

---

conjunto de avaliações através de *e-learning* no site da NATO ainda em Portugal, prosseguiu com uma integração gradual de conhecimentos no JFTC e culminou ainda neste, praticando as funções para que estávamos designados com a interação de *Role players* (militares e polícias afegãos).

No âmbito nacional, também houve lugar a consolidação do treino com o Exercício *Kabul* no final do programa de aprontamento do contingente. Neste exercício, foi ainda efetuada a avaliação (certificação) nacional. Aqui, mais uma vez, o *Cultural Awareness* foi também posto à prova”.

3. Dada a elevada importância que esta área tem neste TO de que forma é que pensa que a falta de formação, instrução e informação acerca da cultura deste país pode pôr em causa quer a vida dos militares, quer a própria missão?

“Pode pôr em causa a vida dos militares e da própria missão. Se não conseguirmos estabelecer boas relações interpessoais através de um processo de respeito mútuo, geramos antipatias que podem comprometer a nossa segurança e em última instância a missão.

Uma boa relação interpessoal começa por conquistar a confiança da pessoa com que trabalhamos (afegão). Este tem que sentir a nossa determinação e vontade em apoiar, desinteressadamente, sem os substituir”.

4. Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

“Há diferenças porque nós estamos imbuídos no espírito de missão e recetivos a melhorar tudo o que for possível para cumprir a missão. Vamos assim interiorizando os conceitos adquiridos e alterando os nossos comportamentos. Como exemplo, fazíamos correções uns aos outros, sobre a terminologia adequada para uso no tratamento com os locais. Este processo permitiu criar hábitos ainda em Portugal e fez com que a atuação no TO e o relacionamento com os afegãos ocorresse sem qualquer handicap”.

5. Estando o senhor presente neste TO e vivendo lado a lado com outras nações, de que forma vê a importância atribuída a este tema, quer por parte do Exército Português, quer pelos Exércitos da NATO?

Não querendo adjetivar esta questão, julgo que é sem dúvida significativa. Penso que é assim que o exército português também a vê. Comparando com outros contingentes de outras nações, é difícil de aferir a importância dada por cada um a este tema. Julgo que os contingentes que estavam connosco na área de Kabul não



deferiam muito de nós neste aspeto. Tendo presente que usamos uma doutrina comum (NATO) este elemento por si só, já nos congrega. Há ainda possivelmente pequenas diferenças, que se podem justificar como tendo origem em diversos fatores, como culturais, educacionais, experiências pessoais etc. Considero o contingente americano como o revelador de menor homogeneidade e de maior instabilidade comportamental. Talvez justificado pela sua grande diversidade cultural, pelo ónus de serem um ator principal no TO e por isso, o alvo preferencial dos insurgentes”.

6. Da sua experiência em contingentes presentes no teatro em específico, quais são para si os pontos fortes e pontos fracos que identifica nos mesmos quer a nível da formação e treino quer a nível operacional?

“Como pontos fortes, identifico a nível do treino, a formação específica na Polónia, *Bydgoszcz*. Esta culminou num exercício, integrando militares e polícias afegãos como *role players*, onde assumiam as funções de Comandante de Divisão, de Chefe de Estado-maior da Divisão, Chefe da Polícia de Cabul, etc. Proporcionou recrear incidentes ocorridos no passado no Afeganistão e aferir as dificuldades na resolução dos mesmos. Foi uma experiência muito rica. Outro ponto forte, este de nível operacional, foi o exercício Kabul realizado em Tancos pela Brigada de Reação Rápida e que culminou com a nossa certificação. Neste exercício, tudo foi feito para verificar e validar as diferentes valências da força, necessárias no TO. O terreno e as infraestruturas existentes na região de Tancos (p.e. aeroporto) ajudaram muito a criar semelhanças com as áreas de trabalho no Afeganistão. Pontos fracos? Não consigo identificar pontos fracos”.

7. A Força dispunha de algum tipo de “regras de empenhamento culturais / religiosas”? Se sim, quais?

“Estas regras existiam, as diretivas faziam referência ao *Cultural Awareness*, as ações de formação cobriram a temática específica e as regras foram disseminadas em brífingues e *handbook* distribuído à força. Situações como, cruzar a perna, forma de cumprimentos, aspetos linguísticos foram devidamente acautelados”.

8. Na sua perspetiva a atuação das forças nacionais foi diferenciada em termos culturais em comparação com outras forças NATO?

“Diferem um pouco e atendo às diferenças culturais de cada país. Neste campo, nós portugueses, somos um povo mais aberto, mais afetivo, mais compreensivo e isto



facilita obviamente as relações entre os seres humanos. As relações interpessoais entre nós e eles (afegãos) foram, na sua maioria, de amizade efetiva, que em alguns casos ainda hoje se mantêm, apesar da distância física”.

9. Deseja acrescentar mais alguma coisa?

“Não tenho nada a acrescentar, alguma dúvida, dispõe.”

**Obrigado pela sua colaboração.**

**Tiago Pires**

**Asp Of AI Inf**

---

**Apêndice L – Entrevista dirigida ao Cor Cav Vítor Santos.**



**Exército Português**  
**ACADEMIA MILITAR**  
**Trabalho de Investigação Aplicada**  
**ENTREVISTA**  
**Graduados**

Esta entrevista está inserida no Trabalho de Investigação Aplicada, com vista à atribuição do grau de Mestre no âmbito do ciclo de estudos de Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria, com o título “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”.

**Dados da entrevista:**

Código do Interlocutor: G-9;

Interlocutor: Coronel Cavalaria Vítor Santos;

Entrevistador: Aspirante Alundo Infantaria Tiago Pires;

Cargo atual: Chefe de Estado-Maior do Comando das Forças Terrestres (CFT);

Cargo/os que desempenhou no TO: Comandante do 7º Contingente

Data: 26/03/2015;

Hora: 18:00;

Local: CFT;

Suporte: Áudio, Word;

**Preâmbulo de orientação:**

Esta entrevista insere-se no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*Cultural Awareness Military Training Em Portugal, O Estudo De Caso Do Afeganistão*”. Esta entrevista é direcionada a militares do Exército que desempenharam funções neste teatro de operações familiarizados quer com a fase de aprontamento dos contingentes para o Afeganistão, quer com a própria vivência com o povo Afegão e sua cultura. Tem como objetivo recolher informação junto de interlocutores privilegiados na temática do teatro de operações Afeganistão, abordando o treino e instrução neste âmbito, e quais os resultados que se obtém com o mesmo.

**Questões:**

10. Sabendo que as diretivas de aprontamento dedicam alguns tempos de instrução e treino a esta área específica do *Cultural Awareness*, de que forma é que estes são postos na prática?

“No 7º contingente como é lógico, nós tecemos um diretiva de aprontamento onde consideramos os aspetos culturais a ter na missão. Mesmo assim, com todos os cuidados que pudéssemos ter, ainda não estaríamos 100% preparados, só no terreno é que se nos deparam certas situações impossíveis de prever. No nosso caso, até tivemos a oportunidade de, durante o exercício de aprontamento, na fase final, juntamente com os militares que tinham estado antes de nós no terreno, levar acabo algumas ações neste âmbito, nomeadamente para aqueles que iriam ter maior contacto com a população (MAT e OMLT), pois existem militares que durante a missão não têm qualquer ligação com a população afegã. Nestas ações eram injetados problemas que aconteceram na realidade para ver a forma como estes iriam reagir, podendo assim tirar algumas conclusões. Houve realmente esta preocupação na fase de aprontamento e também beneficiámos por sermos o 7º contingente português neste território, por isso beneficiámos da experiência dos outros. Neste âmbito, houve também palestras para todos os integrantes do contingente”.

11. Ao longo dos vários contingentes que prestaram serviço no Afeganistão, todos eles apontam como principais constrangimentos à atuação das forças neste TO o relevo e a cultura do povo afegão. Que importância é dada a estes fatores aquando do aprontamento das FND para este TO tão específico?

“O 7º contingente não se sentiu constrangido por encontrar uma cultura diferente, até pelo contrário, penso que por ser uma cultura tão diferente da nossa, acaba por ser mais aliciante para quem vai para o teatro. Depois há o ser português que, naturalmente, consegue estabelecer relações e tem esta facilidade, nem todos os países têm esta facilidade e isso é notório. Devo também realçar que mais de 60% dos meus militares já tinham sido destacados em missão, e já tinham esta experiência de trabalhar com culturas diferentes, sabiam respeitar e ajudar os que iam pela primeira vez para lá. Da parte dos afegãos talvez não sejam assim tão diferentes em termos afetivos, comparativamente aos portugueses, e acabam por ser bastante afáveis e amistosos, desde que haja um respeito mútuo. Neste aspeto, mais uma vez,

---

beneficiámos da presença e do trabalho dos contingentes nacionais que nos antecederam e já tinham relações estabelecidas”.

12. Dada a elevada importância que esta área tem neste TO de que forma é que pensa que a falta de formação, instrução e informação acerca da cultura deste país pode pôr em causa quer a vida dos militares, quer a própria missão?

“É determinante, não me passa pela cabeça uma força ser destacada para este TO sem qualquer instrução sobre este assunto, ainda menos para uma região com aquelas características culturais. Tem que haver sempre formação nesta área. No mínimo disponibilizar informação para consulta dos militares. Numa situação ideal, a força não deve somente conhecer os aspetos culturais, deve sim compreendê-los. Sem dúvida nenhuma que isto poderá pôr em causa quer a missão, quer numa situação limite, a vida de um militar”.

13. Que diferenças se verificam na conduta das forças após receberem esta formação?

“O nosso exército já vem tendo alguma experiência em termos de atuação em teatros internacionais, só no Afeganistão foram 12 anos, o que também nos leva a concluir que mesmo que a formação dada nesta área tenha sido pouca, atualmente os militares que integram estes contingentes mais recentes, já estiveram nessas forças anteriormente, e melhor que qualquer palestra ou simulação de incidentes, a experiência obtida no terreno é muito mais relevante. É muito difícil hoje em dia encontrar numa determinada unidade que vá ser destaca para uma missão deste tipo e encontrar muitos militares que nunca tenham estado numa missão anteriormente, o que facilita a atuação da força no terreno”.

14. Estando o senhor presente neste TO e vivendo lado a lado com outras nações, de que forma vê a importância atribuída a este tema, quer por parte do Exército Português, quer pelos Exércitos da NATO?

“Eu parece-me que no ano que estamos (2015), que este tema é perfeitamente compreendido, aceite e tomado de uma forma responsável por todos os exércitos. As preocupações deverão ser as mesmas, mas haverá algumas nações que têm mais disponibilidade de tempo e recursos para investir neste tema que outros poderão não ter. Eu julgo que Portugal tem lidado bem com a assunto e constitui uma preocupação na preparação de todos militares, quer individualmente, quer inseridos numa força constituída. Naturalmente que deverá ter-se em conta as características das funções

---

que esses militares vão desempenhar, nomeadamente se vão ou não lidar com a população civil. Em termos gerais, a importância dada é igual para todos os exércitos, sendo que é bastante importante”.

15. Da sua experiência em contingentes presentes no teatro em específico, quais são para si os pontos fortes e pontos fracos que identifica nos mesmos quer a nível da formação e treino quer a nível operacional?

“É sempre possível melhorar tudo o que fazemos. Eu vou-te dar um exemplo que ilustra bem esta pergunta, nos estávamos cientes que uma situação destas poderia acontecer. Na cultura afegã, é normal num deslocamento, o homem ir à frente distanciando da mulher que segue atrás, como se houve-se um grau hierárquico e que se reflete nos deslocamentos deles, quem vai à frente tem uma posição hierárquica superior. Houve uma situação em que um elemento da nossa força se deslocava à frente e o nosso intérprete seguia atrás e sem querer pisou-lhe o calcanhar. Este desfez-se em desculpas, por ser um ato grave na cultura afegã. Isto demonstra que nós não sabemos tudo quando vamos para o teatro e serviu para alertar todo o contingente para precaver esta situação e até veio a ser incluído na lista que te referi na pergunta anterior. Isto para te dizer que poderia haver uma entidade que tratasse estas questões e que, posteriormente, as tratasse a nível do aprontamento das futuras forças destacadas”.

16. A Força dispunha de algum tipo de “regras de empenhamento culturais / religiosas”? Se sim, quais?

“Sim existia, havia no aprontamento as palestras e as ações de formação com o pessoal que já esteve no teatro que serviram neste sentido e há uma lista publicada nos *handbooks* distribuídos à força, que refere algumas precauções que devemos tomar, nomeadamente os cuidados na época do ramadão, não fumar, não discutir política, as questões das mulheres etc. Existia um conjunto de situações para as pessoas estarem alertas e que eram constantemente atualizadas”.

17. Na sua perspetiva a atuação das forças nacionais foi diferenciada em termos culturais em comparação com outras forças NATO?

“Não tenho dúvidas nenhuma que os estrangeiros não são tratados de igual forma, e isto tem haver mais uma vez com as características de cada povo, de cada cultura, e os afegãos não se dão a conhecer da mesma forma com todos os

estrangeiros que atuam no seu país. Eles conseguem sentir se o contacto é sincero ou forçado e, naturalmente, a nossa atuação neste sentido foi sem dúvida diferenciada. Fomos bem recebidos e tratados por eles pelas características da nossa própria cultura, sabemos respeitar os outros e temos um tratamento fácil e ao mesmo tempo profissional. Há países que não têm esta capacidade”.

18. Deseja acrescentar mais alguma coisa?

“Foi uma experiência muito enriquecedora, embora não tenha sido a minha primeira missão, portanto para mim não constituí novidade, mas é sempre uma experiência enriquecedora, e arrisco-me a dizer que, quanto mais estranha é a cultura com a qual vamos lidar, mais enriquecedora se torna a missão, e no final tem um sabor especial.”

**Obrigado pela sua colaboração.**

**Tiago Pires**

**Asp Of Al Inf**

## Apêndice M – Amostragem das Entrevistas

Tabela nº 2 - Amostragem das Entrevistas

Cargo no TO	Posto	Nome	Data da Entrevista	Local
<u>Cmdt 7º cont</u>	Coronel	Vitor Santos	2319000MAR15	CFT
Chefe do Estado Maior da OMLT KCD	Coronel	Nuno Pires	051400MAR15	AM
Executive Officer / Military Advisor Team (MAT) e Chief of Staff (COS) Advisor / 111 Capital Division /Afghan National Army (ANA)	Coronel	Paulo Domingos	170900MAR15	EMGFA
Comandante de Companhia (QRF) e Comandante da unidade de Apoio	Tenente-Coronel	José Ruivo	101545MAR15	CTC
Comandante de Companhia, Mentor OMLT, Mentor MAT	Major	António Grilo	061000MAR15	IESM
Mentor do brunch G2 OMLT 03 KCD	Major	António Oliveira	111000MAR15	AM
Oficial de Informações e Oficial de Segurança	Major	Roberto Mariano	041400MAR15	AM
Analista de audiências alvo - TAA (Target Audience Analysis) - <u>Combined Joint Psyops Task Force (CJPOTF)</u>	Major	Pedro Ferreira	021400MAR15	AM
<u>Cultural Advisor, Public Affairs, Célula de informações militares.</u>	Sargento-Ajudante	António Rodrigues	060900MAR15	EMGFA

# Anexos



## **Anexo A – Bandeira oficial da República Islâmica do Afeganistão**



**Figura 5 - Bandeira oficial da República Islâmica do Afeganistão**

**Fonte:** (Afghanistan Smart Book, 2009)

Anexo B – Mapa **Político** da República Islâmica do Afeganistão

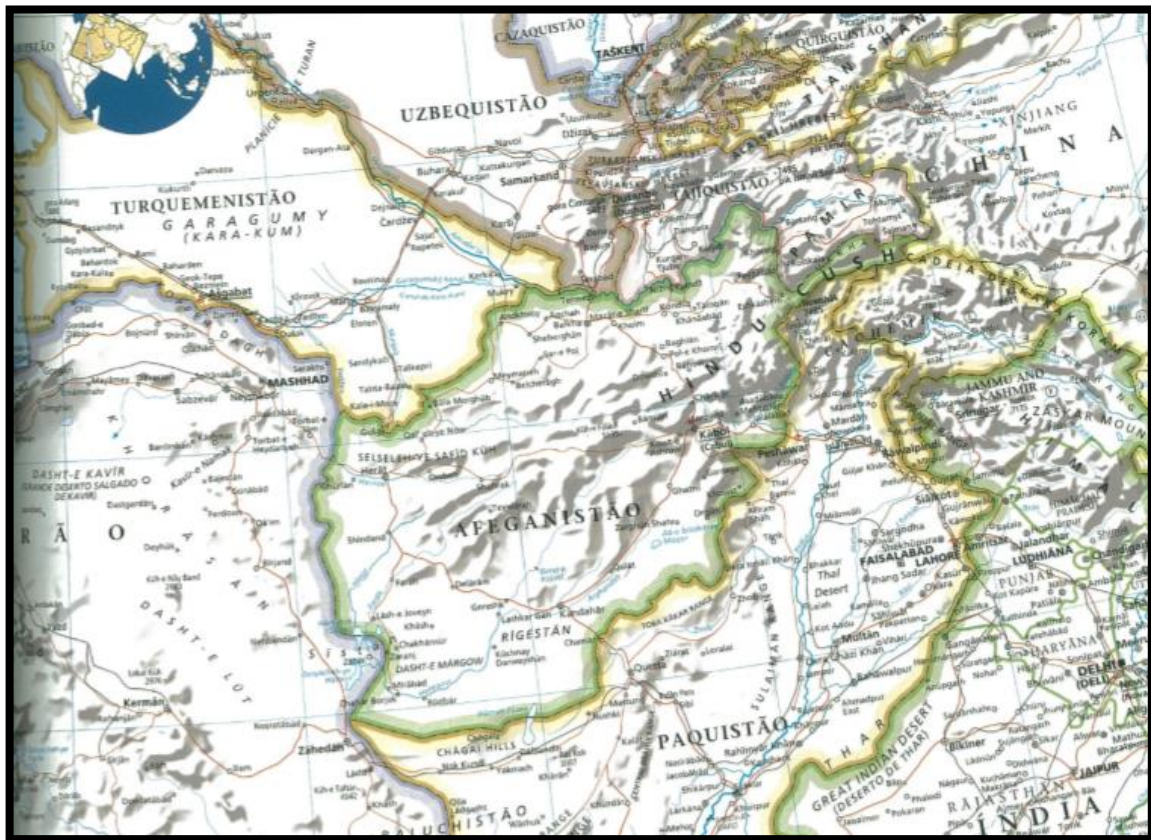
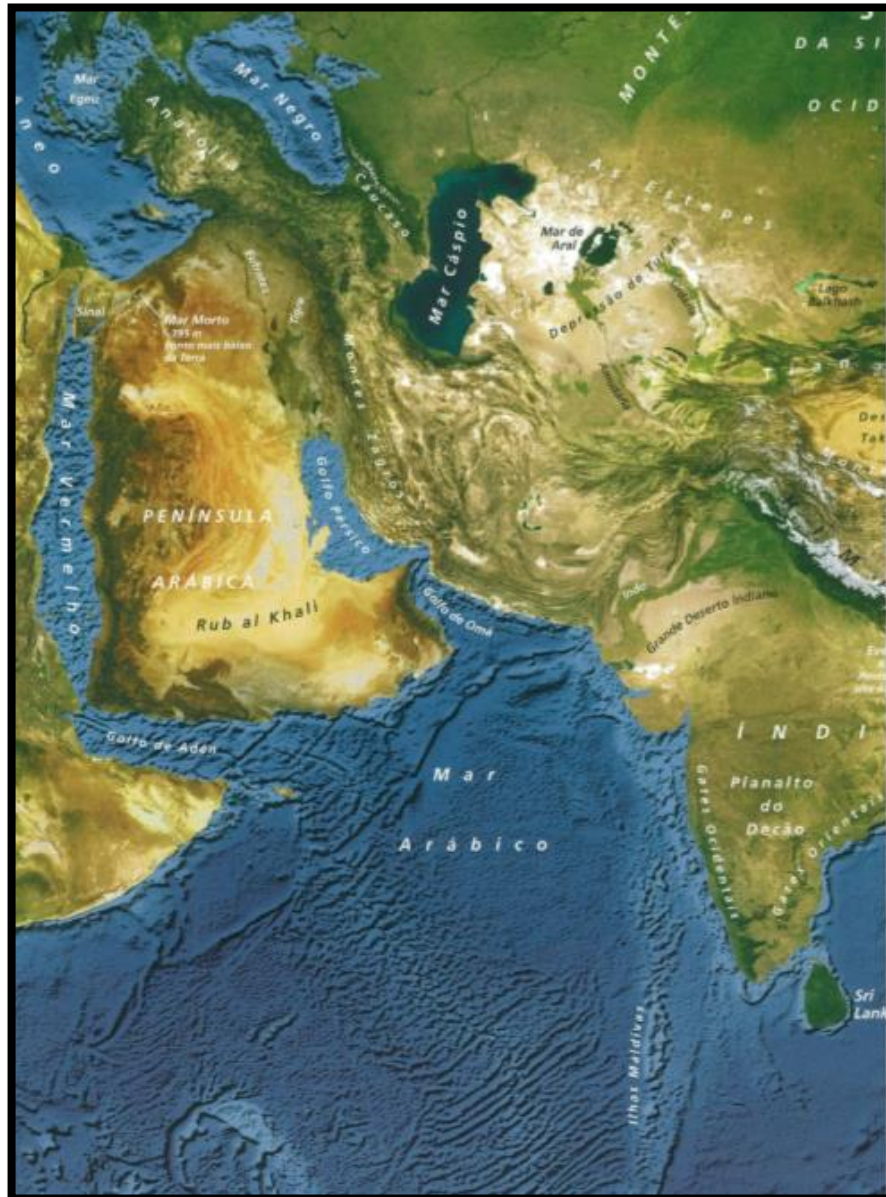


Figura 6 - Mapa **Político** da República Islâmica do Afeganistão

Fonte: (Atlas Nेशनल Geographic Asia I, 2005)

## Anexo C – Mapa da República Islâmica do Afeganistão com Relevo

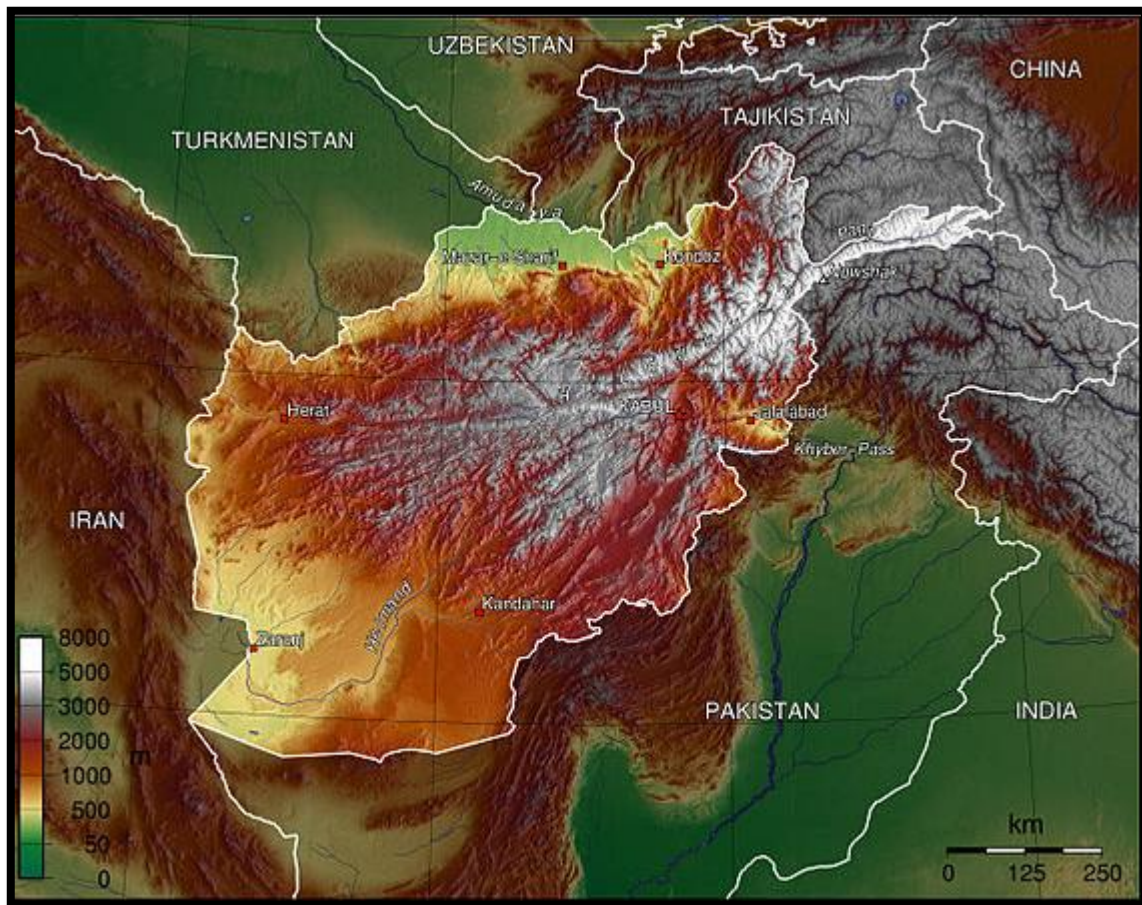


**Figura 7 - Mapa da República Islâmica do Afeganistão com Relevo**

**Fonte:** (Atlas National Geographic Asia I, 2005)



**Anexo D – Mapa da República Islâmica do Afeganistão com Relevo e Hidrografia**



**Figura 8 - Mapa da República Islâmica do Afeganistão com Relevo e Hidrografia**

**Fonte:** (Afghanistan Smart Book, 2009)

## Anexo E – Mapa com as Fronteiras da República Islâmica do Afeganistão



**Figura 9-** Mapa com as Fronteiras da República Islâmica do Afeganistão

**Fonte:** (Atlas Nेशनल Geographic Asia I, 2005)



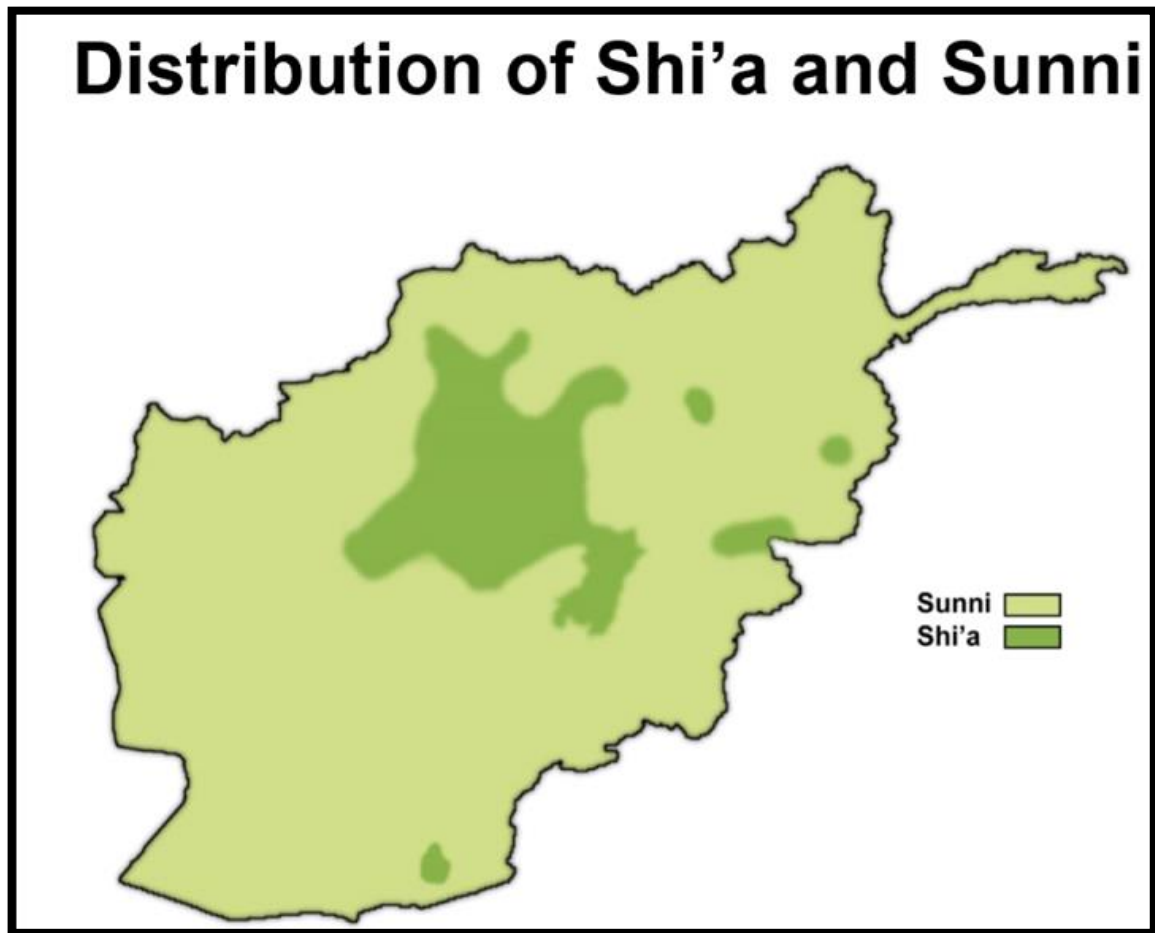
## Anexo G – Divisão Administrativa da República Islâmica do Afeganistão



Figura 11 - Divisão Administrativa da República Islâmica do Afeganistão

Fonte: (Afghanistan Smart Book, 2009)

**Anexo H – Distribuição religiosa da República Islâmica do Afeganistão**



**Figura 12 - Distribuição religiosa da República Islâmica do Afeganistão**

**Fonte:** (Afghanistan Smart Book, 2009)